



# Sangue no círculo

Contos de terror

Jorge Raskolnikov

# SANGUE NO CÍRCULO

**Jorge Raskolnikov**

Sangue no círculo 2002  
Publicação exclusivamente digital 04 de março de 2018

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida  
sem a permissão do autor.

Gostaria de saber sua opinião sobre esse trabalho.

Por favor envie suas impressões para [jorgeraskolnikov@gmail.com](mailto:jorgeraskolnikov@gmail.com)

Seus comentários são muito importantes para a continuação de outros projetos semelhantes a estes.

Vídeo tape

A noite de um louco

Um novo homem

Sangue no círculo

O mal

Vampiros

Sapiranga

Vampiros II

Filosofia do mal

Malinkov

Sobre o autor

*“Quando Ele chegou ao outro lado, à província dos gadarenos, foram ao seu encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros. Eram tão agressivos que ninguém podia passar por aquele caminho. E, de repente gritaram: “Que temos nós contigo, ó Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do devido tempo?”*

Mateus 8:29

## VÍDEO TAPE

*“Coisa espantosa e horrenda anda se fazendo na terra.”*

*Jeremias, Capítulo: 5, versículo: 30*

Rubens era muito perspicaz e por isso levou as fitas de vídeo para casa, embora as mesmas estivessem quebradas. Gostava de consertar coisas. Podia contar inúmeros radinhos de pilha, eletrodomésticos e brinquedos que fizera voltar a funcionar. As fitas de vídeo que encontrara eram novas. Deviam ter sido usadas, no máximo, duas vezes. Alguém as partira com o claro objetivo de que não pudessem ser reproduzidas ou regravadas. Todavia, os rolos estavam intactos e as fitas que tinham sido rebobinadas totalmente podiam ser aproveitadas. Rubens pensara nisso. Substituiria os rolos das fitas mofadas que tinha em casa pelos rolos intactos das fitas que encontrara e poderia gravar seus programas favoritos, sobretudo os filmes de ação de que tanto gostava.

Após chegar em casa e separar o material que recolhera para vender no dia seguinte, pegou seu estojo de chaves de precisão e foi trabalhar. Sentiu-se satisfeito depois que entendeu o mecanismo interno das fitas de vídeo. Substituiu os rolos de suas fitas estragadas pelo mofo, pelos rolos das fitas que encontrara, fez as emendas necessárias com fita adesiva, selecionou os parafusos em melhor estado e montou duas fitas com rolos praticamente novos. Guardou as ferramentas, as caixas de fitas quebradas e os rolos que não serviam mais. Foi até a sala e descobriu o vídeo cassete. Com muita esforço e economia o comprar

juntamente com o televisor de quatorze polegadas. Mas como valera a pena! Havia passado tardes inteiras de domingo assistindo a filmes de ação. Agora ia testar as novas fitas, se dessem certo, poderia depois gravar os filmes do Van Damme para ver quando quisesse. Ligou o vídeo, a tv, e inseriu a primeira fita. Acelerou a imagem e não viu nada além de chuviscos. Fez a fita correr sem imagem um pouco, depois acionou o play novamente. Nada de imagens. Estava mesmo com sorte, encontrara uma fita virgem. Rebobinou-a e a fez ejetar em seguida. Repetiu o mesmo procedimento com a outra fita. Para a surpresa de Rubens, uma imagem escura apareceu na tela indicando que ali havia alguma gravação. Apertou a tecla ffwd no controle remoto e viu a imagem de uma amplo galpão parcialmente iluminado e com uma mesa branca ao centro. Acelerou a fita cinco minutos sem imagem, voltou a acionar o play. Viu o mesmo galpão, a diferença agora era que, além de ver a imagem se desenrolar na velocidade normal, viu também figuras escuras e estranhas se posicionando ao redor da mesa. Homens trajando preto e usando capuzes que mostravam parcialmente seus rostos. Iniciou-se uma ladainha com todos aqueles sujeitos entoando um canto estranho. Rubens achou tudo aquilo muito engraçado, provavelmente a tentativa de produzir um filme caseiro; acelerou a fita mais alguns minutos. Quando voltou a assistir as imagens na velocidade normal, ouviu gritos oriundos da gravação. De repente a coisa não tinha a mesma graça. Na tv apareceram dois homens também fazendo uso de capuzes e conduzindo uma mulher. Outros se juntaram a eles e em seguida colocaram a mulher sobre a mesa. Ela continuou gritando e se sacudindo, o áudio as vezes não capturava bem seus brados, mas a imagem era clara: ali estava uma mulher contra a vontade, desesperada, se sacudindo como podia com pés e mãos atados. “Que diabos é isso?”, se perguntou Rubens. Algumas respostas passaram pela sua cabeça: um curta metragem tosco e de mal gosto, uma brincadeira estúpida... Ia deixar a sala, ir até a casa do vizinho para lhe mostrar aquilo, mas se deteve ao ver um homem surgir naquela imagem empunhando um machado. Rubens sentou-se e fixou os olhos na tv. “Que diabos...”, seu pensamento foi interrompido pela violenta cena que seus olhos testemunharam. A mulher que gritava desesperadamente levou uma machadada na cabeça, contorceu-se, levou um segundo golpe, estremeceu, emitiu sons indescritíveis, recebeu outra machadada e cessou seus movimentos para sempre. Rubens estava paralisado. O que estava vendo não era um filme, vídeo, não podia ser, tinha certeza disso, nem Hollywood produzia efeitos tão convincentes. Quem gravara um troço daqueles? Um crime monstruoso! Como alguém podia produzir aquilo, registrar numa fita de VHS, jogar fora onde qualquer um podia encontrar, consertar e assistir tudo num aparelho de vídeo cassete doméstico? Pensava nestas coisas enquanto o horror desfilava ainda diante dele. Os homens encapuzados sacaram punhais e se aproximaram do corpo da mulher. Começaram a cortar-lhe e a arrancar nacos de carne para devorar em seguida. Uma verdadeira sessão de canibalismo foi o que se seguiu. O cinegrafista que registrava tudo aquilo começou a fazer imagens trêmulas como se estivesse passando mal ou emocionado com o que estava presenciando. Uma sequência de imagens de diversos planos foi feita e Rubens pôde ver por alguns momentos os rostos daqueles homens. Pouco a pouco o corpo da mulher foi sendo despedaçado, suas vísceras foram expostas, por toda parte homens com as mãos ensanguentadas, munidos de punhais, comendo carne humana. Rubens interrompeu a reprodução. Aquilo era indescritível! A prova de um crime repugnante. Deveria entregar aquilo à polícia, a imprensa... Não! Não faria nada. Se tomasse alguma daquelas providência iria era se dar mal, colocaria assassinos no seu encalço. Ia guardar a fita só para ele... ou no máximo mostrar para o amigo e vizinho de confiança. Pensou um pouco... era isso mesmo que ia fazer... Sabia que não suportaria manter aquilo em total segredo. Pegou a fita e saiu de casa.

- Marinho – chamou. Seu amigo apareceu logo em seguida. – Rapaz, cê precisa ver o que tem aqui – falou mostrando a fita. – Teu vídeo tá funcionando?

- Tá, mas eu tô de saída – disse o outro sem deixar de olhar para o objeto nas mãos de Rubens. – Deixa aí que depois eu assisto. Que filme é?

- Não é filme. Cara, é uma coisa muito séria, ninguém mais pode ver.

- O que é então?

Rubens se aproximou do amigo. - Nessa fita aqui tá gravado um crime, cara. Uns homens matando uma mulher! Horrível! Parece coisa de uma quadrilha, seita...

- Sério!? Não tá de brincadeira, tá? – indagou Mário com ares de dúvida.

- Sério, Rapaz, eu nunca vi um negócio desses...

- Deixa eu ver então.

Rubens ia lhe entregando a fita quando se deteve subitamente.

- Não vai deixar ninguém mais ver isso, certo?

- Certo, cara...

Rubens lhe entregou a fita finalmente.

- Aonde é que você vai? – perguntou.

- Vou no depósito e já volto, aproveito e dou uma olhada na fita.

- Certo. Mas não vai deixar mais ninguém ver esse negócio...

- Tá bom, tá bom – disse Mário displicente.

- É sério, cara! – bradou Rubens.

- Certo! Pode deixar...

Rubens entrou em casa e foi até a sala. Quanta loucura! Desligou a tv e o vídeo. Sentou-se no sofá e em seguida deitou-se. Procurou uma posição mais cômoda. Que faria com aquela fita? Entregaria a mesma à polícia? Chamaria a imprensa? Melhor ir a alguma emissora de tv. Não. Nada disso. Era melhor manter tudo em segredo. Passou bastante tempo pensando naquilo. Que mundo louco! Que coisa horrível... indescritível, escura... relaxante, sonolenta...

Depois de uns quarenta minutos foi despertado de um cochilo por seu amigo.

- Rubens... Rubens...

- Entra aí, cara.

Mário adentou à sala, havia pavor na expressão de seu rosto.

- Onde foi que você conseguiu essa fita? – perguntou. Rubens se posicionou melhor no sofá para olhar para ele.

- Eu achei. Tava quebrada, eu consertei...

- Onde você achou isso, cara? – quis saber Mário e havia preocupação no seu tom de voz.

- Naquele terreno baldio perto da transportadora.

- E o que a gente vai fazer agora? – tornou a perguntar.

- Como assim? – quis saber Rubens e não pôde deixar de pensar no que se passava pela cabeça do amigo. “A gente?” Que diabos ele queria dizer com: “A gente”.

- Cara, isso é um crime, um crime horrível! *Vamo* ter que chamar a polícia...

- Chamar a polícia? Você tá louco, rapaz? Quer colocar um bando de doido atrás da gente? – falou Rubens impaciente.

- Mas, cara...

- Mas o quê?

- *Vamo* deixar esse negócio só entre nós?!

- O que é que você quer fazer? – indagou Rubens com falsa paciência.

- Eu acho que a gente devia entregar isso pra polícia.

- Pra quê?

- Pra ver no que vai dar, pra que investiguem isso, descobrir quem são aqueles caras...

- Marinho, você já pensou no que vai dizer pra polícia quando eles fizerem um monte de pergunta?

- Eu?

- Eles vão fazer um monte de pergunta pra gente, vão querer saber onde conseguimos esse troço...

- É só dizer a verdade, ora.

- Não vão acreditar na gente – falou Rubens e ficou de pé.
- Por quê? – Mário encarou o amigo com um olhar incrédulo.
- Sei lá...

- *Vamo* fazer uma entrega anônima.

- Esquece isso, cara! – falou Rubens rispidamente. – Não vou entregar nada. Não vou fazer nada. Os sujeitos que fizeram isso nessa fita devem ser os piores loucos do mundo, devem ser capazes de matar e perseguir qualquer um e eu não tô afim de me arriscar. Maldita hora que eu trouxe essa fita pra casa e consertei.

- Certo, certo, Rubens. Tudo bem. Não vamos entregar nada pra polícia. Só quero que você me confirme uma coisa.

- O quê? – perguntou Rubens se voltando para o amigo. Que diabos estava passando pela cabeça de Mário, era o que Rubens mais queria saber naquele momento.

- Você encontrou isso atrás da velha transportadora na avenida central?

- Hum hum, mas o que é que tem isso?

- Eu sei onde isso foi gravado – informou Mário, colocou a fita de vídeo em cima da TV e encarou Rubens.

- Onde? – perguntou o outro. A mesma expressão de curiosidade em seus olhos.

- Dentro da transportadora.

- Como sabe?

- Eu já entrei lá algumas vezes quando ainda funcionava. Eu ia lá com meu tio recolher papelão.

- Tem certeza de que é lá?

- Tenho. Quer ver só – disse e pegou a fita, ligou a tv e o vídeo cassete.

Logo estavam diante da chocante cena. Mário mostrou detalhes daquele imenso galpão informando que o conhecia bem.

- Já estive aí, tenho certeza – finalizou.

- E aí? – perguntou Rubens enquanto desligava a tv. Sentia-se mal com tudo aquilo. Ver a cena novamente fora pior do que a primeira vez.

- Quero dar uma olhada onde tudo isso aconteceu.

- Pra quê? – Rubens indagou espantado.

- Não sei, mas vou lá olhar – disse Mário com seriedade.

- Sabe o que isso tá parecendo? Tá parecendo com um filme de terror em que dois amigos metidos acabam morrendo no final só pra deixarem de ser idiotas!

- Deixa de ser dramático, cara. Isso não é filme, isso é a vida real e o máximo que pode acontecer é a polícia prender os sujeitos que fizeram aquilo.

- Você vai se meter com esse negócio? Vai só, então. Diz que você encontrou a fita, que foi lá, que viu os caras. Não me coloca no meio disso, falou? – disse Rubens, pegou a fita e a ofereceu ao amigo.

Mário a pegou e olhou para Rubens.

- Não vai nem querer ir lá comigo dar uma olhadinha?

Rubens tomou fôlego para falar alto, chegou a abrir a boca mas se deteve. Em vez de censurar seu amigo, lhe perguntou:

- Vai querer só olhar mesmo?

Nesse momento, Mário percebeu que podia convencê-lo a investigar aquela história e esquecer seu medo exagerado. Conhecia o amigo muito bem, desde criança, e sabia que ele era cheio de receio e desconfiança de tudo que pudesse colocá-lo em risco por menor que fosse. Mas sabia também que Rubens era um cara legal, seu melhor amigo, e o parceiro perfeito para uma espreitada como aquela. Além do mais fora Rubens que descobrira aquele crime numa fita de vídeo que ele mesmo fizera voltar a funcionar.

- *Vamo* só dar uma olhada por enquanto, depois decide o que fazer – disse para Rubens.

- Quando?

- Amanhã. A gente leva os carrinhos, pára no terreno dos fundos, olha por cima do muro, se aparecer algum vigilante a gente diz que é catador e que só tá olhando se tem papelões.

- Dois catadores andando juntos, olhando por cima do muro? Não vai colar.

- Deixa de ser pessimista, Rubens, *vamo* lá, cara, deixa de inventar coisa – insistiu Mário.

O outro o encarou com incredulidade.

- Certo, mas a gente não vai contar esse negócio pra ninguém e nem você vai chamar a polícia ou fazer denuncia anônima. Depois a gente decide o que fazer – falou Rubens e pegou a fita de volta das mãos de Mário.

- Certo, certo. Enquanto isso *vamo* dá outra olhada nesse negócio – disse Mário com ansiedade.

- Fica à vontade, cara, eu não quero mais ver esse troço, não – disse, jogou a fita para o outro e saiu da sala.

Os dois pararam seus carrinhos de mão e olharam em volta. Não havia ninguém. Somente muros altos, fundos de fábricas há muito tempo sem funcionar, contemplavam os dois rapazes.

- Por aqui – convidou Mário. Rubens o seguiu.

Caminharam sobre os montes de lixo em direção ao imenso muro cinza.

- Por ali – indicou Mário sem conseguir disfarçar certa excitação. – A gente pode subir pela aquela elevação de lixo e alcançar o muro – informou.

Escalaram o lixo. Mário, sempre à frente, Rubens atrás, um tanto ofegante.

- Olha aí, cara – disse o primeiro. O outro o alcançou e ficou contemplando o que se escondia por trás daqueles muros. Dois imensos galpões se erguiam. Um deles tinha parte do telhado quebrado, o outro parecia mais conservado, embora também exibisse as inúmeras marcas na pintura descascada pela chuva e sol inclemente.

- O muro é mais baixo no lado de dentro – observou Mário.

- Cê não vai querer entrar aí, vai?

- Por que não? – perguntou Mário, tomou impulso e jogou uma perna sobre o muro. Ficou sentado como o faria se estivesse montando um cavalo.

- Será que aqui não tem cães de guarda, vigilantes?

- Não, cara. Dá uma olhada nisso – falou Mário e pulou para o outro lado.

Rubens pensou um pouco, depois repetiu-lhe a ação.

- Pra sair a gente sobe por ali – mostrou Mário. – *Vamo* lá. – Rubens olhou para um canto e viu alguns feixes de madeira. Provavelmente cairia e quebraria o pescoço tentando escalar por ali ao fugir de alguns pastores alemães ou tiros disparados por alguém.

Mas logo o seu medo foi vencido pela curiosidade. O que antes fora uma transportadora, agora era um lugar abandonado onde ervas daninhas cresciam desordenadamente. Os galpões se degradavam totalmente entregues à ação do tempo, o estacionamento destinado aos caminhões, exibia inúmeros buracos onde a vegetação surgia exuberante. Rubens e Mário exploraram boa parte do lugar depois voltaram suas atenções para os fundos dos galpões.

- Aquele lugar da filmagem deve ficar nos fundos de um desses galpões. Eu lembro bem. É uma parte separada por paredes de compensado...

- Acho que já tá bom, *vamo* embora! – interrompeu Rubens impaciente.

- Peraí, rapaz, *vamo* só dá uma última olhada. Olha lá, tem uns buracos por onde a gente pode ver – disse Mário e foi em direção ao galpão. Rubens foi atrás dele prometendo a si mesmo que depois daquilo iria embora.

- Não falei que era aqui, rapaz! – gritou Mário olhando por um buraco na parede. Seu companheiro



também olhou. Realmente o lugar que aparecia no vídeo era semelhante aquele, todavia...

- Me ajuda aqui, Rubens – pediu seu amigo esticando a mão para indicar uma série de entradas de ar no alto. Sem dizer nada, Rubens foi ajudá-lo. Entrelaçou os dedos e ofereceu as mãos juntas ao amigo, este colocou o pé direito sobre elas e, graças ao impulso recebido, alcançou uma das aberturas. Flexionou um dos cotovelos e colocou a outra mão em uma abertura. Içou-se com esforço erguendo o peito e sendo empurrado pelos pés por Rubens, olhou para dentro do galpão por uma abertura acima.

- É aqui, Rubens, ah... É aqui, cara – disse.

Seu companheiro suportou seu peso por mais alguns instantes, depois foi cedendo devagar até o outro alcançar o ponto certo para poder se soltar. Caiu no chão de pé e foi falando com entusiasmo:

- Foi aqui que aquela mulher foi morta, cara, exatamente aqui.

- Certo, agora *vamo* embora – disse Rubens e foi andando em direção ao feixe de madeira.

- Espera aí, cara – pediu Mário, mas o outro não deu atenção. Já estava subindo no muro.

- Cê não vai embora, não? – perguntou Rubens sobre o muro pronto para pular por outro lado. Mário lamentou o desinteresse do amigo e também começou a subir pelo feixe de madeira. Logo depois, os dois estavam descendo a elevação de lixo. Rubens vinha a frente e foi o primeiro a pegar seu carrinho e tomar o caminho de casa. Mário o seguia em silêncio percebendo sua insatisfação. Caminharam um bom tempo sem dizer nada.

- Então o que vamos fazer? – perguntou Mário com o firme propósito de dar um fim aquele silêncio incômodo.

- Nada – respondeu o outro.

- Como assim “nada”? Não tinha ficado combinado que a gente ia decidir o que fazer depois de hoje? – indagou Mário e parou.

- E está decidido, não vamos fazer nada – informou Rubens sem diminuir os passos e sem se voltar para Mário.

- E você decide tudo sozinho?

O outro não respondeu, apenas continuou seu caminho.

Rubens guardou seu carrinho de mão e quando se dirigia para a sala, ouviu seu amigo lhe chamando.

- Entra – disse.

Mário o encontrou deitado no sofá.

- Que história foi aquela, Rubens?

- História? Que história?

- Essa história de não fazer nada – falou Mário com indignação.

- Cara, o que é que você quer fazer? Deixa isso pra lá, esquece isso.

- Rubens, quer que eu esqueça aquilo, aquele crime horrível? Cara, cê não tem noção do que tá me pedindo.

- Mário, deixa de besteira, rapaz. O que é que você quer fazer, hein? Entregar isso a polícia, se envolver, ser perseguido?

- Não tô acreditando no que tô ouvindo! Cara, você ficou covarde!

Ao ouvir isso, Rubens ficou de pé subitamente.

- Quer a fita pra você? – perguntou enquanto se dirigia para onde estavam a tv e o vídeo cassete. – Quer pra você? – tornou a perguntar, dessa vez oferecendo a fita.

Mário hesitou um pouco.

- *Vamo* lá, cara, pega pra você e aproveita e faz o que quiser. A única coisa que quero é que você não mencione meu nome nisso, diga que foi você que achou, que consertou a fita, invente uma história, sei lá, mas eu tô fora. Lamento muito que alguém tenha morrido nisso, mas eu não quero me envolver.

O outro acabou recebendo a fita. Por uns instantes ficou em silêncio como se meditasse sobre os

perigos que seu amigo insistia em existir. “Não acredito nisso, é tudo exagero!”, disse para si mesmo.

- Valeu, cara, pode deixar que eu não vou mencionar o seu nome em nada – falou voltando a assumir sua posição de decidido.

- Tudo bem, Mário – disse Rubens e voltou para o sofá. – Seja feliz com essa fita.

- Até mais, cara – se despediu Mário e saiu.

Por muito tempo Rubens não conseguiu pensar em outra coisa a não ser naquela fita e em seu amigo. Que coisa maluca era aquilo tudo! Parecia um sonho, isso mesmo, tudo parecia um sonho, as imagens no vídeo pareciam um pesadelo distante. O contraditório era que seu melhor amigo acabara de sair dali levando o pesadelo nas mãos como firme propósito de examiná-lo mais de perto.

Rubens viu quando um carro de reportagem parou em frente à casa de Mário para entrevistá-lo, viu o amigo na TV dando detalhes de como encontrara a fita, leu num jornal a manchete que dizia: CATADOR DE PAPEL ENCONTRA FITA MISTERIOSA QUE REGISTRA RITUAL CANIBAL. A cidade toda passou a comentar o caso que teve destaque em jornais de todo o país. Imagens do estranho ritual – com seus devidos cortes – foram mostradas na tv e na internet estavam disponíveis em versão completa. Mário foi a outros programas de tv, deu opiniões e estava cooperando nas investigações que a polícia promovia tão diligentemente. Durante algumas semanas ele e Rubens não se viram.

Um dia, os dois amigos se encontraram por acaso numa esquina do bairro. Rubens regressava de mais um dia de trabalho. Parou seu carrinho ao ver Mário.

- E aí, tem aproveitado a fama? – perguntou em tom sério. O outro o olhou com receio. Rubens sorriu e Mário percebeu que a pergunta tinha um caráter totalmente inocente. – Não fala mais com os amigos depois que ficou famoso?

- Que é isso, cara – falou Mário estendendo a mão. Os dois se cumprimentaram.

- E aí, como é que foi aquilo tudo? – perguntou Rubens um tanto cerimonioso.

- Demais, cara, demais. Só faltava você lá.

- E a polícia? Eles tem alguma ideia de quem são aqueles caras?

- Ainda não. Estão investigando. No momento só sabem que se trata de alguma espécie de culto secreto, estão tentando também descobrir a identidade daquela mulher, procurando estabelecer relações entre outras desaparecidas.

- Que coisa! – exclamou Rubens.

- Ah, também descobriram onde tudo aquilo aconteceu. Foi naquela sala mesmo, nos fundos daquele galpão.

- Sério?

- Hum hum. E eu até entrei lá com eles e tudo, foi demais, até parecia um filme.

- Espero que aproveite a fama – disse Rubens e pegou seu carrinho. Não parava de sorrir para o amigo. – Vou indo, tenho que dobrar e amarrar todo esse papelão.

- Quando é que a gente conversa mais? – perguntou Mário ansioso.

- Vai lá em casa qualquer dia – respondeu Rubens empurrado seu carrinho de mão.

- Falou – disse o outro e tanto ele quanto Rubens acharam estranha aquela conversa e, principalmente, aquela despedida naquele fim de tarde.

Naquele mesma noite Mário desapareceu.

Quando Rubens soube do desaparecimento do amigo, começou a se sentir culpado. Desabafou ao prantos para a irmã que era o culpado daquilo ter acontecido. Também contou para ela quem de verdade encontrara aquela fita.

- E por que Marinho disse pra todo mundo que tinha sido ele? – perguntou ela surpresa.

- Eu dei a fita pra ele. Não quis me meter naquele negócio, mas ele insistiu na coisa – desabafou

Rubens em meio a soluços.

Depois disso começou a beber e a esperar notícias do amigo. Novamente a imprensa divulgou o caso e dessa vez fazendo grande alvoroço em torno do desaparecimento do catador de papel. A polícia se via as voltas com um caso espetacular que envolvia muitas pessoas, um grande prova, mas poucos caminhos a serem seguidos. Para piorar a situação a fita contendo as cenas monstruosas desapareceu tão misteriosa e repentinamente quanto o rapaz que a levava à polícia. Nenhum dos policiais envolvidos nas investigações foi capaz de lembrar o rosto da mulher que aparecia no vídeo, não havia uma cópia da fita e as imagens disponíveis na internet eram de baixa qualidade. Havia sido levantada uma lista de mulheres jovens desaparecidas, mas as mesmas podiam ter sumido das mais variadas formas, e não se pôde fazer ligação alguma com o presente caso.

Rubens costumava beber num bar do bairro e comentar o acontecido com quem quer que se dispusesse a ouvir as lamentações de um bêbado. Conversava com qualquer um, mas baixava a cabeça e se sentia ainda mais deprimido quando encontrava-se com o pai ou a mãe de Mário. Todos agora sabiam que fora ele que encontrara a fita e a entregara ao amigo.

Quando Rubens acordou no meio da noite, o primeiro pensamento que lhe veio a cabeça foi o de que Mário estava numa pior. Levantou-se incomodado pelo suor que lhe ensopava as roupas. Sua casa estava quente, mas não tão quente quanto o objeto que irradiava luz e calor lá fora. Olhou pela janela e viu a casa de Mário ardendo em chamas. Correu para a rua e deteve-se diante do incêndio. Algumas pessoas, ainda com roupas de cama a contemplavam com espanto e horror.

- *Vamo* tentar apagar esse negócio logo antes que o fogo se alastre! – alguém gritou. Rubens não pensou. Quando deu por si já estava jogando baldes de água no incêndio e se arriscando como nenhum outro. Algum tempo depois o caminhão do corpo de bombeiros chegava e extinguiu o fogo. Não houve vítimas, com exceção da mãe de Mário que chamuscara um pouco uma das mãos quando abrira a porta da frente na fuga desesperada no meio da noite.

Rubens viu a família de Mário partir para a casa de alguns amigos após recolher alguns objetos que o fogo não destruíra, e contar para quem quisesse ouvir que estavam certos de que aquele incêndio não fora um acidente. Foi para casa arrasado, chutou um objeto que estava no meio da sala para debaixo de uma cadeira, estava certo de que aquele incidente fora obra dos raptos de seu amigo. Certamente aqueles malucos assassinos que apareciam no vídeo, os sujeitos que a polícia nunca pegaria. Tinha que fazer alguma coisa quanto aquilo, embora não soubesse bem o quê. Sentia-se na obrigação de encontrar algum esclarecimento sobre o paradeiro do amigo.

No outro dia Rubens estava no lugar onde encontrara a tal fita. Munido de um facão, deixou seu carrinho à margem daquela rua deserta, e seguiu em direção ao muro da antiga transportadora. Escalou novamente a elevação de lixo, se segurou no muro e ficou observando o imenso prédio abandonado. Olhou para um dos galpões e viu os sinais da visita da polícia: fitas plásticas com listras amarelas e pretas indicando local do crime. Nem ele mesmo sabia o que tinha vindo fazer ali. De repente lhe ocorrera que Mário pudesse estar ali preso, ainda com vida e sendo preparado para ser sacrificado ou, simplesmente morto.

A ideia em si era absolutamente absurda, mas irresistivelmente tentadora.

- Ei, o que é que você quer aqui? – perguntou uma voz hostil. Após o susto, Rubens olhou e viu o rosto de um homem idoso a contemplá-lo. O velho saiu completamente de trás de um dos galpões gritando e sacando a arma. Por um instante, Rubens pensou que poderia dialogar calmamente com o velho.

- Cai fora! – gritou o velho e disparou. O projétil passou à dez centímetros de distância da cabeça do rapaz. Ele se abaixou e com o movimento rápido se desequilibrou e caiu escorregando no lixo. Desceu deslocando grande quantidade de coisas. Rolou até chegar ao chão e quase se feriu com o facão que empunhava. Levantou-se sobressaltado e correu em direção ao carrinho, o posicionou melhor e tratou de ir embora dali. O velho vigia ainda surgiu no canto do muro e começou a atirar para cima e a esbravejar.

Rubens corria desesperado empurrando seu carrinho de mão.

Após tomar banho e trocar de roupa, Rubens sentou-se no sofá. Havia arranhado os cotovelos e um dos joelhos, mas o que realmente o incomodava era pensar em Mário. Que loucura aquilo tudo! Respirou fundo e soltou o ar devagar. Onde estaria seu amigo naquele momento? Por que a polícia não fazia nada? No auge do seu sofrimento, Rubens olhou para o chão e viu, debaixo da cadeira, um pacote amarelo. Foi lá e o pegou. Com certeza o troço que chutara na noite anterior. O examinou e percebeu um objeto estreito e retangular sob o papel. Rasgou um das extremidades do pacote e se deparou com uma nova fita VHS. Rápido a inseriu no vídeo cassete e ligou a tv. Após uma breve imagem escura, viu uma imensa sala parcialmente iluminada. Vozes incompreensíveis passaram a ser percebidas. Depois de uma sequência de sombras sinuosas e vultos, apareceu a imagem de um rapaz com o rosto sangrento e entumecido, cheio de manchas arroxeadas, a principio desfocada. Após alguns segundos a imagem melhorou consideravelmente: Mário encarava a câmera e ofegava. Rubens se ajoelhou diante da tv e começou a chorar. Seu amigo estava amarrado a uma cadeira e havia nítidos sinais de que havia sido torturado. Ao seu lado, envolvido propositadamente em sombras – graças a um lugar previamente preparado para filmagens - , um homem usando uma espécie de capuz:

- Se não quiser ficar como seu amigo, esqueça tudo isso. Destrua essa fita assim que terminar de assisti-la e não fale com mais ninguém sobre isso. Talvez a gente até deixe seu amigo sair dessa. Não há como ir contra nós, você só vai se dar mal se insistir nisso – disse o homem da TV e em seguida a gravação chegou ao fim. Rubens pegou aquela fita e saiu de casa diretamente para a delegacia de polícia. Quando finalmente se viu diante do gabinete do Delegado, jogou a fita sobre a mesa dele.

Novas investigações foram iniciadas devido a isso, houve muita movimentação por parte da imprensa e das autoridades, descobriram quem tinha usado aqueles galpões desde quando foram construídos, mas nada foi apurado de fato.

Um dia, dois investigadores procuraram a fita para assistirem-na novamente, mas não puderam fazê-lo, a mesma havia sido desmagnetizada. Dois dias após esse fato, Rubens foi assassinado a tiros pelo mesmo vigia que o surpreendeu na antiga sede da transportadora. O crime aconteceu na rua da vítima e o velho fugiu. Presos dias depois, morreu de enfarto na cela onde estava.

As investigações continuaram, todavia não houve êxito.

O corpo de Mário jamais foi encontrado ou qualquer indicação de que ainda esteja vivo.

Estes fatos aconteceram em 1997.

## A NOITE DE UM LOUCO

*“O homem é um animal sociável que detesta os seus semelhantes”.*  
*Eugène Delacroix.*

Aquele que foi o mais horrendo episódio de minha vida, aconteceu quando minha família e eu morávamos numa casinha de três cômodos em um periferia violenta e miserável de uma cidade grande. A necessidade nos obrigou a ir para aquele lugar, a última casa de uma vila, a menor e mais desconfortável delas, que ficava mais próxima dos fundos de uma garagem de ônibus, onde havia maior calor e barulho.

Lembro que no começo eu também achava engraçado as bobagens que Sandro fazia. Ele então tinha quinze anos, eu, uns dez ou onze. Minhas amigas e eu gostávamos de ver as trapalhadas que ele fazia, as travessuras um tanto exageradas que só ele sabia fazer. Sandro tinha problemas mentais, todos naquela vila sabiam disso, de modo que ele era visto como um menino, uma criança grande e abobada que jamais cresceria. Enquanto os outros garotos da mesma idade que ele começavam a se interessar por coisas de adultos como namorar e frequentar festas, ele ainda brincava com carrinhos e se metia em confusão como se tivesse seis ou sete anos de idade. Lembro bem o dia em que ele jogou lama em uma porção de roupas estendidas fingindo que era um cão e que estava cavando a terra em busca de ossos.

O desejo de meu pai era ficar ali somente seis meses, no máximo um ano, mas devido a sua

instabilidade nos empregos temporários que conseguia, ficamos mais tempo. E fomos ficando um ano após outro até aquele dia fatídico. Passei boa parte da infância ali e início da adolescência. Vivia bem, embora fosse pobre e cercada de miséria. As coisas não eram nada fáceis naquele lugar. Por ali havia muitos marginais, em sua maioria jovens desocupados que costumavam assaltar os trabalhadores no caminho de volta para casa. Ainda assim eu era protegida e tinha o necessário em casa para viver com certa tranquilidade. Porém, um dia...

Sandro foi crescendo como todas as crianças daquela vila, a única diferença era que ele não mudava suas atitudes infantis, continuou sendo um menino crescido até que resolveu mudar subitamente. Tinha dezoito anos quando o fez.

A avó de Sandro o criara desde recém nascido. Sua mãe o abandonara pouco tempo depois de seu nascimento e seu pai morrera quando ele tinha dois anos. Sua avó paterna então fora praticamente obrigada a se encarregar dele. Jamais aprovava o romance do filho com a mãe de Sandro, uma mulher que, segundo ela, sempre tivera uma cara de sem-vergonha. Repreendeu muito o filho quando soube que ele ia ser pai e mais ainda quando a mulher que tinha a cara de sem-vergonha o abandonou juntamente com o filho.

- Agora vou ser obrigada a criar filho dos outros – dissera dona Alzira.

Aos poucos, o pai de Sandro foi perdendo o interesse pela vida e o aumentando em relação ao álcool. Morreu atropelado em uma movimentada avenida quando tentava atravessá-la estando um tanto embriagado.

Desde sua mais tenra idade, Sandro deu sinais de seu retardo mental. O menino demorou muito a aprender a falar e seu desenvolvimento foi extremamente lento. Depois perceberam, com certa ajuda de uma assistente social, que o encaminhou, que ele tinha sérios problemas mentais. Sua avó não se importou muito com isso, a única coisa que disse e que repetiu até o fim de sua vida foi que aquele problema tinha sido a única coisa que a mãe tinha deixado para ele. De resto o criou com severidade, embora ele não fosse capaz de compreender a razão pela qual era submetido aos mais variados castigos. Ainda assim, com exceção da escola nunca frequentada, sua avó com seu pequena aposentadoria, o sustentou não permitindo que o básico lhe faltasse.

Repentinamente Sandro se tornou recluso, arredio. Abandonou suas infantilidades e se dedicou a trazer animais que encontrava para casa. Sua avó não se importou muito quando ele trouxe dois gatinhos para casa, mas se irritou muito quando o neto demonstrou que seu desejo era encher a casa de bichos. Dona Alzira jogou alguns gatos e dois cães fora e bateu em Sandro, apesar dele já ter dezoito anos e ser um tanto corpulento. Eu e meu irmão rimos daquela situação, não somente nós, mas outras pessoas da vila que presenciaram o acontecimento.

Um dia um dos gatos de Sandro morreu. Eu o encontrei com o animal morto embrulhado em um saco plástico no momento em que ia jogá-lo fora.

- O que tem aí, Sandro? – perguntei.

- Um gato meu morreu – informou ele sem tirar os olhos do saco com o animal morto.

- Ah, que pena! – lamentei. – Qual foi deles? Aquele branquinho?

Sandro prontamente começou a desfazer o embrulho e a falar:

- Não, não foi o branco, não. Foi esse rajado.

Exibiu o animal morto com certa satisfação.

- Coitadinho!

- É. Encontrei ele debaixo da mesa, tava acabando de morrer – disse Sandro, os olhos fixos no gato morto, fascinado.

Lembro claramente que o deixei naquela atitude e que quando regressei, minutos depois, ele estava de cócoras observando o bicho mais de perto e com uma estranha expressão de prazer nos olhos. Sua avó veio e gritou muito com ele por ainda não ter ido jogar aquele troço no lixo. Se tivesse que indicar um

ponto de partida para a loucura agressiva de Sandro, citaria aquele episódio em que ele pareceu fascinado com a visão da morte.

Mas as coisas começaram realmente a piorar quando as pessoas daquele lugar passaram a hostilizar Sandro pelo o que ele fez diante de todos. Numa certa manhã de sol, ele brincava com seus gatos em frente à sua casa. Eu e, meu irmão o observávamos com interesse. Um de seus gatos se afastou dele sem que ele se desse conta. Quando o percebeu, foi buscar o animal com certa impaciência. Xingou o gato e ao pegá-lo abruptamente, o mesmo o mordeu. Sandro recuou a mão e logo em seguida a estendeu novamente. Pegou o bicho pelo pescoço, o sacudiu, depois o jogou de encontro a parede. O gato caiu flácido como se fosse feito de pano. Sandro prontamente o recolheu e dessa vez o fez com carinho.

- Agora você aprendeu a se comportar – disse com ternura.

Experimentei um certo pavor com tudo aquilo.

- Deixa de ser mal, maluco – gritou o meu vizinho que a tudo presenciara.

Sandro apenas olhou para trás. Se encaminhou para onde estavam seus outros gatos e, após colocar o que estava morto no chão, trucido um a um os outros com um pedaço de madeira que encontrou.

Recuei diante daquilo. Meu vizinho começou a xingá-lo, chamando-o de maluco! Sandro sorria. Juntou os animais mortos lado a lado e ficou conversando com eles como um pai dedicado o faria na correção dos filhos. Sua avó surgiu pouco tempo depois. Vendo aquilo, começou a gritar com Sandro e, após obrigá-lo a ir jogar fora os animais mortos, deu-lhe alguns safanões pelo que fez.

A vizinhança passou a evitar e a xingar Sandro depois daquele episódio.

- Sai daqui, doido, maluco! – gritavam. Belo, meu vizinho, era o mais irascível de todos. Meu pai – que passava a maior parte do tempo em casa por esta desempregado – me dizia para me afastar de Sandro. Indignado, ele resolveu se vingar. Matou outros gatos e os colocou na frente das casas. Isso se tornou um hábito e logo não havia mais gatos na vizinhança.

Medonho e curioso foi o fato de que eu e meu irmão fomos testemunhas do total desejo de morte e maldade de Sandro. Ele nos mostrou cruzes que riscara no corpo com um punhal certo anoitecer. Também tinha dito que fizera um negócio com o diabo num terreiro de quimbanda – o que provavelmente podia ser muito bem coisa só da cabeça dele, visto que os praticantes do culto não permitiriam que alguém como Sandro participasse da liturgia deles e fizesse o que quer que fosse. Eu fiquei apavorada com tudo aquilo e contei o fato para meu pai. Ele me advertiu a ter cuidado com Sandro e insistiu para que o evitasse.

...pois ele sabia que devia encontrar uma caveira. Uma grande e inteira, de preferência com todos os dentes e o maxilar no lugar. Alguns ossos, limpos, sem rachaduras. Levar tudo pra casa, para trazer os espíritos como tinha dito o velho do terreiro. Além do mais, gostava de ossos de defunto. Um dia teria um esqueleto completo em casa. O problema era aquela bruxa velha. Ela ia encher! Um dia daria um jeito nela, daria sim. Enquanto isso manteria os ossos bem guardados. Mas antes precisava encontrá-los. Por isso estava no cemitério àquela hora da noite correndo com cuidado para não se machucar no meio daquele mar de cruzes, mas extremamente feliz, sentindo como se estivesse voando. Por vezes parava, depois voltava a correr, diminuía a velocidade e logo em seguida tornava a correr mais rapidamente. Era difícil encontrar o lugar onde se colocavam os ossos naquela escuridão. Parou e olhou para os lados como um predador em plena caça. Se alguém o visse, provavelmente levaria o maior susto de sua vida. Começou a andar devagar procurando o lugar. Aquela busca era demorada. Mas não tinha problema, estava no cemitério e gostava de estar lá. Os outros tinham medo daquele lugar, mas ele não. Era bom estar ali com os mortos, as cruzes... os fantasmas? Sim, os fantasmas, os monstros e o diabo. Todos estavam ali e todos eram seus amigos. Se pudesse até passaria o dia ali procurando ossos, olhando os túmulos mais bonitos, encontrando restos de caixões, abrindo sepulturas para ver os cadáveres apodrecendo. O negócio era o vigia chato que implicava com ele todas as vezes que o via. Velho filho da

puta. Qualquer dia o mataria e o enterraria sem caixão, sem nada. Ou então abriria sua barriga enorme para ver como era dentro, depois o cortaria em pedacinhos e jogaria tudo para os cães! Por causa daquele gordo chato era obrigado a vir somente à noite. Mas isso também era bom, pois os fantasmas só apareciam de noite. Encontrou o que parecia ser o poço onde se guardavam os ossos. Examinou a parede de cimento circular. Debruçou-se sobre a mesma. Estava diante de uma espécie de poço. Olhou para o seu interior apesar da escuridão. Realmente aquele era o lugar, teve certeza depois que as nuvens que encobriam a lua passaram e proporcionaram um pouco mais de luz. Aspirou o ar fétido que se erguia daquele buraco onde milhões de seres microscópicos se multiplicavam fazendo crescer o fedor. O louco pôs a sacola que trouxera no chão, debruçou-se ainda mais, esticou o braço e logo desistiu ao perceber que aquele esforço era em vão. Teria que entrar no poço se quisesse pegar os ossos. Hesitou um pouco, e se aquele piso de restos humanos cedesse sob seu peso? Certamente iria ficar soterrado, preso, quem sabe até empalado por algum fêmur. Besteira! Jogou a perna direita sobre a fina parede circular, equilibrou-se, jogou a perna esquerda e se soltou para dentro do poço. Caiu sentado sentindo os ossos lhe espetarem o traseiro. Ficou naquela posição olhando para o céu. Foi inundado de imensa satisfação, tanta que se pênis latejou dentro de seu short. O mau cheiro que o envolvia o fez se sentir dono da morte. Todos aqueles ossos debaixo dele, eram vítimas suas. Começou a mexer nos restos mortais enfiando suas mãos no meio daquilo tudo e as ferindo enquanto buscava ansioso por uma caveira. Logo estava jogando ossos para cima como os foliões o fazem com confete. Encontrou uma caveira, duas, três, quatro, mas todas elas estavam muito deterioradas. Precisava e ia encontrar uma do jeito que queria. Achou mais outra, melhor que as primeiras, mas não o suficiente. Intensificou a busca. Suas mãos sangravam e seu corpo estava coberto de pó. Achou outra caveira, esta era pior que todas, seu dono provavelmente morrera vítima de um tiro na cabeça. Virou-se procurando explorar novos lugares. Onde estivera sentado achou a mais perfeita delas. Ergueu-a e a colocou diante de si. Suas órbitas vazias o fitavam de volta num silêncio estranho e solene que aguçou ainda mais seu delírio. Naquele poço infecto, repleto de restos humanos, ele experimentou a mais arrebatadora felicidade. Senhor da morte, dono de todos aqueles ossos, ele descobrira que podia matar. Olhou para o céu, abriu a boca exibindo um sorriso abobalhado. Até mesmo a lua lhe pareceu uma imensa caveira, cheia de buracos, bela, feita de cristal. Sim, podia matar. Ficou de pé, voltou a olhar para sua caveira como se parodiasse Hamlet e continuou a sorrir, tanto que logo estava gargalhando. Abaixou-se, pegou mais ossos com a outra mão e os jogou para cima numa comemoração desenfreada, absolutamente insana. Amava a morte e podia produzi-la tanto quanto o número de ossos naquele poço.

Todos souberam que Sandro estava trazendo restos de defuntos para casa graças a sua avó. A mulher descobriu o segredo do neto ao revistar uma velha mala escondida debaixo da cama. Chegou a passar mal com tudo aquilo, sua pressão – que já era alta – subiu ainda mais e ela achou por bem descarregar tudo nas costas de Sandro com um cinturão. Depois pediu a Beto para pegar aquela imundície toda, levar e enterrar ou tocar fogo em algum terreno baldio. O rapaz a obedeceu e ao passar por Sandro sorriu. O outro tentou agredi-lo. Teria conseguido se dona Alzira não tivesse intervindo.

Mas o pior estava por vir, e eu o presenciei numa noite, sozinha, tendo apenas o céu por testemunha. Tinha ido com minha mãe até o ponto de ônibus acompanhá-la. Mamãe trabalhava durante a noite, cuidando de uma senhora idosa, lhe auxiliando e, por vezes, fazendo a função de enfermeira. Encontrei Sandro na entrada da vila. Estava abaixado, entretido com alguma coisa à sombra de uma árvore. Logo que me aproximei senti um mau cheiro. Olhei para Sandro e ele se virou para mim assustado, ao me reconhecer suavizou sua expressão de espanto e chegou mesmo a sorrir. Vi em seguida que ele segurava um braço humano. Recuei percebendo a gravidade de tudo aquilo: Sandro estava comendo aquele braço que visivelmente apodrecia exalando um forte fedor, um fedor nauseante mais ainda do que qualquer



animal morto.

- Não vai falar nada pra minha avó, Marisa – pediu ele, mas eu já estava a correr em direção a minha casa.

Contei para meu pai o acontecido. Ele saiu e foi ver Sandro. Voltou dizendo que não o encontrara e me perguntou se eu tinha certeza do que contara. Respondi que sim, então ele saiu novamente regressando depois de algum tempo.

- Aonde o senhor foi dessa vez? – perguntei. Meu pai informou que fora na casa de Sandro falar com sua avó.

Pela manhã, Sandro regressou e se deparou com a avó furiosa. Ela começou a gritar com ele o ameaçando de internamento num manicômio, tentou espancá-lo e, pela primeira vez, ele reagiu. Empurrou a avó e ele se machucou na queda que sofreu. Sandro fugiu correndo. Só voltaria a noite para um desfecho que envolveria a mim e a minha família.

... terrenos baldios, ruas desertas, vadiar, caminhar sozinho, em companhia dos fantasmas que sussurravam no seu ouvido que ele era mesmo o senhor da morte. Estava como que se fortalecendo para o que ia fazer mais tarde.

Matar, matar e matar!

Foi ao cemitério. Por sorte ou por azar não encontrou o velho vigia. Talvez o mataria naquele dia se tentasse impedi-lo. Vagou entre os túmulos e aos poucos foi se sentindo bem, renovado, calmo. Em breve mataria aquela bruxa e quem estivesse em seu caminho. Levaria quantos esqueletos quisesse para casa. Carne para comer, mulheres nuas, tudo que quisesse. Sentou-se à sombra de uma imensa catacumba e sacou seu punhal e ficou riscando o chão. Todos os que estavam tentando impedi-lo iam pagar bem caro. Repentinamente estava envolvido em seu mundo de sonhos, seu paraíso particular de beleza e prazer. Mulheres nuas pairavam sobre ele; corpos disformes, sangue, ossos secos, caixões, velas, flores, as mais fascinantes fantasias de morte desfilavam diante dele. Um churrasco foi-lhe oferecido e ele não se negou aos prazeres da carne mal passada. Acordou algum tempo depois com raios de sol sobre sua cabeça. Levantou-se resolvido a passear pelo cemitério. Ainda era cedo para retornar, e talvez encontrasse alguma coisa para comer, estava faminto. Depois de um tempo encontrou um sujeito do qual não gostava de maneira alguma.

Matar...

Meu pai dormia quando ouvi que alguém mexia na porta. Primeiro pensei que minha mãe tivesse voltado por haver esquecido alguma coisa, mas logo descartei isso ao recordar que já se passara duas horas que ela tinha saído. Naquele momento ela devia estar longe para voltar para buscar qualquer coisa e longe do inferno que eu iria presenciar.

- Papai – chamei, mas ele em resposta apenas continuou a roncar. Olhei pelo buraco da fechadura e vi apenas escuridão. Quem quer que estivesse ali, estava bem próximo à porta, provavelmente tentando olhar para dentro de casa pelas frestas da porta acima de mim. A seguir, a pessoa que ali estava, começou a forçar a janela. Estava ficando apavorada, ia gritar quando ouvi uma voz do outro lado que me devolveu a calma.

- Que é que tá fazendo aí, maluco? – alguém perguntara.

Meu irmão surgiu logo em seguida coçando um dos olhos com o dedo indicador.

- Não tô conseguindo dormir. Que é que tá acontecendo?

- Cala a boca! – lhe ordenei. Lá fora se iniciava uma discussão e eu reconheci a voz de Sandro. Abri a parte de cima da porta e certamente isso foi um grande erro de minha parte.

- Cai fora, maluco! – dizia Beto para Sandro e este o desafiava exibindo um punhal.

- Tá pensando que eu tenho medo disso aí? Cai fora se não você vai se dar mal! – advertiu Beto. Sandro disse que não estava brincando e partiu para cima do outro. Eles se atracaram e Beto teve que ser rápido para não ser espetado. Os dois caíram e começaram a lutar pela posse da arma. Gritei o mais alto que pude e dessa vez meu pai ouviu. Veio atordoado em nosso socorro. Ao ver a briga, tomou a nossa frente e começou a pedir para que os dois parassem com aquilo. Na certa pensava se tratar de uma disputa sem importância. Percebeu que não, tarde demais. Sandro conseguira total liberdade para manusear seu punhal e desferiu várias estocadas no peito e pescoço de Beto. O sangue lhe ensopou a camisa branca fazendo-a mudar de cor. O rapaz permaneceu no chão, de sua boca o sangue veio numa golfada. Enquanto Sandro se erguia dono da situação, seu inimigo fazia movimentos convulsivos e em seguida parava para sempre. Eu gritava sem parar. Meu pai recuou, os cotovelos flexionados em atitude de defesa. Eu e meu irmão gritávamos para ele entrar em casa enquanto ele tentava argumentar com Sandro.

- Solta isso, rapaz. Não viu a besteira que acabou de fazer?

- Você e a sua família vão morrer! Cê vai ver, eu vou matar... – Sandro falou e avançou. Meu pai o recebeu com a perna erguida e o acertou entre o peito e o estômago. Ele foi empurrado para trás e isso visivelmente o enfureceu ainda mais. Quando finalmente meu pai ouviu meus apelos e se voltou para mim, Sandro correu e o impediu de entrar. Atacou-o pelas costas e ele teve que se esquivar para não ser apunhalado. Meu pai lutava com Sandro de costas para a porta, apoiando-se na parede enquanto eu e meu irmão esperávamos por ele gritando sem parar. Até hoje penso no que poderia ter acontecido se tivessem vindo nos ajudar. Infelizmente a lei ditada nas periferias pobres e violentas era: não abra a sua porta no meio da noite para ajudar ninguém ou estará também em sérios problemas! Resolvi então intervir na luta. Pedi a meu irmão que pegasse algo que servisse de arma, uma faca, um pedaço de madeira, qualquer coisa. No momento em que ele foi fazer o que pedi, meu pai foi vencido pela força desmedida de Sandro. Sandro conseguiu se livrar do aperto que sofria no pulso e cravou seu punhal entre o pescoço e as costas de meu pai. Eu gritava com mais intensidade, mas todos naquele lugar ou dormiam ou apenas escutavam a briga que definitivamente não dizia respeito a elas. Meu irmão chegou e me estendeu um martelo e uma chave de fenda. Saí com as ferramentas, uma em cada mão. Meu pai estava quase caído, apoiado na parede, tentando estancar a hemorragia. Sandro quase sorriu ao me ver. Não perdi tempo e arremessei o martelo contra ele. No meu medo e desespero imaginei-me errando e em seguida sendo morta por Sandro juntamente com meu pai. Para minha sorte e espanto o martelo foi atingir Sandro na boca. Curvou-se e levou a mão no queixo espalmando-a sobre os lábios. Papei se levantou, me pegou pelo braço e nós entramos em casa. Fechamos a porta.

- Papai, o senhor...

- Acho que dá pra aguentar... – disse ele, mas eu não acreditei naquilo. Sandro começou a chutar a porta. Papai tentou fazê-la resistir apoiando-a com o ombro e o peso do corpo, mas a cada investida daquele louco, a mesma cedia. A parte de cima perdeu seus ferrolhos, só não abriu logo por que todos nós impedimos. Sandro então foi mais esperto. Introduziu o punhal por uma das frestas da porta e atingiu meu pai no ombro. Ele recuou e a porta ficou quase totalmente aberta. Em seguida, Sandro pôs o braço esquerdo e pegou meu pai pelos cabelos, o puxou, conseguiu abrir ainda mais a parte de cima, e o atingiu duas vezes no peito. Marcelo puxou papai e eles dois caíram, eu cravei fundo a chave na parte de baixo da mandíbula de Sandro, ele estremeceu e, surpreso e abalado pela dor, soltou o punhal. Conseguiu fazer a parte de baixo da porta ceder e entrou cambaleante sala a dentro. Caiu sobre meu pai numa imensa confusão de braços e pernas, meu irmão rastejou sob o corpo inerte e ensanguentado de nosso pai gritando para que eu pegasse o punhal. Fui procurá-lo aos pés de Sandro que, recuperado da dor, veio sobre mim. Eu o esperei como uma serpente arma um bote, flexionei totalmente o cotovelo e depois lancei o punhal em direção ao seu estômago. Sandro voltou-se totalmente para trás. Ficou de pé olhando assustado para o ventre. Talvez pretendesse ficar naquela posição algum tempo, mas não pode fazê-lo.

Marcelo o atingiu pelas costas com um vaso de porcelana, ele se voltou como se desejasse apenas perguntar por que o outro tinha feito aquilo. Olhei para meu pai morto, depois matei Sandro com a ajuda de meu irmão. Enquanto eu o esfaqueava, Marcelo batia nele com todos os objetos que encontrava. Sandro não reagiu, apenas chamou pela avó e repetiu algumas vezes: “eu devia te matar”. Depois sucumbiu coberto de sangue dando seus últimos suspiros.

Quando os vizinhos finalmente apareceram, eu estava sobre o corpo de meu pai chorando e tremendo sem parar. Meu irmão estava em estado de choque, quase catatônico. A polícia foi chamada. Marcelo e eu fomos para um hospital. Além de meu pai e Beto, Sandro também matara sua avó e um vigia de um cemitério ali próximo.

- O rapaz enlouqueceu e ficou violento – disse alguém. Talvez eu também tenha enlouquecido um pouco – se isto é possível – depois daquele dia. Ainda hoje, após tanto tempo, sonho algumas vezes com aquele episódio, acordo no meio da noite assustada e certa de que há alguém querendo terminar o que Sandro não conseguiu. Levanto e começo a passear pela sala tentando me acalmar e me convencer de que o apartamento onde moro, cercado de opulência, longe da periferia e resguardado da violência, é totalmente seguro e habitado por pessoas absolutamente equilibradas... Quanta mentira

## UM NOVO HOMEM

*“Converta-se aquele dia em trevas;  
e Deus, lá de cima, não tenha cuidado  
dele, nem resplandeça sobre ele a luz.  
Reclamem-no as trevas e a sombra da  
morte; habitem sobre ele nuvens;  
espante-o tudo o que pode enegrecer  
o dia”  
Jó: 3; 4 - 5*

O horror inofensivo dos filmes e livros nos trazem contentamento e comodidade pela vida simples e destituída de maiores emoções que levamos. Muitas vezes, imaginamos, levados pelas mentes prodigiosas, responsáveis por tais histórias de mistério e terror, estarmos – por um momento fugaz que seja - naquelas situações de pavor e em contato com o sobrenatural, mas nem de longe desejamos de verdade nos aventurar pelos labirintos do desconhecido. Preferimos, mil vezes continuarmos afogados às nossas vidas simples e suas concepções corriqueiras do que é dificuldade ou problema. Jamais queremos bancar os heróis enfrentando na realidade o que é, e o que deve continuar a ser apenas fruto da imaginação de alguns. Sempre vai existir dentro de nós uma atração pelo mórbido, grotesco e macabro, mas, como já disse o maior de todos os mestres da literatura de horror, isso se dá apenas para se fugir dos medos reais. Eu, que também penso e vivo assim, fui, forçado e infeliz, sujeito a experimentar o horror absolutamente real para depois amar ainda mais minha vida tranquila e comum.

Depois de anos sem nenhum contato, recebi de Sellers uma carta. O meu velho e quase esquecido amigo advogado queria me ver. Fazia-me saber também como estava e porque, lamentavelmente, perdera o contato comigo e com nossos outros amigos. Dizia estar em boa situação financeira mas sem muito animo para viver e, segundo ele mesmo em sua carta, aproveitar a vida. Entrei em contato com Sellers dias depois e ele me convenceu a ir à sua residência. Após uma semana, eu estava a caminho de sua mansão, como ele bem fizera questão de informar pelo telefone. Comecei a lembrar como meu amigo era um bom sujeito, mas muito materialista e vaidoso em relação a posição social. Quando mais jovem conduzira ao extremo seus desejos ambiciosos e desenfreados para obter o que queria, chegando a agir sem ética esmagando concorrentes seus. As vezes eu me recriminava por pensar assim, mas achava que a ambição inominável de Sellers era a causa de seu distanciamento dos amigos.

Após algumas horas de intensa procura – eu havia me perdido – encontrei a casa de meu amigo. No final de uma rua pouco movimentada estava a residência do senhor Sellers. Com muros altos, árvores

imensas num largo jardim a sua volta, a mansão destacava-se das demais moradias ali próximas não somente pelo tamanho, mas também pela idade avançada que a construção possuía em relação às outras. Tal imóvel só poderia ter custado muito dinheiro e Sellers devia estar satisfeito com sua conquista. Certamente meu amigo conseguira o que sempre desejara: galgar os mais elevados degraus da ascendência social.

Aproximei-me da imensa casa e, sem saber porque, apertei sua campainha experimentando certa hesitação. Para minha surpresa, um senhor de uns quarenta anos, austero e com um bigode marcante me atendeu sem demora. Vi se tratar de um jardineiro que zelava não apenas pelo jardim, mas também pelas possíveis visitas indesejadas a seu patrão.

- Sellers está? – perguntei.

- O Dr. Sellers Raymond – disse ele exigindo de mim um melhor tratamento para o dono da casa.

- Ele está ou não está? – tornei a perguntar e dessa vez confesso que o fiz rudemente.

- Quem gostaria de falar com ele? – indagou o homem no mesmo tom.

- Um amigo dele! – falei já impaciente e não gostando nenhum pouco daquela conversa.

Neste momento o jardineiro se virou e chamou por um senhor grisalho que estava às portas da casa.

- Adolfo, esse senhor quer falar com o Dr. Raymond. – O homem de cabelo branco vinha em nossa direção quando, subitamente, Sellers apareceu no jardim vindo de um dos lados da casa. Chamei por ele sem me importar com a presença dos dois homens. Ele veio até o portão e com meio sorriso de satisfação mandou que eu entrasse. Passei entre os dois senhores que ficaram visivelmente incomodados comigo e fui cumprimentar Sellers. Apertou minha mão e, adivinhando meus pensamentos, disse que eu não me aborresse com seu jardineiro e seu mordomo. Convidou-me a entrar, mas eu disse que queria apreciar sua mansão por fora antes. Num esforço ele esboçou um sorriso e disse que tudo bem. Foi nesse momento que percebi que meu amigo não era mais o mesmo. O outrora jovem advogado Sellers, descontraído e sorridente dera lugar a um sujeito de feição impaciente. Seu rosto pálido, largo e entumecido era o retrato do desgosto, da angustia e do descontentamento. Os anos não tinham sido generosos com Sellers e, muito menos a vida, pelo que eu podia ver e sentir. O meu amigo também estava mais gordo e parecia sufocado com o peso do próprio corpo. Ele me olhou e eu desviei os olhos para as paredes e o jardim de sua mansão.

- Bela casa, não acha? – disse Sellers. Não respondi. Um profundo pesar tomava conta de mim. De repente a fascinação que sentira pela aquela casa transformou-se num sentimento pesaroso e de puro augúrio e má sorte. Logo me veio a mente um conto de Edgar Allan Poe que lera na juventude: “A queda da casa de Usher”. A arquitetura arcaica daquela casa parecia emanar uma tristeza longa e inextinguível. Algo me dizia em meu espírito que uma geração inteira tinha sido infeliz e amaldiçoada ali e que meu amigo não estava cercado de bons fluídos. As paredes descascadas, marcadas pela água da chuva davam um aspecto tenebroso, tornando aquela imensa construção semelhante a um enorme túmulo. Olhando-a de cima até em baixo, tive a impressão de estar na frente de uma perfeita casa mal-assombrada, algo saído de uma tela de cinema. Nas laterais, o jardim se dispunha como dois largos corredores sem fim, repletos de frondosas árvores, um chão escuro, úmido e hostil. Sellers insistiu para que eu entrasse e informou que, se fosse do meu agrado, podia me conduzir por toda sua casa para que eu visse tudo mais tarde.

O anfitrião foi na frente e abriu as portas de sua mansão. Fez-me entrar. Caminhei apenas alguns passos e parei para olhar tudo com espanto e fascinação incômodos. Daquela sala e, acredito eu, de toda a casa, vinha um cheiro de mofo e óleo de linhaça. Os móveis de estilo, antigos e bem conservados proporcionavam uma fugaz, mas nítida volta ao passado.

- Ganhei estes móveis com a compra da casa – disseme meu amigo acenando para que eu sentasse. Eu obedeci e ele se acomodou numa cadeira à minha frente.

- Pelo que vejo, você não procurou mudar muita coisa nela depois que a comprou – observei sem fitar Sellers.

- Para quê? Gosto dela assim – informou ele.

Olhei para meu amigo e dele para as paredes novamente. Impressionante como ele estava adaptado àquela paisagem. Parecia ter envelhecido justamente para morar ali. Continuei observando aquele lar e as únicas coisas novas que vi foram coisas básicas da vida moderna como uma tv e um aparelho de som.

- Parece que você gostou da minha mansão – disse Sellers de uma maneira estranha.

- É muito fascinante e... antiga...

- Então vai gostar muito de passar uma semana aqui – falou ele.

Sabia que naquele momento eu já estava por demais impressionado e propenso a ver coisas mesmo que não existissem, mas tive absoluta certeza que o advogado falara aquilo com o propósito de ver alguma reação de minha parte. Resolvi não discordar de meu amigo, embora tivesse certeza de que não iria suportar mais de dois dias naquela lugar.

Um longo silêncio pairou sobre nós me deixando ainda mais perturbado. Não era dever do anfitrião me deixar à vontade? Não era Sellers Raymond que devia conduzir a conversa, ou mesmo falar sem parar? Como nos velhos tempos, contar histórias engraçadas, me convidar para tomar uma cerveja e falar sobre futebol ou qualquer outra amenidade... Ao contrário disso ele continuava calado com os olhos fixos em algum ponto. Seu rosto parecia mais pálido do que quando o vira no jardim. Os lábios lívidos, entreabertos e tortos mostravam-se prontos a exprimir um gemido agonizante de dor. Não havia expressão alguma de contentamento em seu rosto e sim feições de quem estava em um leito padecendo de uma doença horrível.

- Então você conseguiu mesmo tudo o que queria – falei tentando chamá-lo para uma conversa ao menos formal.

- Quase tudo – falou meu amigo remexendo-se em sua cadeira com ar de impaciência.

- Mas essa mansão, os bons automóveis, a fama, que eu bem pude ver pela tv, como melhor e mais bem pago advogado do estado...

- Essa casa pertenceu a uma família ilustre – informou Sellers me interrompendo com a firme intenção de mudar de assunto.

- Ah, mesmo? – indaguei sem graça.

Sellers ficou de pé e se pôs a caminhar pela sala.

- Dizem até que é mal-assombrada – falou ele e eu senti um sopro gélido invadir a sala, ou talvez fosse só impressão.

- Algumas pessoas foram mortas aqui por assassinos que invadiram-na numa noite. Essa casa se transformou numa espécie de *Amytiville* – contou Raymond e em seguida começou a gargalhar. Olhei-o com espanto e percebi a artificialidade de tudo aquilo. - Brincadeira, rapaz! Você precisava ter visto a expressão de medo que fez – disse ele tomado de um súbito bom humor. Sorri sem jeito, mas aliviado. Meu amigo estava de volta às brincadeiras de antigamente, do tempo em que éramos apenas dois universitários despreziosos. Riu um bocado e depois me falou que as poucas pessoas que tinham falecido ali tinham morrido de causas naturais e, ainda assim, há muito tempo atrás sem deixar nenhuma história sobrenatural.

Pedi para ir ao banheiro e meu amigo me informou onde o mais próximo ficava. Fui disposto a olhar os outros cômodos da casa e livrar-me de vez daquelas más sensações que sentira desde que ali chegara. Passei pela cozinha e novamente senti falta da modernidade. Estava empenhado em deixar de lado todos os incômodos que me tomavam de assalto a todo momento, mas não consegui abandonar a angústia que aqueles móveis velhos me causavam. Entrei no banheiro e mais uma vez vi objetos antigos, coisas que só vemos em filmes de época. Voltei à sala e encontrei meu amigo estático e com o olhar perdido.

- A sua casa é um verdadeiro museu, rapaz – falei em tom de brincadeira, confiante que ele havia recuperado seu velho bom humor. Sellers examinou-me com os olhos, depois voltou a olhar para algum lugar sem dizer nada. Fiquei constrangido e sem palavras. Ele por sua vez, retomara a seu ar de morto

vivo e eu novamente voltava às minhas considerações mórbidas.

- Sellers, onde está a Valéria? Trabalhando? – indaguei agradecendo aos céus por essa pergunta para não permitir que o silêncio se tornasse ainda mais pesado.

- Minha querida esposa está viajando – respondeu lúgubre. – O jantar já vai ser servido, meu amigo. Desculpe não poder acompanhá-lo, pois tenho alguns processos para analisar, e além do mais estou de dieta. Depois podemos falar mais – informou Sellers e em seguida subiu as escadas e desapareceu na escuridão do andar de cima. Primeiro fiquei paralisado me sentindo um intruso, depois explodi de indignação censurando a mim mesmo porque não perguntara àquele sujeito que palhaçada era aquela. Tinha sido convidado por ele para vir à sua casa e nem me recebera calorosamente; fizera-me saber de um estado melancólico de dissabor da vida e ainda não tocara no assunto desde que chegara! E que conversa de jantar era aquela? Talvez não fossem nem seis horas ainda! Olhei para meu relógio e não consegui ver nada por causa da penumbra. Afastei-me sem tirar os olhos do pulso procurando algum ponto de luz: sete e trinta e cinco! Deus, como o tempo passara rápido!

- Com licença, senhor, o jantar está servido – disse uma voz. Vóltei-me para trás e lá estava o homem de cabelos grisalhos, ou melhor, o mordomo.

- Queira me acompanhar por favor – disse ele e foi para a cozinha. Eu o segui.

Sentei-me à mesa e o mordomo desapareceu. Mesmo sozinho, não comi bem e nem me senti à vontade. Tinha a sensação de que era observado, não por um par, mas por milhares de olhos atentos observando através de frestas oriundas daquelas paredes centenárias. Terminei o jantar e permaneci sentado sem saber se devia ir à sala ou procurar Sellers, ou ainda, permanecer ali. Um vento entrou naquela cozinha me refrescando e ao mesmo tempo fazendo aumentar o odor enjoado daquela casa em minhas narinas. Lá fora, o farfalhar das folhas das árvores deu-me uma sensação de medo, de perigo.

- Apreciou o jantar? – perguntou Sellers ao se aproximar.

- Claro – menti encarando meu amigo. Se ele tivera intenção de me surpreender aproximando-se devagar, falhara, pois eu o avistara de longe quando ainda vinha na sala, na escuridão.

- Venha comigo, vou lhe mostrar seu quarto – chamou Sellers.

Subimos as escadas. Meu amigo parou no topo delas e pareceu indeciso sobre que direção tomar. Acabou optando pela esquerda. Eu o acompanhei e ele me indicou o quarto em que eu deveria ficar. Abri a porta e, como no resto da casa, havia móveis velhos e um predominante cheiro de mofo. Um papel de parede xadrez já amarelado, decorava as paredes daquele aposento. O advogado me deu boa noite e virou para mim no sentido de ir embora.

- Espera aí, Sellers – pedi e ele se voltou para mim. – Espera que eu me recolha agora?

- Como assim?

- Você não me chamou aqui para conversar? Falar dos velhos tempos, discutir sobre o problema que mencionou na carta? O que há com você amigo? Desde que cheguei que me trata como se eu fosse um hóspede indesejado... Você mudou muito, parece afligido por um problema sério, mas daí a...

- Desculpe amigo, pelo meu tratamento, mas estou com um ataque de pressão alta. Minha cabeça parece que vai explodir de tanta dor de cabeça. Amanhã com certeza conversaremos bem e eu lhe falarei tudo que sinto. Por favor não se aborreça, você vai entender tudo – falou Sellers e continuou seu caminho.

Entre no quarto vencido e resignado a esperar por atitudes melhores de meu amigo para o outro dia. Deitei e foi então que minhas preocupações deram lugar ao terror real. Depois que a porta do quarto foi fechada e o silêncio predominou, pareceu-me que a consideração de que estava numa casa mal-assombrada era a conjectura mais racional que eu podia ter. Tinha a impressão de ouvir vozes sussurrando em outros cômodos com o único propósito de me atormentar. Nítidos passos ouvi nas

escadas e até me levantei pronto a abrir a porta para ver quem estava ali. Cheguei a olhar seguidas vezes para ver quem brincava naquelas escadas mas não vi ninguém. Voltei para minha cama resolvido a dormir, todavia não tive sucesso. Só me restava permanecer ali torturado por pensamentos pavorosos.

Se quando eu estava em companhia de Sellers o tempo corria rapidamente, sozinho naquele quarto os minutos se arrastavam como parte do meu tormento e angústia. Com certeza eu ia embora dali logo pela manhã. Foi com esse pensamento confortador que adormeci e tive um pouco de tranquilidade.

Acordei, acendi a luz do abajur para ver as horas: meia noite e dez. Pulei de volta para a cama num salto. Da gaveta de uma pequena cômoda saiam ratos. Havia uma dúzia deles no chão, mas não por muito tempo. Logo, outros saíram do pequeno móvel para infestar o quarto. Tomado do mais puro pânico, debati-me na cama para que o barulho espantasse aquelas criaturas repugnantes. Não funcionou. Os ratos não se intimidaram e continuaram a passear pelo chão do quarto. Corri sobre aqueles animais chegando inclusive, a pisar em alguns deles. Saí do quarto, passei pelo corredor e desci as escadas. Na sala, sozinho e no escuro, fui tomado por um pavor ainda maior. Vozes se erguiam de uma das laterais da casa num coral semelhante a um canto gregoriano. Parecia se tratar de uma espécie de liturgia. Desci as escadas e me encaminhei para a porta da frente sempre com cuidado para não tropeçar em nada. Alcancei-a e verifiquei que não estava trancada. Abri-a e saí. O ar puro me fez bem, mas minha atenção voltou-se ainda mais para o lado da casa, de onde provinham as vozes. Com cautela fui em direção aquela estranha música de onde também emanavam luzes e um cheiro doce. Detrás de um arbusto, contemplei a coisa mais assustadora que vi em toda a minha vida. Um grande círculo formado por homens e mulheres onde todos cantava de mãos dadas e em volta de uma estátua de uma criatura tão pavorosa quanto descomunal. Um ser antropomórfico, de tórax avantajado, com um rosto estendido para frente como o de um babuíno; havia chifres em sua cabeça. De frente para a imagem, Sellers usando uma espécie de bata cerimonial, uma paródia das vestimentas usadas pelos membros da Ku klux klan. Aquilo devia se tratar de uma missa negra – eu pensei, embora nunca tivesse tido a descrição de como seria uma – ou algo que o valesse.

- ...um sacrifício para nosso mestre em favor de Sellers Raymond – falou em alta voz um sujeito enquanto a ladainha diminuía. O choro de um bebê invadiu o ambiente. Alguém apareceu segurando um recém-nascido pelos pés. Não podia acreditar no que via. Por alguns momentos minha mente perturbada quis e esperou que tudo aquilo se revelasse uma encenação, uma brincadeira de mau gosto por parte de meu amigo para me pregar a maior peça da minha vida. Mas nada disso aconteceu.

- Ora, ora, o que temos aqui?! – falou uma voz às minhas costas. Olhei para trás e vi o mordomo também caracterizado para o culto.

- Sr. Sellers, seu convidado acaba de estragar a surpresa – falou e logo me vi cercado sendo pelas pessoas que participavam do ritual. Sellers abriu caminho entre elas e parou à minha frente.

- Espero que não tenha se assustado com tudo isso, Fred – disse ele. – Eu pretendia lhe fazer uma surpresa, convidá-lo para se juntar a nós...

- Se juntar a esse ritual negro? – perguntei indignado e sem deixar de observar aquelas pessoas vestidas de maneira estranhas.

- Isto não se trata de nenhum ritual negro, meu amigo – interveio Sellers. Os homens e mulheres me fitavam com interesse.

- E o sacrifício do bebê? Aquele ídolo horrível? – Voltei-me em direção ao local onde era realizado a cerimônia e não vi mais a estátua pavorosa. Como eles haviam escondido aquela imagem enorme e, logicamente, pesada? Sabia que não estava enganado, assim como era impossível sumir dali com aquele troço sem que eu visse.

Sonho?

Realidade?

- Estávamos apenas praticando o rito de comunhão com a natureza...



- Eu vi a estátua de um demônio, diabo, sei lá o quê... e um bebê chorando, o sacrifício sendo pre...

- Você deve estar louco, Fred, vendo coisas! Não há nada disso aqui, nunca houve – disse Sellers e todos ali concordaram. De fato não parecia mais assustadores quando os vi em pleno culto. Usavam vestes compridas e largas e não medonhas vestimentas semelhantes as dos cavaleiros da Ku klux klan. Teria imaginado aquelas coisas? Voltei a procurara a imagem do monstro, não vi nada. Olhei para as pessoas à minha frente esperando encontrar o bebê, vi somente flores nas mãos de algumas mulheres. Minha mente conturbada poderia ter criado aquelas imagens horríveis? Afastei de mim esse pensamento.

- Não somos satanistas ou qualquer outra coisa medonha que esteja pensando. Somos apenas praticantes de magia branca. Eu esperava apresentá-lo ao nosso grupo e convidá-lo a...

- Não quero saber de nada, não estou interessado – disse e fui me afastando dali. Logo estava correndo em direção ao portão. Examinei os cadeados e descobri que minha única saída era por cima. Escalei o portão ouvindo meu amigo me chamar sem parar. Do alto olhei e os vi novamente pavorosos, algumas mulheres seguravam bebês e, bem ao fundo, no local da cerimônia, a estátua medonha visível. Caí do outro lado e, mesmo ciente de que eles não pretendiam me seguir, saí correndo como um louco pela aquela rua escura e quieta demais.

## SANGUE NO CÍRCULO

*“Não existe no mundo nenhuma fera que não tenha sentido um pouco de piedade. Eu não sinto nenhuma, por isso não sou uma fera”.*



GEORGE

Há muito tempo que os cinco jovens eram tidos como desajustados. Vestiam-se de preto, frequentavam cemitérios à noite e participavam de festas onde havia todo tipo de gente esquisita. Viviam num estado quase permanente de melancolia e não se davam bem com os pais, professores e toda forma de autoridade que se posicionasse diante deles. Talvez por isso, ninguém ficou surpreso quando um deles foi assassinado pelos outros em um velho galpão ferroviário fora de uso numa noite particularmente quente.

- Que é que há com esses moleques de hoje? Mataram, ao que tudo indica, um amigo deles. Um garoto que só andava com eles, que se vestia igual a eles, numa espécie de missa negra! – falou o policial que prendera George em casa.

- Não se tratava de missa negra, rapaz! Só porque havia aquele círculo no chão isso não quer dizer nada. A missa negra, ou um ritual de sacrifício...

- Não vem com essa, não Lopez, cê não viu a maneira como aquele moleques se vestem? Todos de preto, usando cruzes de cabeça pra baixo e essas ridículas camisetas de bandas de rock de diabos e imagens do inferno. Pra mim aqueles doidos fazem parte de alguma espécie de culto ao demônio e mataram o amigo num sacrifício humano.

Lopez sorriu. Seu colega sempre tinha tendência a simplificar as coisas e colocá-las num ponto onde pudesse julgá-las à vontade. É claro que os jovens eram inclinados ao lado oposto à religião cristã, que era crença das autoridades repressoras como pais, mães, pessoas mais velhas, e se sentiam impelidos a fazer o contrário do que lhe impunham. Talvez algum deles tenha até tentado ler um manual de práticas ocultistas, mas daí a convencer os outros a realizar um sacrifício humano, como tanto queria seu colega, era uma coisa pouco provável. O verdadeiro motivo daquele assassinato, pensava Lopez, só podia ser desvendado com o apurado exame dos depoimentos dos quatro.

Os dois policiais encarregados do caso, Lopez e Andrade, mais o delegado da homicídios, resolveram ouvir um por um os jovens em caráter não oficial antes de tudo.

Quando os homens se acercaram do garoto, este começou a olhar de um para o outro e a tremer como se estivesse doente.

- Então, garoto, pode contar pra gente tudo o que aconteceu naquela noite? – perguntou o delegado Moraes.

- Cês não vão me torturar, vão? – indagou ele. Moraes e Lopez sorriram. Apenas Andrade continuou sério.

- Tem assistido muitos filmes, moleque – disse o policial com hostilidade.

- Não, rapaz – respondeu o delegado. – Só queremos ouvir sua história. Pode contar o que aconteceu pra gente?

George engoliu a saliva e procurou se acalmar. O policial tinha razão, ele tinha visto muitos filmes e já estava imaginando a típica cena do interrogatório na penumbra com choques elétricos e tudo mais.

- Pode deixar, eu conto tudo – disse e começou a se remexer na cadeira produzindo um ruído que irritava Andrade. – Foi o Newton que convenceu as meninas a matarem o Richardson. Eu apenas fiquei olhando, dizendo pra não fazerem aquilo – falou e começou a recordar os detalhes daquela noite.

Saí de casa decidido a voltar somente no outro dia. Tinha brigado com meus pais pela milésima vez por causa da escola. Queria que eles ficassem preocupados comigo por não saberem onde eu estava. Até aquele dia nunca tinha passado a noite fora sem avisar antes. Bati o portão quando saí e desci a rua. Peguei o ônibus e fui pra casa de Richardson. O triste nisso tudo, além da morte de meu amigo, foi o fato dos pais dele terem visto a gente sair junto. “O Richardson saiu amigavelmente com um de seus assassinos de casa!”, devem ter dito os pais dele. Ruim imaginar isso e saber que não ajudei a matá-lo.

Mas talvez eu tenha culpa nisso tudo, a culpa de ser um amigo covarde que não tenha tido a coragem suficiente para intervir e defendê-lo de ser morto pelos próprios amigos, se é que ainda posso chamá-los assim.

Richardson e eu chegamos à casa de Davi às seis e meia. Ele devia estar realizando sua centésima festa e nós resolvemos ficar lá para esperar o resto da turma. Não demorou para que Michele chegasse com Newton. Pegamos algumas cervejas e fomos para o jardim conversar e esperar pelos outros, sabe como é, na festa havia muita gente legal pra caramba, mas também um monte de babacas que não gostavam da gente. Eles eram uns despeitados que diziam que nós não passávamos de um bando de burgueses metidos a góticos. Não dávamos a mínima, sabíamos que eles eram apenas invejosos.

Isabele chegou sozinha depois de meia hora. Seu namorado estava doente e não tinha ânimo sequer pra levantar da cama. Com certeza Jean ia se considerar um cara sortudo pouco tempo depois por não ter ido àquela festa. Como o fez a namorada, ele também nos acompanharia e se envolveria naquela desgraça que foi aquela noite.

Recordo bem que Richardson foi o primeiro a falar em fazer o ritual. Há muito tempo estávamos naquela de tentar descobrir um meio de invocar satã. Eu, Richardson e Isabele tínhamos lido alguns livros sobre o assunto, tínhamos tentado reproduzir, com os outros, algumas daquelas cerimônias que encontramos nos manuais, mas nada havia surtido efeito. No final de tudo a gente ria e se convenciamos de que aquilo não passava de fantasia.

- Que ritual você quer fazer? – quis saber Isabele.

- Um que eu li recentemente num livro de um amigo meu. Não tem como falhar – disse Richardson e olhou para cada um buscando aprovação.

- Não acho que vá funcionar – opinou Newton.

- Você nem sabe como é – Richardson se defendeu.

- Do que é que precisa pra fazer esse? – perguntou Michele e depois esvaziou seu copo de cerveja.

- Se for pra fazer ritual, *vamo* fazer aquele do furo no dedo – disse Newton.

- Não, aquele que tem que furar o dedo eu não vou, não – informou Isabele e Michele concordou. Newton foi dizendo que só acreditava em rituais que envolviam o oferecimento de sangue porque, segundo um amigo seu, especialista nessas coisas, o diabo só surgia movido por alguma oferenda que representasse a alma. Uma acirrada discussão se iniciou.

- Peraí, gente, *vamo* primeiro escutar o que o Richardson tem pra dizer – eu pedi.

- Vai, fala, Richardson – incitou Isabele. Os outros se voltaram para ele.

- Certo – disse Richardson, tomou mais um gole de sua bebida, depois falou: - É o seguinte, o ritual é muito simples, não precisa de materiais ou sangue.

- Não tem que fazer um sacrifício, nenhum? – brincou Michele.

- Não – respondeu ele impaciente. – Só é preciso um círculo e gente rezando em voz alta. Se o demônio se agrada da prece ele aparece, se não, não aparece.

- Eu já li sobre um ritual parecido, a única diferença é que um pouco de sangue tem que ser oferecido no final – falou Isabele.

- Eu boto mais fé nesse – observou Newton. Todos rimos.

- Então, *vamo* lá, galera – eu falei.

- É, essa festa já deu o que tinha que dá – disse Richardson.

- Vamos nos unir às sombras – chamou Michele fazendo nosso costumeiro convite para os passeios noturnos.

Saímos dali decididos a encontrar um lugar onde pudéssemos realizar o tal ritual. Depois de uma pequena discussão, optamos pelo velho galpão ferroviário.

Descemos de um ônibus, quase vazio àquela hora, e seguimos por uma praça deserta. Em seguida estávamos sob a luz da lua, num imenso pátio de uma companhia ferroviária abandonada. A turma

começou a se sentir muito à vontade. Michele e Newton resolveram explorar algumas máquinas fora de uso que se enferrujavam à céu aberto e Isabele e Richardson sentaram-se sobre o espesso capim. Por instante pensei que ninguém fosse tentar realizar o ritual.

- Ei, pessoal, por aqui – chamaram Newton e Michele. Eu fui até onde eles estavam. Chamamos os outros e fomos em direção ao galpão, ziguezagueando entre os vagões abandonados. Entramos no galpão que tinha a parede esburacada e o teto quase totalmente arrebitado. Por ali somente escuridão levemente atenuada pela luz da lua, o som de alguns insetos e um gatinho.

- Olha só que bonitinho – disse Michele pegando o gato.

- *Vamo* lá, gente, fazer esse negócio – convidou Richardson ansioso. Pegou um pedaço de tijolo e com ele riscou um imenso círculo no chão. – Todo mundo aqui dentro – chamou ele. Newton tirou sua pequena jaqueta jeans, a colocou no chão dentro de círculo e se sentou sobre ela. Também fui me sentar dentro do círculo, em seguida vieram Isabele e Michele com o gato na mão.

- Esse gato não pode ficar aqui dentro não, Michele – protestou Richardson.

- A não ser que ele também queira falar com o diabo – sugeri e todos riram.

- Michele saiu e colocou o animal sobre uma pilha de tijolos. Voltou para o círculo e demos as mãos. Richardson explicou que cada um tinha que se dirigir ao diabo falando em volta alta e pedir para que ele se manifestasse. Ele iniciou uma oração e após terminar, fez sinal para que eu continuasse. Primeiro eu pensei na raiva que tinha das pessoas, no meu desgosto por tudo que a sociedade hipócrita defendia e depois lembrei do desejo que sentia pelo lado escuro e a vontade que tinha de saber se o diabo de fato existia. Fiz uma curta e sincera prece nesse sentido e em seguida sinal para que outro continuasse a corrente. Um a um invocamos o diabo, rogamos com sinceridade para que ele aparecesse pra gente, fizemos uso da nossa disposição para o mal, da nossa revolta e indiferença, abrimos nossos corações, mas nada aconteceu. Richardson foi o primeiro a lamentar, nós concordamos com ele, mas logo ele começou a parecer mais exaltado.

- Talvez a gente precisasse mesmo de fórmulas, de ingredientes, fogo...

- Sangue! – gritou Richardson completando a lista que Newton fazia. Saiu do círculo sob nossos olhares e pegou o gato de Michele.

- Que é que você vai fazer com ele? – perguntou a garota. Ele não respondeu, trouxe o bicho pra junto da gente o levantando pelo couro do pescoço, sacou seu pequeno canivete e o espetou na garganta. O animal começou a se contorcer e a miar enquanto o sangue jorrava. Michele ficou em pé e passou a chorar e a gritar. Newton tomou o gato e o canivete das mãos de Richardson, deu uma gravata no pescoço dele, soltou o gato, que acabava de morrer, no chão, e entregou o canivete para Michele que começou a esfaqueá-lo. Depois foi a vez de Isabele receber a arma e dar algumas estocadas em Richardson. Tudo isso aconteceu enquanto eu me afastava deles e gritava para pararem com aquilo. Por um momento eu cheguei a pensar que o demônio havia entrado no corpo deles.

Saí correndo dali temendo ser assassinado por eles.

MICHELE

- Não acredito em nada do que esse garoto falou – informou Andrade e acendeu um cigarro. Lopez continuou olhando para a porta por onde George havia entrado e saído e pareceu pensativo.

- Realmente tem algumas coisas que não batem – falou o delegado Moraes revisando algumas anotações que fizera durante a conversa com o garoto.

- Principalmente aquela história do canivete da própria vítima – observou Lopez interrompendo o que parecia ser uma profunda reflexão.

- Mas o garoto foi de fato esfaqueado pela própria arma – disse Andrade após soltar uma grande baforada de fumaça azul.

Lopez sorriu ao saber que ia surpreender seu colega.

- Só que, das quarenta e duas perfurações que ele sofreu, só oito foram comprovadamente feitas pelo canivete.

Andrade encarou Lopez, voltou-se para o delegado.

- Ainda não tinha sido informado disso.

- Pois é. E segundo o legista que examinou o moleque, as outras perfurações foram feitas por um instrumento de maior comprimento.

- Mas no local só foi encontrado o canivete – observou Andrade como se estivesse se defendendo de alguma acusação.

- Pois é, o diabo desses moleques deram fim ao troço que de fato matou o garoto.

- Essa história de canivete desse garoto não cola – complementou Lopez.

- Pra mim nada do que ele disse cola – informou Andrade, amassou o cigarro no cinzeiro e começou mais uma vez a insistir na sua suspeita de um ritual de sacrifício previamente arquitetado pelos amigos da vítima.

Ao redor dos olhos da garota havia um borrão causado pelas lágrimas e pelo constante esfregar de dedos sobre a maquiagem escura. Andrade olhou para seu *piercing* no nariz e para os inúmeros brincos em sua orelha e pensou em sua filha usando um negócio daqueles. Com certeza lhe daria uma surra até que ela aprendesse a diferenciar a cara de uma maldita almofada de alfinetes!

- Então, garotinha, podemos conversar? – perguntou o delegado lhe estendendo um lenço de papel. Ela o recebeu, limpou os olhos, depois assuou o nariz.

- Pode contar pra gente tudo que aconteceu naquela noite? – Lopez quis saber. Michele respirou fundo e fez que sim com a cabeça.

- Conte tudo, filha, não esconda nada – encorajou Andrade e os outros policiais o olharam quase ao mesmo tempo.

Newton e eu encontramos George e Richardson na festa de Davi. Nós tínhamos ido pra lá juntos. Ele tinha me encontrado na saída do colégio. Senti duas mãos tapando meus olhos. Estava sentada num banco de praça.

- Adivinha quem é... – disse uma amiga minha ao meu lado. Apalpei aquelas mãos, senti seu perfume.

- É o Newton – eu disse e me virei, ele sorria pra mim.

- Ah – lamentou.

- Com esse banho de perfume que você toma, dava pra saber que era você desde que desceu do ônibus – falei.

- É pra compensar pelos banhos que não tomo – ele falou.

Minha amiga quase teve um ataque de tanto rir.

Vimos andando e conversando e Newton aproveitou para me entregar um pacotinho. Perguntei o que

era.

- Que falta de educação, que grosseria – falou minha amiga. – Abre esse negócio, não tá vendo que é um presente.

Concordei com ela e desembulhei o pacotinho. Um CD novinho do *Cradle of filthy*, o mesmo que tinha emprestado par um amigo e que ele tinha perdido.

- Puxa vida, Newton, não precisava – falei, Nicole ficou fazendo insinuações

- Vou deixar os pombinhos a sós – disse sorrindo o tempo todo. Pedi para que ela levasse meus cadernos para casa e nos despedimos.

- Hum, aí tem coisa – especulou antes de ir.

Newton falou sobre a festa na casa de Davi. Concordei, não estava nem um pouco afim de ir pra casa.

Resolvemos ir tomar umas cervejas no jardim da casa de Davi porque a festa já estava começando a ficar cheia de gente chata. Estávamos no jardim quando Isabele chegou sem Jean, seu namorado. Ficamos ali bebendo e conversando até que Richardson falou em fazer um novo ritual. Nós já tínhamos tentado, de várias maneiras, invocar o diabo sem sucesso. Tínhamos usado desde tábuas de *ouija* até gritos loucos no meio da noite no cemitério pra tentar estabelecer uma comunicação. George, Richardson e Isabele haviam lido muitos livros a respeito dessas coisas, nós experimentamos algumas coisas retiradas desses livros, mas nada aconteceu. Iniciou-se uma discussão sobre que tentativa iríamos fazer. Richardson insistia que o que havia descoberto era infalível. Explicou como era e Newton duvidou que funcionasse, disse que preferia um que tivesse que furar o dedo. Isabele e eu dissemos que estávamos fora, nada de furar dedo ou qualquer outra coisa. Depois de mais um pouco de conversa, resolvemos fazer o que Richardson propunha.

- *Vamo* pro cemitério – opinou Newton.

- Não. *Vamo* pra outro lugar, no cemitério vai ser difícil entrar – disse George.

- Difícil o quê, cara? – duvidou Newton.

- A vigilância lá foi reforçada – informou George. – Que tal a gente ir lá pra antiga estação?

- Aquele lugar é cheio de mato e...

- Cê tá é com medo, Newton – George falou e todos rimos.

- Não, claro que não...

- Tá bom, gente, *vamo* pra lá mesmo, melhor do que ficar aqui discutindo a noite inteira – sugeriu Richardson. Concordamos e Newton disse que só ia pra provar que não era covarde.

Acho que os poucos passageiros do ônibus que a gente pegou, ficaram horrorizados conosco. Compreendo, afinal não é todo dia que se vê três garotos e duas garotas vestidos de preto de forma assustadora em um ônibus no meio da noite.

Descemos em frente a uma praça, a atravessamos sem perceber a presença de ninguém e entramos naquele lugar que um dia fora uma oficina de trens. Isabele e Richardson sentaram-se no capim, George ficou próximo a eles, eu e Newton fomos ver de perto os vagões e as imensas peças abandonadas. O lugar parecia um campo de batalha onde todos aqueles monstros de ferro tinham sido deixados mortos. Aqui e ali vagões de passageiros, de transportes de produtos, tanques, máquinas, eixos quase tão grossos como troncos de árvores, rodas, pistões, carcaças cobertas de ferrugem que se afundavam na terra ou eram envolvidos pelo capim. Embora fossem peças de metal que se deterioravam à céu aberto, aquilo me fez pensar na morte, em todo o fascínio que ela me causava e me fez pensar também no lado escuro, no ritual que acreditava que naquele dia funcionaria.

- Ei – chamei.

- Por aqui – indicou Newton. George veio e em seguida os outros também.

Quando entramos no galpão eu vi um gatinho. Fui e o peguei, Newton foi para dentro do círculo que Richardson tinha feito. Isabele e eu ficamos fazendo carinho no gato. George também tomou seu lugar no círculo no chão. O tal ritual de Richardson ia começar. Eu e Isabele também entramos no círculo.

- Esse gato não pode ficar aqui dentro não, Michele – protestou Richardson.

Fui colocar o gato sobre um monte de tijolos para que ele não fugisse. Pretendia levá-lo pra casa quando tudo terminasse. Voltei. Richardson explicou rapidamente como era o ritual. Cada um teria que falar com o diabo em voz alta pedindo por sua presença. Ele iniciou, depois foi a vez de George. Fiz minha prece pensando em como seria bom receber favores sobrenaturais. Ainda que fosse em troca de minha alma aceitaria. Queria ser uma bruxa com poderes, bela, rica, temida e ao mesmo tempo amada por todos. Algum tempo depois da conclusão do ritual, nos demos conta de que nada acontecera. Richardson começou a reclamar.

- Talvez a gente precisasse mesmo de fórmulas, de ingredientes, fogo – sugeriu Newton.

- Sangue! – gritou Richardson e foi correndo pegar o gatinho.

- Que é que você vai fazer com ele? – perguntei ficando de pé. Ele não disse nada, puxou um canivete e trouxe o gato para o círculo, a seguir começou a esfaquear o bichinho. Comecei a gritar, Newton tentou intervir, foi nesse momento que George veio empurrando todo mundo, tomou o canivete de Richardson, jogou o gato no chão e começou a esfaquear Richardson com a ajuda de Isabele. Newton e eu nos afastamos gritando ao mesmo tempo. Até agora não entendi porque eles fizeram aquilo sem mais nem menos. A única coisa que sei é que eles pareciam possuídos naquele momento. Eu e Newton fugimos e não pude mais ver o que aconteceu.



## ISABELE

Fez-se silêncio na sala depois que a garota saiu. Ela tinha chorado muitas vezes durante seu depoimento e aquilo tinha irritado tremendamente os nervos de Andrade.

- Essa daí também acusou os outros – observou ele.

- Pelos menos acusou uma pessoa em comum com o outro garoto – falou Moraes.

- A outra garota: Isabele – informou Lopez e logo assumiu sua expressão de profundas reflexões.

- Nada da outra arma do crime – lamentou o delegado, impulsionou sua cadeira de rodinhas para mais perto da escrivaninha a sua frente e começou a igualar uma pilha de papéis segurando-os nas laterais e batendo de encontro a mesa.

- Vamos ouvir quem agora? – perguntou Andrade acendendo outro cigarro.

- Exatamente a outra garota – falou Moraes ficando de pé para abrir a porta.

A única semelhança entre Isabele e Michele eram os inúmeros brincos e a vestimenta de cor preta. Diferente da outra, elas se mantinha calma e confiante como se estivesse ali para tratar de um assunto que não fosse um crime de morte.

- Pode nos contar o que aconteceu naquela noite, garota? – perguntou Moraes já se sentindo ridículo em repetir aquilo.

- Sou obrigada a isso? – perguntou ela olhando de um para outro. Andrade soltou uma grande baforada de fumaça em sinal de irritação.

- Não é obrigada a isso, não por enquanto, mas pode se prejudicar se não falar agora – informou Lopez se antecipando ao delegado.

Isabele tomou fôlego numa clara demonstração de indiferença.

- Tudo bem. – Procurou uma posição mais cômoda na cadeira. – Pode me arranjar um cigarro? – perguntou a Andrade. Este respondeu laconicamente que não.

- Então que tal um pouco de café?

Moraes foi pegar café na outra sala, o que tinha naquela, havia acabado.

Encontrei George, Richardson, Newton e Michele na casa de Davi. Bebemos um pouco e depois decidimos sair dali para tentar um novo ritual. Topei na hora. Estava um tanto entediada. Tinha passado antes na casa de Jean, mas como ele estava doente, não queria nem levantar da cama. Entrei e fui direto para o quarto com a mãe dele atrás de mim insistindo em repetir que ele não estava bem e que não podia me ver. Dei mais um motivo a ela pra não gostar de mim depois que passei e bati a porta do quarto de Jean.

- Que história de doença é essa? – perguntei a Jean.

- É verdade, eu tô *malzão* – disse ele erguendo só a cabeça.

- *Vamo*, deixa de frescura. Tem uma festa legal hoje na casa do Davi – falei enquanto sentava na cama.

- Não tenho nem vontade de me levantar. Acho que se tiver uma dor de barriga vou sujar tudo aqui sem ter condições de levantar para ir ao banheiro.

- Muito engraçado, Jean – eu disse e em seguida coloquei a mão em sua testa. – Não tá com febre, não.

- A febre passou, mas eu tô com muita dor de cabeça e fraqueza...

- Ah, deixa de moleza, Jean, levanta aí...

- Não dá, não, Isabele. Não tô me sentindo bem, é sério...

- Isso é coisa que a tua mãe põe na tua cabeça!

- Que nada, Isabele, isso é sério. Tô me sentindo péssimo.

- Tudo bem, tudo bem – concordei. – Então que tal um pouco de... – Comecei a acariciar as coxas

dele.

- Ah, se você quer isso, tudo bem, posso reunir minhas últimas forças e...

Tinha interrompido as carícias.

- O que foi? – perguntou ele surpreso e um tanto decepcionado.

- Será que eu tranquei a porta?

- Não sei. Vai olhar e volta rapidinho.

Fui até a porta e verifiquei que a mesma estava aberta. Hesitei um instante depois me volvei para Jean.

- Pra isso você tá bem disposto! – falei indignada.

- Espera aí, Isabele, vem aqui...

- Vou pra festa na casa de Davi encontrar a galera e talvez... talvez não, provavelmente vou colocar outro em teu lugar – falei. Os olhos de Jean ficaram esbugalhados e ele se sentou na cama.

- O quê?

- Melhoras pra você, tchau. – Saí. No corredor ouvi os gritos de Jean dirigidos a mim. Sua mãe apareceu perguntando o que era aquilo.

- Nada. Só o seu filho que ficou nervosinho porque eu não quis ser masturbar ele – informei e tratei de sair dali.

Eu e Richardson nos sentamos sobre o capim naquele imenso terreno abandonado. Estava escuro e por ali, além de nós, somente os insetos e bichos. Olhei para o céu, estava uma noite linda, embora quente. Depois me volvei para Richardson. Ele era um carinha legal, mais novo que Jean e por isso sem tanta malícia quanto ele. Valia a pena ficar com ele pra me vingar, mas isso também implicaria brincar com seus sentimentos, então desisti. Agora, se eu desconfiasse que o futuro lhe reservava aquela morte estúpida, causada por dois amigos seus, eu teria ficado com ele àquela noite, feito com que esquecesse o ritual que não daria certo. Percebia nele uma certa admiração, um olhar atenuado pelo fato de que todos sabiam que eu namorava Jean há um bom tempo. Seria fácil chamar sua atenção pra mim.

George se aproximou da gente. Newton e Michele, mais afastados, começaram a chamar pela gente. Num instante estávamos em um velho galpão. Richardson fazia um círculo no chão com um pedaço de tijolo enquanto Michele e eu brincávamos com um gato que ela tinha achado.

- Todo mundo aqui dentro – falou Richardson. Todos obedecemos, houve uma pequena demora por causa de Michele e seu gato. Foi iniciado a cerimônia. Cada um devia se dirigir ao diabo em voz alta pedindo para que ele aparecesse. Participei daquilo sem acreditar em momento algum que pudesse funcionar. Tinha lido alguns livros sobre magia, satanismo, feitiçaria e ocultismo em geral. Sabia que qualquer ritual que se prezasse e que tinha como objetivo invocar alguma entidade, teria que apresentar algum sacrifício ou mesmo sangue, velas e um punhado de ingredientes difíceis de encontrar. Havia informado Richardson sobre isso, o que fora um erro.

Pouco tempo depois do fim do ritual, Richardson começou a lamentar seu fracasso. Parecia que iria enlouquecer com aquilo. Newton fez alguns comentários, a seguir o que eu dissera para Richardson, trouxe toda a desgraça.

- Sangue! – gritou ele e imediatamente eu recordei o que tinha lhe falado. Saiu do círculo e foi correndo pegar o gato de Michele. Voltou com o animal em uma mão e o canivete na outra. Espetou o gato procurando aspergir seu sangue dentro do círculo. Michele gritava. Todos ficamos de pé. Newton partiu para cima de Richardson e lhe tomou o canivete, o gato caiu sem vida. George se afastou, eu também fiz o mesmo, então Newton, com a ajuda de Michele, esfaqueou Richardson até a morte.

NEWTON

- É, eles está trocando acusações desde que foram detidos – confirmou Lopez.

- Um bom plano pra tentar confundir a gente – observou Andrade. Agora era a vez de Moraes parecer reflexivo.

- O que mais me intriga até agora foi o fato de não ter sido mencionado a outra arma usada nesse crime – observou.

- Talvez todos tenham matado o moleque e agora, vendo que a barra vai pesar pra cima deles, estão tentando jogar a batata quente pra cima dos outros – supôs Andrade.

Lopez detestava ter que admitir, mas seu colega podia ter razão.

- Eles deviam estar mancomunados para oferecer o amigo como sacrifício pra quem quer que eles acreditassem que ia vir do além, como o troço não deu certo, estão se dando conta da besteira que fizeram e jogando a culpa uns nos outros – concluiu Andrade.

- Talvez você esteja certo num ponto – disse Lopez.

- Qual?

- No que diz que todos participaram do crime.

- Não acha que o motivo foi a missa negra?

- Não, mas isso não importa.

- Vocês se esquecem de que não foi encontrado sangue na roupa de nenhum deles – falou Moraes.

- Mas isso se explica pelo prazo que tiveram depois do crime: um dia e meio, suficiente para dar um fim às roupas – observou Lopez.

- Mas será que todos seriam tão igualmente cuidadosos? Quer dizer num crime desses, com quatro suspeitos, a qualquer momento um deles acabaria fazendo besteira e comprometendo os outros – disse Moraes.

- A não ser que o crime tenha sido premeditado – falou Andrade.

- Pelo que pude ver, esse caso ainda pode surpreender – disse Lopez.

- Melhor continuar – Moraes falou e a seguir teve uma idéia para o próximo interrogatório.

Newton sentou-se, olhou para os policiais, baixou a cabeça.

- Podemos lhe dispensar de uma longa conversa se você nos disser aonde foi parar a outra arma do crime – informou Moraes. O garoto o olhou surpreso:

- Que outra arma?

- A faca que matou seu amigo, devia haver duas armas, só encontramos uma – falou Lopez seguindo o plano do delegado.

- Não tô entendendo, só havia o canivete de Richardson, George tomou dele e o matou..

- O corpo de seu amigo recebeu golpes daquele canivete, mas o que tirou sua vida foram as estocadas profundas que levou por todo o corpo – informou Moraes e o encarou.

- Mas eu vi George matando o Richardson com o canivete dele, todos nós vimos – falou Newton parecendo sincero.

- Está mentindo duplamente, garoto – interveio Andrade. – Seu amigo de fato morreu vítima de um instrumento longo e pontiagudo, e não por causa de um ridículo canivete, e seus amigos contaram uma história diferente da sua.

- Sei que isso não é verdade, os senhores estão falando isso só pra me pressionar – respondeu Newton.

- Olha, garoto...

- Tá pensando que isso aqui é brincadeira, moleque? – indagou Andrade interrompendo o delegado.

- Olha aqui, garoto, ninguém está blefando, se é o que você está pensando, sabemos que outra arma além daquele canivete foi usada, seus amigos estão contando uma história diferente, inclusive histórias

que lhe apontam como assassino.

- Eu!?
- Você, sim – reforçou Andrade.
- Não! Eu não, como os outros, só vi George matando o Richardson depois que sangrou o gato...
- Que armas ele usou? – perguntou o delegado.
- Já disse, só o canivete, o próprio canivete do Richardson.
- Não tem jeito... – interveio Andrade, suspirou e lançou mão de outro cigarro.

Depois que o ritual chegou ao fim e nada aconteceu, Richardson se levantou atordoado e começou a reclamar do fracasso. Dei minha opinião do porque aquilo não havia funcionado. Tínhamos passado bons minutos invocando o diabo, cada um a sua maneira. Era pra ser um rito simples, conforme o próprio Richardson fizera questão de explicar. Não funcionara e ele parecia prestes a enlouquecer.

- Sangue! – gritou ele e foi correndo pegar o gatinho que se encontrava sobre um monte de tijolos ali perto. Cortou o pescoço do animal e deixou seu sangue cair no círculo. Todos nós, exceto George, nos afastamos de Richardson e começamos a protestar. Michele gritava histérica. George não disse nada, tratou de segurar os braços de Richardson, desarmá-lo, tomar o animal já morto de suas mãos, e logo após isso, matá-los com inúmeras estocadas usando seu próprio canivete. Perguntei-lhe por que tinha feito aquilo, ele não disse nada, apenas olhou para mim, parecia estar fora de si, por um momento pensei que estivesse possuído pelo diabo. As meninas trataram de fugir dali e eu as acompanhei. George continuou lá, parado. Não sei dizer quanto tempo ainda permaneceu ali.

## APENAS TRÊS POLICIAIS

Andrade apagou outra bagana de cigarro no cinzeiro, se voltou para os colegas.

- Continuo com a mesma hipótese – disse. Lopez e Moraes faziam anotações.

- Pronto – disse Moraes. – Confere aí, Lopez. Lá vai: George acusa os três, sendo que o articulador foi o Newton na versão dele; Michele, a maluquinha dos olhos preto, acusa o George e a Isabele; Isabele diz que quem matou o moleque foram a Michele e o Newton; O Newton só acusa o George... Hum, não faz sentido.

- O que não faz sentido? – perguntou Lopez e havia um tom de ironia em sua pergunta.

- Se os quatro estivessem divididos em dois, os casais trocando acusações, ou ainda garotos contra garotas, mas não, há essa confusão. Um acusa outro e este outro em vez de indicar quem lhe apontou, aponta outra pessoa – disse o delegado.

- Com exceção do detalhe da missa negra, a hipótese de Andrade até que é razoável – falou Lopez. Andrade o fitou com atenção.

- Acha também que todos participaram do crime? – perguntou Moraes.

- Hum hum...

- Mas não acha que isso foi feito numa espécie de missa negra? – quis saber Andrade.

- De jeito algum.

- Mas você não ouviu os moleques? Um a um falando do ritual...

- Bobagem! Rituais de brincadeira realizados pro adolescentes rebeldes para chamar a atenção...

- Lá vem você com essas histórias! Pra mim aqueles garotos estavam adorando o diabo e pronto, mataram o amigo deles nesse negócio e acabou – disse Andrade e levantou pronto a ir embora. Seu horário há muito tempo que havia passado.

- Uma missa negra ou qualquer ritual que envolva um sacrifício humano é coisa para um bando de malucos que leva a coisa muito a sério e não para um bando de adolescentes ricos, mas carentes de afeição que só desejam um pouco de atenção – explicou e também ficou de pé.

- Então esclareça o caso, sabe-tudo – disse Andrade e foi saindo.
- Que vamos fazer agora? – perguntou Lopez para o delegado.
- Tomar os depoimentos oficialmente, fazer algumas acareações, investigações mais minuciosas e organizar uma reconstituição do crime – respondeu Moraes.
- Esse negócio ainda vai render muito pano pra manga – lamentou Lopez.
- Nem me fale – disse o outro e se levantou. Sua cabeça doía terrivelmente.

## O QUE NÃO DEVERIA ACONTECER

Provavelmente ainda continuará envolto em mistério mesmo após isto. Ocultistas não saberiam explicar, pois a explicação mais simples e sensata seria admitir que aquele ritual funcionara. Como? Por quê? Nem os mais teóricos saberiam esclarecer e certamente se negariam a acreditar mesmo que as evidências fossem suficientes. Um simples círculo no chão, cinco jovens evocando um poder, que para muitos sequer nem existe, sinceros desejos de corações tristes, cheios de mágoa e – sem que ninguém desse muita importância ou crédito – algumas gotas de sangue.

Após gritar “sangue”, correr e pegar o gato, espetá-lo na garganta e deixar seu sangue cair no chão, Richardson pôde ver que o ritual começava a funcionar.

- Olha só, gente – disse ele. Os outros olharam para o chão e viram o sangue do gato borbulhar como se estivesse sobre uma chapa quente. Até mesmo Michele parou de ofendê-lo pelo que fizera com seu novo mascote.

- Que é isso? – perguntou ela assustada.

- Acho que está funcionando – disse George vendo com os outros todos o sangue desaparecer. Richardson soltou o gato no chão. Todos passaram a sentir um grande fedor e um estranho zumbido nos ouvidos.

- O demônio está aqui – disse Isabele com voz estranha e se curvou.

- Deu certo, gente, deu certo! – gritou Richardson, olhou para o gato e este estava vivo, lhe fitando com olhos ferozes. Voltou-se para seus amigos que o encararam estranhamente. Num instante, todos tinham olhos iguais aos do gato.

- Mais um sacrifício, Richardson – disse George.

- Mais um pouco de sangue – disseram em uníssono.

- Não acha que ele vai se contentar só com um animalzinho desses – falou Michele, seus lábios trêmulos.

Isabele riu descontroladamente, depois passou a fazer um som estranho, um misto de riso e choro simultâneo e ruidoso. Richardson recuou ao ver o rosto de seus amigos se transformarem, assumirem expressões horríveis.

- O sangue de um simples animal – falou Isabele rindo ensandecida. O garoto sentiu medo, medo como nunca tinha sentido em toda sua vida, uma sensação insuportável de pavor. Continuou recuando, topou em algo invisível e caiu sentado. O círculo, o simples risco no chão se tornara um obstáculo.

- Você derramou sangue... – disse um deles. Richardson tentou se afastar ao ver enormes punhais nas mãos dos amigos. De onde tinha surgido? Do nada, ou talvez do inferno. Foi recuando de costas, usando os braços como remos. George o segurou pelo pé. Gritando sacou seu canivete. O puxaram para o círculo novamente. Newton lhe tomou o canivete e lhe espetou algumas vezes. Os outros passaram a esfaqueá-lo seguidamente. Todo no sangue que caía neles, em suas roupas, mãos, secavam imediatamente, desapareciam sem deixar sinal algum. Jamais teriam lembrança disso, jamais admitiriam, nem para eles mesmos, terem ajudado a matar o amigo. Logo depois, cada um deles criaria uma imagem, uma espécie de álibi mental, a história que contariam depois para os pais, amigos e policiais, acreditando sinceramente ser a verdade. Logo após terem matado Richardson, eles jogaram fora os punhais que se desfizeram no ar, olharam uns para os outros e viram o terror e a possibilidade de serem assassinados

escrita no rosto de cada um..

Então saíram correndo dali com a certeza de serem inocentes...

## O MAL

*“Não aclame vitória sobre o cão  
bastardo, pois a cadela que o pariu  
pode estar novamente no cio”  
Bertold Brecht*

Não acredito que possa haver comunicação entre vivos e espíritos de falecidos. Tive uma rígida educação cristã baseada exclusivamente na Bíblia e, mesmo não praticando essa ou aquela religião que alegam ser de Cristo, tenho em mim, arraigado, algumas crenças que mantenho, não por mero costume, mas porque me parecem mais racionais e condizentes com a essência perdida do cristianismo. De tudo que aconteceu, e que passo a narrar daqui em diante, tenho apenas uma explicação: o mal. O mais puro mal, primitivo e simples, a malignidade sobrenatural, pois eu acredito – ou passei recentemente a acreditar – na existência do diabo. Isso pode parecer, para os que me conhecem, contraditório, pois me consideram um tanto agnóstico, cético, mas loucura seria procurar outra explicação para os fatos que presenciei.

Estéfano era um homem do povo, simples, mas nenhum pouco inclinado a crenças supersticiosas. Era um sujeito simples, todavia uma personalidade forte ao seu modo e que só cria no que seus olhos podiam ver. Também se destacava por ser um trabalhador obstinado e dedicado. Fora por muitos anos caseiro de uma chácara que pertencera a meu tio e, depois da venda desta, perdi contato com ele por alguns anos. Voltei a reencontrá-lo quando comprei um sítio do velho Ernesto, conhecido bonachão que dispunha de muitas fazendas em vários povoados no estado do Mato grosso, e que entendia muito da administração delas. Após fechar o negócio, Ernesto fez questão de me indicar um caseiro que ele considerava excelente para tomar conta da minha nova propriedade. Fui apresentado a Estéfano que logo lembrou de mim. Surpreendemos Ernesto ao informá-lo que já nos conhecíamos. “Melhor ainda”, falou o velho que vendera o sítio. “Você não vai ter problemas com o Estéfano zelando por sua propriedade, já deve conhecer suas qualidades”, concluiu. Fiquei contente em contratar Estéfano, uma pessoa que eu conhecia bem, com quem conversara horas quando ia passar alguns dias na chácara de meu tio.

Duas semanas depois fui buscar Estéfano numa pequena fazenda. Despediu-se do capataz que já fora informado da dispensa dele pelo patrão. Colocamos suas coisas no porta-malas do meu carro e seguimos viagem. Durante o caminho, eu e Estéfano conversamos bastante. Ri um bocado da teoria que ele defendia informando o porque de sua separação. “Resolvi voltar a ser solteiro. Isso é que bom, vou pelo mundo convencer todos a abolir o casamento. Todo mundo vai concluir que o casamento é a mãe de todas as desgraças: brigas, guerras, acidentes, tudo é isso é causado por homens casados, sofredores que acabam fazendo besteira por causa de suas mulheres chatas e suas sogras implicantes. Encontrei a solução para o mundo”, dizia ele e gargalhava.

Chegamos finalmente ao sítio e eu fui mostrar tudo. Ele se sentiu muito à vontade examinando com atenção todos os aspectos do lugar. Depois disso, concluiu que o local devia ter passado por mãos muito relaxadas ou mesmo que ficara abandonado por muito tempo, mas que eu não me preocupasse, pois ia pôr tudo em ordem. Já cuidara de propriedades maiores e com problemas maiores ainda. Disse-lhe que seria feito o que ele achasse melhor. Estéfano me aconselhou que contratasse alguns trabalhadores do povoado, acostumados ao trabalho rural, para uma limpeza. Dois ou três dias depois fui procurar um pessoal para a execução de tal serviço. Hoje eu sei porque as pessoas que contratei naquele dia me perguntaram de antemão se eu queria contratar gente para passar a noite no sítio. No momento eu apenas imaginei que

eles não quisessem trabalhar até tarde. Informei que desejava apenas fazer uma limpeza na minha propriedade e que, se conseguisse oito ou dez trabalhadores, poderia realizar o serviço em um só dia, muito antes do entardecer. Após alguma hesitação, quatro homens toparam o trabalho. Indicado por eles mesmos, consegui mais cinco homens e quando ia informá-los sobre qual era a minha propriedade, eles me disseram que sabiam perfeitamente onde iam trabalhar.

No outro dia, à tarde, o trabalho em meu sítio foi concluído. Paguei os homens e eles pareceram aliviados com o fim do serviço. Foram embora sem dizer nada e com uma expressão estranha em seus rostos. Estéfano, ao meu lado, ficou olhando os homens irem embora, depois voltou-se para mim e disse: “Sujeitos mais esquisitos!” “Como assim?”, indaguei e Estéfano me contou o que tinha ouvido dos trabalhadores. “Então o sítio que eu comprei é assombrado?”, perguntei principiando a me divertir com aquilo. “Foi o que aqueles camaradas disseram”, falou Estéfano. Eu simplesmente balancei a cabeça. Pensei um pouco, e de repente aquilo não me pareceu mais engraçado. E se isso me acarretasse problemas, trouxesse dificuldade na hora de contratar mais gente ou revender o lugar? Procurei esquecer, tal história não era digna de ser levada a sério. Só voltei a pensar nisso duas semanas depois quando Estéfano me ligou dizendo que coisas estranhas estavam acontecendo. Fui encontrá-lo e, no caminho, confesso que imaginava meu empregado envolvido em problemas por causa daquela história: problemas com os vizinhos. Talvez o estivessem hostilizando, o impedindo de comprar provisões por viver num sítio mal afamado. Estéfano contou com detalhes o que ocorria: à noite, do seu quarto que ficava nos fundos do sítio, ele ouvia passos, vozes e o barulho de pedras sendo arremessadas. Esperei que ele dissesse que aquilo eram sinais de que o lugar era assombrado de fato, todavia ele mostrou-se somente preocupado com a segurança. Pessoas provavelmente estavam invadindo a propriedade durante a noite e ele se sentiria melhor se lhe arrumasse uma arma. “Então você acha que é gente que vem fazendo isso?”, perguntei. “Claro, o que mais podia ser?”. Falou ele e eu fiquei envergonhado de ter pensado naquela história ridícula. “Vou providenciar a arma”, disse-lhe. “Mas, Estéfano, você sabe como lidar com..” “Sim, sim. Não se preocupe, não vou fazer nenhuma besteira. Tenho experiência com isso. Já trabalhei fazendo segurança”, me disse ele.

Uma semana depois voltei ao sítio trazendo um rifle papo amarelo. Estéfano me recebeu e disse que já estava prestes a me telefonar novamente devido a urgência e achar que eu estava demorando. “Aconteceu mais alguma coisa?”, perguntei. Ele me disse que a coisa piorara. A movimentação à noite havia se tornado mais intensa. Devia existir um grande grupo de desocupados que vinha ao sítio ao anoitecer só pra atormentar o caseiro. Mas não tinha problema, não, assegurava Estéfano, agora eles iam ver. Olhei para ele e percebi que estava inquieto, nervoso. Quis então saber que atitudes ele iria tomar, afinal não era prudente sair atirando nas pessoas pura e simplesmente. Ele informou que na hora em que percebesse que a perturbação começara, iria levantar da cama ou deixar o que quer que estivesse fazendo no momento, pegar a arma, abrir a porta e dar alguns tiros. Pedi para que não exagerasse, que não era pra tanto, pois se os indivíduos que vinham ali fossem perigosos, poderia haver problemas. Estéfano reagiu de maneira impaciente. Argumentou que não toleraria aquela brincadeira ou o que fosse. Notei um crescente nervosismo nele e somente após alguns minutos ele me disse o que realmente o perturbava: alguém chamara por seu nome numa daquelas noites. Conclui que um dos homens que eu contratara naquele dia para a limpeza devia estar envolvido na brincadeira e que chamara por seu nome para atormentá-lo ainda mais. “Talvez tenha sido isso mesmo. E quando eu descobrir quem é o sujeito, ele vai ver o que é bom pra tosse”, disse Estéfano enquanto examinava a arma.

Depois daquele dia Estéfano passou a abrir a porta de seu quarto no meio da noite e atirar ao perceber o menor barulho. Não via ninguém correr ou qualquer outro fato que indicasse haver pessoas ali. Obviamente a perturbação cessava após essa atitude de Estéfano e só recomeçava noites depois.

Se eu tivesse que indicar uma data de quando eu realmente comecei a me preocupar com o que acontecia no sítio à noite, citaria o dia do churrasco que fiz com os amigos na nova propriedade. Após a



festa, resolvi dormir ali a pedido de Estéfano. Ele insistia que algo muito estranho estava acontecendo. Decidi ficar apenas para acalmar Estéfano. Estava convencido de que não havia porque se preocupar, se pessoas vinham ao sítio, eram gente inofensiva, pois do contrário já teriam realizado alguma depredação ou roubo.

O anoitecer foi absolutamente agradável. Observei o pôr do sol sentado em minha varanda. Decididamente eu tinha que passar outras noites naquele lugar. Sentia-me bem até que veio o anoitecer e com este uma série de acontecimentos estranhos. Um mundo de sombras caiu sobre nós. A luz elétrica iluminava timidamente a casa, enquanto ao redor reinava a absoluta penumbra. Um frio incômodo tomou conta de meu corpo e uma sensação de desolação me dominou. Subitamente me arrependia de ter ficado. Conversei com Estéfano até onze horas, depois decidi me recolher. Estéfano concordou e, antes de ir para seu quarto, disse que o chamasse quando eu ficasse com o medo do barulho noturno. Mesmo não me sentindo bem, informei ser aquilo desnecessário. Provavelmente acreditava que ia deitar e acordar somente no outro dia de um sono profundo e sem sonhos. Estéfano fez uma expressão de descrença e foi se recolher.

Acordei quinze para a meia noite. Ouvia nitidamente passos pela casa. Levantei e chamei por Estéfano. Ninguém respondeu, mas os passos cessaram. Daí há pouco vozes e o som de muitas pessoas reunidas chegou ao meu ouvido. Meu coração começou a bater acelerado ao mesmo tempo que um medo indescritível me tomava. O movimento, a brincadeira, o que quer que fosse, era real e assustador, me admirava que Estéfano não houvesse ficado ainda mais transtornado. Olhei pelas venezianas da janela e não vi nada lá fora além da escuridão e o contorno negro da vegetação ali próxima. As ideias racionais foram eliminadas após constatar que não havia nada por ali que pudesse ser responsável por aquela perturbação. Mas então o sítio era realmente assombrado? Não! Isso não podia ser possível. Saí do quarto e fui acendendo todas as luzes até chegar a sala. Quando a lâmpada iluminava um novo compartimento eu esperava que a luz revelasse alguma coisa monstruosa num canto. Impossível é descrever o pavor que experimentei naquele breve espaço de tempo. Cheguei à sala e examinei a porta da frente. Estava trancada, mas eu não consegui definir se aquilo era bom ou ruim. Corri para a cozinha, o barulho aumentava. Através das frestas da porta dos fundos chamei Estéfano. Pouco tempo depois ele bateu na porta da frente. Entrou com a espingarda em punha e ofegante tão logo minha rapidez e nervosismo permitiram-me manusear a chave. “Que diabos tá acontecendo?”, perguntei apavorado. “Daqui há pouco vai passar”, informou depois. De fato, após quinze longos minutos, o barulho cessou. Antes porém, eu ouvi bem aqueles sons, sons que seriam perfeitamente normais numa feira livre sábado pela manhã. Parecia que dezenas de pessoas passeavam em volta da casa. Passos arrastados pela varanda eram percebidos, vozes distantes e próximas assim como pedras sendo arremessadas. Perguntei a Estéfano como podia suportar aquilo sem enlouquecer, então ele me olhou transtornado e informou que naquela noite não apenas ouvira seu nome sendo sussurrado como vira alguém dentro de seu quarto aparecer e desaparecer em seguida.

Semanas se passaram sem que eu pusesse os pés no sítio. A cada dois dias eu conversava com Estéfano pelo telefone e percebia desespero em sua voz. Informou que via vultos, ouvia vozes e que também soubera da história de um fantasma que, segundo os moradores do povoado, afirmavam ser o espírito de um falecido caseiro que ali trabalhara, vivera e morrera assassinado. Notei que meu empregado estava em vias de enlouquecer e decidi ir encontrá-lo para substituí-lo ou simplesmente levá-lo dali. Um problema de saúde acabou por me atrasar alguns dias e quando cheguei ao sítio com um substituto para Estéfano – na verdade um amigo com quem eu desejava compartilhar aquela experiência e nos ajudar a resolver aquele problema – a providência quis que eu passasse a noite ali. Chegamos quase a noite devida um problema que o carro teve na estrada e eu não tive como encaminhar Estéfano para outro lugar. Decidi que ele partiria para a fazenda de um amigo no outro dia. Estéfano estava nitidamente abatido e sua permanência ali mais uma noite acabou sendo um erro!

Acordei assustado com aquela velha perturbação noturna. O sítio parecia mais uma quermesse que qualquer outra coisa. O amigo que viera comigo me chamou e, juntos, acendemos as luzes. Orlando era um homem corajoso, forte e parecia que nada fosse capaz de assustá-lo, mas havia medo estampado em seu rosto. “Eu ouvi um grito, um grito horrível”, disse ele. Fui para os fundos da casa e comecei a chamar por Estéfano. Não houve resposta. Temendo o pior, saí da casa e corri em direção à casinha do meu caseiro. Orlando, um tanto relutante, e me pedindo o tempo todo para que eu tivesse calma, veio atrás de mim. Empurrei as portas do quatinho e elas se escancararam sem resistência alguma. Uma imagem típica se apresentou diante dos meus olhos, uma imagem que nos remete imediatamente ao seu significado trágico e inconfundível. O corpo de Estéfano jazia pendurado por uma corda... seu pescoço horrivelmente esticado. Seus olhos esbugalhados me fitavam numa muda expressão de terror resignado, de desgraçado irremediável me fazendo uma espécie de acusação, uma acusação que recebi com lamento e culpa. Orlando ao meu lado me chamou a atenção para o que havia escrito nas paredes. Letras trêmulas, escritas com carvão informavam: “Os espíritos me obrigaram a isso. Eu não tinha mais saída, nem perdão por haver invadido esse lugar”.

## VAMPIROS

“O que não nos mata, nos torna mais fortes.”  
*Frederich Nietzsche*

## PRÓLOGO

Esqueça tudo que sabe sobre vampiros.

Eles existem e podem estar perto.

*John Pollock*, ocultista inglês (1905 – 1977) afirma em seu livro: *Vampiros, uma espécie de religião* (*Vampires – a kind of religion*, 1937) que vampiros existem, são muito diferentes do que é apresentado no cinema e na literatura, mas são reais. Segundo *Pollock*, há muito mistério e, numa escala maior ainda, exagero sobre essas criaturas de carne e osso. Que o digam *Bran Stoker*, *Anne Rice*, muitos outros autores e os inúmeros filmes que o cinema já produziu desde *Nosferatu* de *Murnau*. Eles não seriam imortais, embora possam e tenham como objetivo usufruir de uma vida longa por meio supostamente sobrenaturais; não temem crucifixos, estacas, alho ou qualquer outro símbolo; não dormem em caixões, nem se transformam em morcegos ou outro tipo de animal. Provavelmente não são bons sedutores como indica as histórias clássicas sobre vampiros, pois possuem tez pálida, olhos profundos e um comportamento, na maioria das vezes, *antisocial*; a imagem deles, como qualquer coisa material, pode ser refletida em espelhos, e embora eles não gostem muito de luz, podem caminhar durante o dia sem grandes prejuízos. Talvez a única coisa que tenham em comum com os vampiros já apresentados pelas mentes imaginativas de escritores e cineastas, seja o gosto pelo sangue, apesar de que os primeiros, “os vampiros reais”, de acordo com *Pollock*, terem o costume de consumi-lo junto com nacos de carne – nada de discretas mordidas no pescoço – das vítimas que aliás, nunca se transformam em vampiros depois de atacadas - pois geralmente são mortas.

Mas a característica mais incomum que *Pollock* registra em seu livro sobre vampiros é o fato de os apontarem como esmerados religiosos. *John Pollock* que se tornou um dos mais profundos conhecedores de ocultismo no mundo, conta que o culto vampiresco surgiu dezenas de séculos antes de Cristo na mesopotâmia, muito antes da mesma ter sido ocupada e dominada pelos sumérios, acádios e babilônicos. Os praticantes de um culto que tinha como principal deus-demônio, *Qulen*, (Representado muito semelhante a um imenso morcego) foram hostilizados e acabaram sendo expulsos pelos povos que antes habitavam as montanhas da Armênia ou do *Turquestão* e que viriam a se estabelecer ali. Esses primeiros vampiros, que após este episódio passaram a agir discretamente onde quer que estivessem, buscavam um acréscimo do tempo de vida através do consumo de sangue humano – raras vezes de animais – e rituais que visavam favores de *Qulen* e seus demônios subservientes – uma verdadeira hierarquia descrita minuciosamente por *Pollock* em seu livro que também registra que muita coisa original desse culto se

perdeu no tempo. O culto se mantinha à tradição oral e os supostos sacerdotes vampiros perseguidos e mortos, principalmente na idade média, não puderam transmiti-lo tão bem. Todavia o culto sobreviveu e existe até hoje através de ordens secretas. Ocultistas, discípulos de *Polock*, reforçam que os vampiros estão inseridos em nosso meio tanto – só que ainda mais secretamente – quanto as sociedades secretas modernas como a maçonaria e outras. Os vampiros de hoje seriam extremamente discretos em seus rituais e eliminariam qualquer vestígio deles, exceto o desaparecimento de pessoas, sobretudo crianças. Os discípulos de *Polock* seguem afirmando que as ações dos vampiros são muitas vezes atribuídas a maníacos ou raptos. Intrigante é o fato de que esses admiradores do trabalho e das teorias de *Polock*, apontam alguns assassinos em série famosos com tendências canibais: *Chikatilo*, *Dahmer*, como sujeitos que tomaram conhecimento como algum sacerdote vampiro em algum momento da vida e estavam tentando se tornar um vampiro através do consumo de sangue e do sacrifício de vítimas. Daí o porquê de seus crimes brutais e aparentemente sem explicação.

Seria isso verdade?

## DESPERTAR DE UM PESADELO

Era o primeiro dia de férias de Willam e ele estava na varanda de sua casa tomando banho de sol e ouvindo rádio. Já havia esquecido quanto prazer podia existir naquele simples ato. Nem nos feriados e em seus dias de folga fazia aquilo, ficar de papo pra cima se enchendo de preguiça, como dizia seu pai, de modo que experimentava grande satisfação. De olhos fechados, distraía-se com a música, os sucessos da semana, um programa que listava as mais pedidas. Entre uma música e outra, o apresentador do programa dava alguns boletins, notícias de última hora. Num desses falou do desaparecimento da garota Elen, que morava na vizinhança de Willam. O boletim informava que as buscas e investigações continuavam, mas que ainda não havia sinais da garota ou de seus raptos. Que tipo de maluco raptaria uma garota de quatro anos? Se perguntou Willam. Pergunta idiota! Do jeito que o mundo estava havia dezenas de malucos para todos tipos, gostos, e capazes de tudo. Pensou na garotinha, chegou mesmo a vê-la de mãos dadas com a mãe no dia em que ele e a namorada a viram e brincaram com ela.

- Tão linda – dissera Marina, sua namorada. Ele assentiu e a mãe da garotinha sorriu orgulhosa de sua prole. Onde estaria aquela garota indefesa agora? Nas mãos de um inescrupuloso traficante de seres humanos que tencionava vendê-la para um casal rico que não podia ter filhos? Ou ferida, violentada e em cárcere, detida por um maldito molestador de crianças? E se estivesse morta? Coisa horrível de pensar, imagine o estado da mãe. Alguma coisa tinha que ser feita, concluiu Willam enquanto se levantava e se dirigia para o rádio afim de desligá-lo. O novo sucesso de Rick Martin começava a se fazer ouvir quando silenciou subitamente. Willam empurrou o rádio que caiu comodamente sobre o sofá, deu a volta e entrou pelas portas do fundo. Encontrou o pai na cozinha cortando legumes para o almoço.

- A menina continua desaparecida – disse. Seu pai colocou o tomate cortado na panela, em seguida pegou outro. – Deu no rádio agorinha mesmo – esclareceu Willam. Breve silêncio.

- Parece que a violência das grandes cidades chegou aqui – falou o velho Joaquim. Willam o fitava com interesse. Incrível como seu pai podia cozinhar e cuidar da casa tendo apenas quarenta por cento da visão. Desde que sua mãe morrera que ele se ocupava daquele ofício. Tinha insistido para que o pai aceitasse uma empregada doméstica, mas ele não quis saber. Argumentou que se passasse um dia inteiro sem fazer nada iria enlouquecer e morrer, além do mais, sua velha ia querer que ele não se descuidasse da casa. Então todos os dias lá estava ele, de um lado para outro cuidando de tudo, ora usando a diminuta visão – que infelizmente piorara nos últimos anos -, ora usando o tato.

- Coisa horrível – lamentou Willam.

- Onde esse mundo vai parar.

Willam serviu-se de um pouco de café. De repente aquela história do rapto, sequestro, o que fosse, não saía de sua cabeça.

- Me disseram que a menina foi vista a última vez numa trilha perto daqui – informou Willam depois sorveu alguns goles de café.

- Que história é essa? Quem foi que viu? O que estaria fazendo uma menininha naquele lugar e por que essa pessoa não a apanhou ou não comunicou esse fato a ninguém? Essa história não procede e a polícia tá perdendo tempo se tiver seguindo essa pista – falou seu Joaquim com sua costumeira objetividade.

- Me sinto mal ao pensar naquela pobre criança inocente sofrendo nas mãos de algum maníaco – falou Willam e desistiu do café. Colocou a xícara sobre a pia, deixou o pai e foi até à sala. Sentou-se no sofá e ligou a tv. O coioote preparava a milésima armadilha para tentar pegar o papa léguas. Mudou de canal, mais desenhos animados, aquela era definitivamente a hora da garotada. Voltou a pensar na menininha. Era fácil imaginar a sua sorridente mãe daquele ameno final de tarde totalmente transtornada, chorando desesperada. Por que não faziam nada? Teve uma ideia. Levantou ao mesmo tempo em que desligava o aparelho usando o controle remoto. Vestiu uma camiseta e trocou o short. Passou pelo pai e disse que ia dar uma volta.

- Não demore, o almoço não tarda – falou o homem cujo o objetivo naquela manhã consistia somente em preparar uma boa comida para o filho.

Desceu a rua experimentando o ainda presente frescor do dia, dobrou à direita, andou mais um pouco e parou próximo às árvores que margeavam a calçada. Ingressando-se no meio delas chegaria à trilha onde supostamente a garota havia sido vista pela última vez. E também poderia chegar ao lugar – andando um pouco menos – pelos fundos de sua casa. Talvez não quisesse que o pai o visse indo para aquelas bandas, andando feito um maluco no meio daquele mato. Bobagem! Seu pai não enxergava direito. Era o que sabia, mas as vezes seu pai o surpreendia com comentários e observações de quem tinha visão perfeita.

- Essa gravata não combina, você vai passar vergonha nessa festa – observara certa ocasião, pouco antes de sair para uma comemoração de bons negócios do seu trabalho. Sua namorada concordou com seu pai e ele, a contra gosto, foi trocar a bendita gravata.

Era melhor ir para trilha por ali, seu pai podia vê-lo se embrenhando no meio do mato e perguntar para onde diabos ia, que bobagem pretendia fazer. Passou por debaixo das árvores e começou a descer o terreno acidentado e coberto por um espesso capim. Logo estava sob a copa de frondosas árvores que proporcionavam uma espécie de estufa e sentindo um imenso calor. Por ali o som do canto dos pássaros se revezavam com o farfalhar das folhas. Foi andando e observando como a vegetação crescera. Somente em sua cidadezinha podia haver um matagal como aquele. Chegou a uma pequena clareira onde havia um capim que quase alcançava sua cintura. Com dificuldade conseguiu ver seus pés. Seu dedão doía, devia ter topado em algo, como fora esquecer de calçar um tênis para uma ocasião como aquela. Atravessou a clareira temendo que alguma cobra venenosa surgisse do meio daquele mato e chegou a um novo trecho de árvores. Subitamente a descida se tornou íngreme e ele teve que se segurar a alguns troncos e descer cautelosamente para não perder o equilíbrio. Alcançou um ponto onde a descida não permitia que crescessem árvores devido a instabilidade do terreno. Parou. Se seguisse em frente iria de encontro aos fundos da própria casa, se dobrasse para a direita chegaria à sua rua. A trilha ficava à esquerda, paralela aos fundos de outras residências. Willam olhou para seus pés feridos, seu short sujo e sua camisa suada. Desceu o resto do barranco e seguiu pela esquerda. Logo estava na trilha se perguntando o que viera fazer ali. Ver o local onde a garota fora vista pela última vez? Certo, mas ele já conhecia o lugar e não precisava vir até ali para recordá-lo. Olhou em volta, de diferente só o mato espesso que crescera desordenadamente. Quando moleque viera ali inúmeras vezes e percebia que de tempos em tempos alguém vinha e cortava um pouco a vegetação para que esta não interrompesse a trilha. Agora parecia que ninguém tinha mais esse cuidado e o caminho parecia estar mais estreito. Olhou para todos os lados, somente ele naquele lugar. Seria verdade que a garota fora vista ali pela última vez? Mas por quem? Não, aquilo não procedia, assim como não procedia aquele rapto, desaparecimento, naquela pequena cidade. Deus do céu, não estavam em São Paulo onde estas coisas aconteciam com frequência e com certa naturalidade. Caminhou um pouco mais, seguindo pelo caminho e olhando para os lados. Parou e se abaixou para ver de perto o solo. De repente pareceu um personagem saído de um velho filme de faroeste procurando sinais no chão que indicassem a passagem de índios hostis. Que diabos estava fazendo ali? Tornou a se perguntar. Nada, só olhando o lugar onde a menina fora vista a... Besteira! Estava ali por curiosidade mórbida e porque não conseguia acreditar que aquilo tivesse acontecido com uma garotinha que ele e a namorada tinham visto há apenas duas ou três semanas. Ia voltar pra casa, se não iria se atrasar para o almoço. Levantou-se e viu alguém vir em sua direção. Ficou em seu lugar esperando que o outro se aproximasse. Um senhor um tanto calvo equilibrando uma pequena pilha de madeira sobre um dos ombros caminhava distraído e parecia não tê-lo notado.

- Bom dia – falou Willam para chamar sua atenção. O homem, que agora de perto se mostrava um velho, se assustou e deixou cair parte de sua carga.

- Ah, desculpe – disse o rapaz e se apressou em juntar a madeira caída no chão. Empilhou os sarrafos

e ia devolvê-los quando se deteve. Encarou o velho e não pôde evitar o choque inicial que teve com sua aparência. Que sujeito mais feio e esquisito!

- Obrigado, rapaz. Não tinha visto você – disse o velho exibindo um sorriso débil e dentes amarelados.

- Me desculpe se eu assustei o senhor – falou Willam desistindo de devolver a madeira.

- É que eu estava distraído e não vi você. Sabe como é, é difícil encontrar alguém por estas bandas – comentou o outro sem deixar de sorrir.

- Pior de tudo é que alguém foi sequestrado, visto a última vez por aqui – informou Willam com gravidade.

- Você está falando da garotinha?

- Sim. O senhor por acaso...

- Desde que vim pra cá que não vejo ninguém por esta trilha. Me instalei faz algumas semanas numa residência que tinha uma horta, sabe onde é? – Willam assentiu. – Pois é, venho e vou por este caminho e é a primeira vez que encontro alguém. Você é policial?

- Não...

- Sabe quem viu a garota?

- Não. Só ouvi falar.

- Ah – falou o velho e Willam percebeu como era absurda aquela informação. Já nem recordava quem havia dito tal bobagem.

- Conhecia a menina?

- Hum hum. Estava olhando o lugar pra ver se não encontrava alguma pista – disse Willam e ficou encarando o outro firmemente. Havia algo de estranho naquele sujeito. Ele bem podia ser um maníaco molestandor de crianças, era até parecido com o famoso *serial killer Ed Gein*.

- Interessante – falou o velho.

- O senhor tem certeza de que não viu ninguém por estas bandas?

- Tenho – disse o homem e olhou para a madeira nas mãos do outro como se estivesse pedindo licença para seguir seu caminho. Willam percebeu.

- Acho que isso lhe pertence – disse e devolveu o material.

- Obrigado. Se me dá licença, vou indo.

- Claro – assentiu Willam e tratou de abrir caminho para o velho passar. O sujeito se despediu e foi andando com certa pressa. Willam ficou observando-o com interesse. De repente lhe ocorreu que devia segui-lo, saber mais quem era e o que fazia, mas como? Talvez se o seguisse se escondendo atrás da vegetação ou caminhando com cautela logo atrás de seus passos... Ridículo!

- Ei – chamou. O velho parou e olhou para trás, agora não exibia mais uma expressão bem-humorada. Willam foi até ele.

- O senhor, bem, me parece que trabalha com madeira – falou o rapaz dando alguns passos para que o ouro não se detivesse. Deu certo, o homem continuou seu caminho, embora parecesse incomodado com aquela súbita companhia.

- Eu sou carpinteiro.

- Ah, que bom, estou precisando de alguns serviços de carpintaria.

- O que quer arrumar?

- O emadeiramento do meu teto está sendo atacado por cupins, acho que preciso mandar trocar...

- Não trabalho com emadeiramento de casas, só com móveis.

- Ah... Então podia arrumar alguns móveis pra mim, o cupim se espalhou e também atacou os móveis – remendou Willam.

O velho o encarou, a principio sério, depois sorriu e concordou.

- Vamos até a minha oficina – disse ele e dobrou à direita, Willam o seguiu. Passaram próximo aos

fundos de uma casa e logo chegaram ao lugar onde funcionara, por muitos anos, uma horta. Willam podia lembrar das inúmeras vezes que viera ali, mandado por sua mãe, comprar verduras e legumes frescos quando ele ainda era garoto.

Entraram por uma porta lateral, o velho sempre a frente. O outro parou e ficou examinando o lugar. Havia um fedor no ar. Móveis desmontados, pedaços de madeira e ferramentas por todos os lados sob um telhado que parecia prestes a desabar.

- Desculpe a bagunça, ainda não tive tempo de me estabelecer direito – falou o velho.

Willam assentiu e em seguida atentou para o mau cheiro que sentira desde que adentrara àquela sala.

- Quer um pouco d'água? – perguntou o outro.

- Um pouco, obrigado – respondeu Willam, o velho sumiu por um corredor deixando o rapaz sozinho e absorto em pensamentos. Que sujeito estranho aquele velho! E que lugar igualmente estranho!

O corpo da menina!

Seria possível que o velho fosse um maníaco? Bem que era esquisito, parecido com o *Ed Gein*. Talvez ele tivesse mesmo pego a garotinha, a molestado – afinal esses tipos eram capazes das piores aberrações – depois a assassinara e enterrara no terreno dos fundos, numa cova rasa, onde antes brotara tomates e repolhos.

- Aqui está. Não está gelada, visto que não possuímos geladeira, mas é melhor do que continuar com a garganta seca – disse o velho surgindo repentinamente. Willam sorveu toda a água com apenas três goles, devolveu o copo e agradeceu.

- Puxa vida, mas que vergonha – disse o homem ao receber o copo de volta. Olhou de lado e ficou fungando.

- Quê...

- Que mau cheiro! Não está percebendo?

- Ah, sim.

- Devem ser os malditos ratos. Pus veneno pra rato há dois dias. Bem, pelo menos está funcionando – falou o velho com satisfação.

- Sei como é...

- Então? Quando é que traz os móveis?

- Móveis?... - Willam pensou um pouco. Por um instante esquecera o pretexto que inventara para vir ali. – Ah, sim, os móveis atacados pelo cupim – consertou a tempo. – Não sei... Talvez amanhã eu... – Deteve-se ao perceber a chegada de alguém.

- Bom dia – disse um rapaz o olhando com atenção. De certa forma hostil, com uma expressão de surpresa desagradável. Willam respondeu ao cumprimento.

- Este é o meu sobrinho, Filipe, Filipe este é o... Ainda não sei seu nome, rapaz.

- Willam.

- Wíliam?

- Não. Wi-llam, é o um pouco diferente.

- Então, Willam, sou Jacob e este é o meu sobrinho, Filipe.

- Então, seu Jacob, espero que o senhor e o seu sobrinho gostem da vizinhança. Vou indo agora. Posso trazer os móveis amanhã?

- Sim, claro.

- Até amanhã, então – disse Willam e tratou de sair dali. Começou a caminhar com pressa e logo chegava a trilha. Seguia seu caminho absorto em pensamentos, certo de que encontrara dois excelentes suspeitos do desaparecimento da garota. Sim, aqueles dois, principalmente o velho, tinham jeito de molestadores de criança. Toda aquela esquisitice tinha explicação: dois malucos, tio e sobrinho ou o que fossem, haviam raptado a menina, matado e enterrado no próprio quintal, daí o mau cheiro. Ele ia investigar – e como ia -, tinha inventado o pretexto do cupim somente para este propósito. Agora chegava



ao local onde tinha encontrado o velho, deveria voltar pelo caminho que viera ou pegar o atalho e ir em direção aos fundos de sua casa? Estava com pressa, cansado e com muita vontade de tomar um banho, devia pegar o atalho... mas e se o seu pai o visse saindo do meio do mato? Besteira! Seu pai era quase cego.

Afastou o prato se sentindo satisfeito. Seu pai tinha caprichado no almoço. Aquilo sim era comida, não aquele negócio inosso que lhe serviam perto do trabalho. Olhou para a namorada e esta lhe sorriu. Ele tinha vindo pelo atalho, devagar para não correr o risco de encontrar o pai subitamente. Não era para tanto, seu pai nem estava no quintal, estava sim, já à mesa com Marina o esperando impacientemente.

- Olha ele aí – disse ela ao vê-lo. – Por onde andava? Está atrasado pro almoço, sabia?

- Digamos que o passeio que eu pretendia fazer se estendeu um pouco mais – falou ele enquanto tirava a camisa.

- Isso não se faz. Seu pai prepara uma comida especial para você e você faz uma desfeita dessas – falou Marina sorrindo.

- Me desculpem, já eu voltou para reparar este erro – disse Willam, se aproximou da namorada, a beijou e depois saiu em direção ao banheiro.

Pelo visto Marina também gostara da comida, havia suspenso momentaneamente sua rigorosa dieta. Agora olhava de volta para o namorado com o estômago cheio e lhe devolvia o sorriso.

- Foi passear aonde? – ela perguntou.

Ele começou a pensar. Deveria dizer que havia ido a trilha onde Elen, diziam, tinha sido vista a última vez? Certamente Marina o censuraria e lhe faria outras perguntas hostis do tipo: “Pra que foi lá? O que pretendia, imaginava encontrar?” Era melhor não falar a verdade, sim era melhor ficar calado ou inventar uma história... O problema é que acabaria confessando toda história depois quando sentisse vontade de falar sobre o desaparecimento de Elen. Iria parecer um grande mentiroso e isso Marina detestava e lá se vinham brigas e mais brigas. Tudo bem contaria a verdade, afinal era até bom ter com quem comentar aquilo, mas e sobre sua suspeita? O carpinteiro com cara de serial *killer* famoso? Devia contar? Marina lhe diria que estava vendo muitos filmes *Noir*. Bobagem! Eles viviam num mundo real, cheio de violência – embora não estivessem na Grande São Paulo – e não seria coisa do outro mundo um molestar de criança de meia idade agindo em parceria com um maluco mais jovem.

- Tenho uma coisa pra te contar – disse ele sorrindo.

- Então fala logo e aproveita e me diz aonde foi passear esta manhã.

- O que eu vou te dizer tem tudo a ver com o passeio.

- Então, desembucha.

Willam olhou para o lado e viu o pai. Contaria tudo para Marina, mas não para ele.

- Vamos lá para a sala. Não quero que meu pai escute – falou ele e se levantou. Em outro tom: - Excelente comida, pai – disse. Seu Joaquim acenou e sorriu de onde estava. Willam foi até a sala seguido da namorada.

- *Vamo*, fala, acaba logo com o mistério – disse Marina tão logo se acomodou no sofá, na frente de Willam.

Ele sorriu e ela também.

- Depois disso você vai dizer que eu tô vendo muita tv.

- Deixa de enrolar e fala logo, Willam – pediu ela bem-humorada.

- Bem, é o seguinte, hoje de manhã após ouvir no rádio que o desaparecimento da Elen continua sem solução e pista nenhuma – nesse momento Marina desfez o sorriso -, eu resolvi ir até a trilha onde ela desapareceu, pra investigar...

- Não acredito que fez isso.

- Fiz sim, e para minha surpresa encontrei o sujeito mais esquisito que vi na vida...

- Realmente você tá vendo muita tv, muito filme...

- Escuta, Marina, é sério. Esse homem que eu encontrei é o maior esquisitão, pálido, olhos fundos, dentes amarelados, horrível, levou o maior susto quando me viu, perguntou logo se eu era policial. Levava algumas madeiras, disse que era carpinteiro e que nunca tinha encontrado ninguém na trilha por isso tinha se assustado. Falamos sobre o desaparecimento da Elen, ele disse que não tinha visto nada. Achei estranho e resolvi segui-lo. Fui até a casa dele a pretexto de mandar consertar alguns móveis depois. Lá, onde era a horta, ele se instalou, coisa mais imunda, me apresentou a um rapaz que disse ser seu filho, sobrinho, sei lá, outro esquisito, mas isso não é tudo, o que eu percebi lá me deixou de cabelo em pé.

- E o que foi? – indagou Marina extremamente interessada.

- Um mau cheiro, uma coisa horrível, algo apodrecendo – falou Willam encarando a namorada.

- Sim, e o que era? – tornou a perguntar Marina.

- Não percebe que...

- Que o quê?

- O mau cheiro só pode ser... – Willam fez uma pausa para que a namorada continuasse. De repente ele parecia não estar disposto a formular as suspeitas e suposições sozinho.

- Só pode ser o quê? Fala logo, Willam, deixa de mistério.

- Não consegue imaginar, Marina? – perguntou Willam.

- Imaginar? Não imagino nada, você que teve lá que deve dizer o que era.

- Você não tá entendendo – falou ele com certa impaciência. – O mau cheiro só pode ser de um bicho apodrecendo ou...

- Do corpo da menina! – supôs Marina e ficou espantada com sua própria suspeita.

- Isso mesmo. O velho tratou de disfarçar, disse que tinha posto veneno para ratos e que o mau cheiro só podia ser deles, mas eu acho que o negócio é outro.

- Que ele raptou e matou a Elen?

- Sim e enterrou o corpo dela no terreno atrás da casa.

- Willam, não acha que está exagerando?

- Exagerando? Como? Não acusei ele de nada, não o ofendi, pelo menos não na frente dele, só estou suspeitando.

- Parece coisa de filme – disse Marina e não pôde evitar um sorriso. Mudou de posição procurando manter uma postura mais ereta, encarou bem o namorado.

- Coisa de filme? Acha impossível um velho maluco matador de crianças?

- Claro que não, mas...

- Isso já aconteceu antes. O mundo tá cheio de gente assim. Lembra do *Jeffrey Dahmer*, o tal canibal americano, o canibal de *Milwaukee*, os policiais só resolveram examinar o apartamento dele por causa de um terrível mau cheiro!

- E o que você pretende fazer? Chamar a polícia?

- Não, pelo menos por enquanto. Vou investigar um pouco mais.

- Como?

- Vou voltar lá amanhã a pretexto de mandar consertar um móvel.

- Qual?

- Sei lá, isso não é o mais importante... – respondeu e começou a olhar em volta.

- Querido, pode bancar o Sherlock se quiser, mas não vá se meter em confusão... Willam, quer prestar a atenção enquanto falo... – disse Marina e o encarou com dureza.

- Desculpe, amor, é que eu estava pensando numa coisa...

Depois disso os dois passaram a discutir sobre o fato de Willam não prestar atenção ao que ela dizia.

Naquela noite, Willam teve terríveis pesadelos. Num deles chegava em casa e encontrava os olhos do pai sobre a pia, próximos a estes, *Jeffrey Dahmer* afiava uma faca, falava um inglês incompreensível e lhe sorria.

Após tomar seu café, Willam voltou ao quarto. Acordara com uma grande interrogação: que raio de móvel levaria para consertar? Na sua casa não havia cupim algum, muito menos móvel estragado. Parou no meio do quarto e ficou observando. Fixou os olhos num criado-mudo e tentou recordar se seu pai não possuía alguma coisa antiga, ainda do tempo em que se casara com sua mãe... não obteve êxito. Recordou que seu Joaquim fora trocando os móveis com o passar do tempo. Foi então que teve uma ideia. Andou até o criado mudo, puxou sua gaveta, poucas coisas em seu interior. Retirou-a totalmente e despejou seu conteúdo sobre a cama, a seguir bateu suas laterais no chão, não conseguiu o resultado desejado, suas laterais eram feitas com uma madeira grossa e resistente. Deu um soco na parte debaixo da gaveta, ouviu a madeira estalar, socou mais uma vez, com força, seu punho atravessou o compensado e acabou se ferindo nas bordas do buraco.

- Droga! – bradou e passou a afagar a mão. Pelo menos agora tinha o que levar para consertar.

Despediu-se do pai quando cruzava as portas dos fundos.

- Marina vem almoçar aqui hoje? – perguntou o homem. Willam respondeu que sim e que não demoraria a voltar.

Diferente do dia anterior, resolveu chegar a trilha seguindo pelo caminho atrás de sua casa, não importava se seu pai o visse fazendo aquilo, já era bem crescido, muito mudado em relação ao moleque que quebrava vidraças da vizinhança com um estilingue e que certa vez voltara todo sujo e arranhado daquele mato. Começou a cainhar. Engraçado como aquela vegetação toda permanecia ali mesmo após tantos anos. Sabia que aquele terreno pertencia ao homem que um dia fora dono do terreno de sua casa e de todo quarteirão. Ele era um homem de negócios, já bem velho, era verdade, mas um homem de posses que por uma razão desconhecida e inexplicável nunca mandara construir nada por ali. Willam apressou os passos e logo formulou uma suposição: talvez fosse muito caro e nada lucrativo construir alguma coisa naquele terreno acidentado que só servia como miniatura de bosque.

Não precisou chamar pelo velho. A porta de sua casa estava aberta e ele trabalhava num móvel auxiliado pelo suposto sobrinho.

- Bom dia – falou Willam.

- Muito bom dia – falou Jacob de volta. Felipe limitou-se a observar o visitante.

- O senhor não vai acreditar, meu pai jogou fora os móveis atacados pelo cupim. A única coisa que estava precisando de conserto que encontrei foi esta... – falou e em seguida indicou a gaveta.

- Por que não entra? – indagou o velho sem interromper o que fazia.

Willam olhou para os lados se sentindo pouco à vontade, mas acabou entrando. Colocou a gaveta sobre uma mesa e se aproximou dos dois. Tio e sobrinho procuravam devolver a estabilidade a uma velha cadeira.

- Pode ficar à vontade, rapaz – disse o velho. Willam passou a observar os objetos ali presentes. Subitamente se deu conta do mau cheiro. Este havia aumentado ou era só impressão? Talvez fosse só impressão mesmo, pois só agora percebera o fedor.

- Segura firme... – pediu o velho, em seguida aplicou três marteladas sobre o móvel. – Agora coloca ela no canto... Com cuidado... isso – prosseguiu ele. Ainda ficou observando o sobrinho colocar a cadeira no local indicado. – Então? O que temos aqui? – indagou se voltando para Willam e sua gaveta.

- Ah, só um pequeno probleminha – falou Willam e se afastou. O homem pegou o objeto e passou a examiná-lo.

- Que diabos aconteceu com essa gaveta?

- Horrível, não?

- Parece que alguém deu um soco, pisou aqui... – observou Jacob sem se voltar para o outro.

- É?

- Mas vou dá um jeito... Felipe. - O jovem se aproximou muito solícito. - Vê se joga o mais longe que puder aquele saco de lixo onde estão os ratos mortos, eles já estão fedendo.

Willam olhou para Felipe e este o encarou de volta por alguns segundos. Estava claro que aquele rapaz estava incomodado com sua presença. Provavelmente porque imaginava que ele já desconfiava do crime que seu tio e ele tinham cometido. Iria observar para ver que história de ratos mortos era aquela.

Felipe se afastou, Willam caminhou discretamente até a porta. Parou e ficou observando o outro pegar o lixo. Seria capaz de apostar a própria vida que ali não tinha rato nenhum. O jovem fechou o saco e quando ia levá-lo, o mesmo se rasgou e o seu conteúdo se esparramou.

- Droga! – exclamou Felipe. Soltou o saco e veio em direção a Willam. Passou por ele sem dar-lhe atenção.

- A porcaria do saco rasgou! – disse.

- Procure outro aí – falou o velho absorto em seu trabalho. Estava removendo a parte quebrada da gaveta. Felipe obedeceu, parecia prestes a ter um ataque de histeria. Willam tentou identificar o conteúdo do saco, mas não conseguiu. A única coisa que percebeu foi que o fedor tinha aumentado. Felipe passou por ele novamente, havia uma impaciência crescente nele. Willam continuou atento. O outro começou a arrumar o lixo. Logo surgiu do meio dos dejetos, os animais mortos. Willam não se conteve, aproximou-se e viu que se tratavam de ratos, alguns já apodrecendo, entumecidos, úmidos. Aquele mau cheiro não provinha de corpo algum de garotinha, e sim de simples ratos. Willam sentiu uma espécie de desânimo tomar conta dele. Aqueles dois eram no máximo uns esquisitões, nada de assassinos. Estivera esse tempo todo delirando, sonhando estar num filme do *Hitchcock*.

Olhou para um lado e viu uma pequena pá de lixo num canto. Apanhou-a e foi ajudar Felipe. Este o observou, pareceu agradecido, simpático. Terminaram de ensacar toda sujeira, os ratos mortos.

- Obrigado – disse Felipe e saiu em direção ao mato. Willam assentiu com leve aceno de cabeça. Voltou-se para Jacob, que continuava trabalhando, e ficou parado, com as mãos nos bolsos, se sentindo ainda mais incomodado. Não se reconhecia, ele, um sujeito tão racional pensar tantas bobagens. Onde estava com a cabeça quando dera crédito aquelas suspeitas que ele mesmo inventara? Que idiotice! Tudo bem, talvez fosse sua imaginação prodigiosa, seu espírito aventureiro... Besteira! Estava era bancando o maluco. Marina provavelmente gargalharia na sua cara e o tempo todo em que estivessem juntos.

- Estou acabando – falou Jacob. Willam foi até ele. Ao menos uma coisa boa: ia logo cair fora ali.

- Resolvido?

- Sim, sim. Só um instante – disse Jacob e começou a enrolar um pedaço de barbante na gaveta. – Isso é pra segurar enquanto a cola seca – explicou. Willam novamente acenou com a cabeça. Definitivamente aquele homem não passava de um sujeito simples, um tanto esquisito, mas simples... Simples e honesto carpinteiro habilidoso.

- Quanto lhe devo? – perguntou Willam lançando mão de sua carteira. Felipe acabava de chegar.

- Ah, só uma gorjetinha resolve – falou o velho visivelmente constrangido.

Willam abriu sua carteira e percebeu quando Felipe olhou atento para seus cartões de crédito. Aquele era outro sujeito simples. Devia estar encantado com o provável homem rico a sua frente. Coitado! Talvez não fosse nem alfabetizado.

- Aqui está. Tudo bem? – disse e entregou duas notas de dez reais ao homem.

- Obrigado, muito obrigado.

- De nada. Eu é que agradeço – disse Willam, guardou a carteira, pegou a gaveta e ia saindo quando se deteve. – Quem fez aquilo? O Senhor? – perguntou indicando um morcego de asas abertas, esculpido em madeira, sobre uma prateleira, acima da porta.

- Não, eu não. Quem fez aquilo foi o rapaz aqui – apontou para Felipe. – Ele é um hábil escultor.

- Maravilhoso! Você vende?

- Não, esse não. Comercializo outras peças que faço, mas essa não – disse Felipe.

- Posso ao menos ver mais de perto?

- Claro – respondeu Felipe e se projetou na ponta dos pés para alcançar o objeto. Pegou-o e para surpresa de todos, um rato morto caiu depois que a pequena estátua foi movida.

- Mas que vergonha, uma casa que chove ratos! – lamentou Jacob. Willam não deu atenção, recebeu a escultura e passou a examiná-la com atenção.

- Demais! Escuta, por quanto você faria para mim um igual?

Felipe sorriu, se afastou um pouco para dar espaço para o tio que apanhava o rato morto.

- Essa peça tem uma representação para mim, desculpe mas é uma peça única e não faria outra sob condição nenhuma.

- Mas por quê? – perguntou Willam.

- É uma coisa particular. Mas eu posso lhe fazer outra coisa se quiser. Que tal uma coruja? Faço e vendo muitas corujas, tem boa aceitação.

- Não sei – falou Willam com desânimo. – Fiquei interessado mesmo foi no morcego – disse e devolveu a peça. Foi então que notou uma inscrição no pedestal sob a imagem. “QULEN”, estava escrito.

- Que significa isso? – apontou Willam.

- Significa deus morcego – informou Felipe e para Willam este não lhe pareceu mais o pobre ignorante.

- Vou indo. Se decidir, volto e encomendo a coruja – disse Willam, agradeceu e foi andando. Saiu da casa, dobrou à direita e seguiu em direção ao mato. Que horas seriam? Provavelmente estava atrasado para o almoço outra vez. Procurou se apressar, esquecera o relógio e estava sem noção de tempo. Olhava para frente o tempo todo, procurando ver a trilha, quando olhou para o chão uma única vez se deparou com algo surpreendente: uma sandália de criança, um calçado cor de rosa de menina, uma menina de quatro anos... Elen!? Rapidamente, Willam se abaixou e o pegou, o examinou. Buscou na memória a imagem daquela sandália. Teve quase certeza de já ter visto. Elen usando aquele calçado. Sim, era isso mesmo, aquilo pertencia a menina. O que estava fazendo ali? Simples, havia sido esquecido pelo seu raptor monstruoso e descuidado. Olhou novamente para a casa do velho carpinteiro e seu sobrinho escultor. A sandália estava ali próxima e Jacob insistira que não tinha visto ninguém.. Não podia descartar aqueles dois como suspeitos, concluiu enquanto se levantava. Colocou o calçado no bolso e seguiu seu caminho certo de que descobrira algo novo e terrível.

Deitou-se muito a vontade no sofá. Marina acabara de sair. Tinha ido embora um tanto chateada por que ele se recusara a fazer um programa naquela noite. Willam sorriu ao lembrar dos planos que tinha para mais tarde: ir espiar o velho carpinteiro ao invés de jantar fora com Marina. Claro que não tinha contado isso para namorada, muito menos o achado que fizera naquela manhã. Havia apenas falado da frustrante conclusão de que seu suspeito não era um assassino, raptor de criança. O que pensara após ter achado a sandália que supunha ser de Elen, ele guardara para si mesmo. Decidiu também o que fazer quando anoitecesse e isso ele mesmo considerara loucura.

Quando Willam acordou, emergiu do poço escuro que era seu pesadelo, a primeira coisa que veio a sua mente foi a espreitada que decidira fazer. Levantou-se com um gosto ruim na boca e com a lembrança do que tinha sonhado: assassino, crianças chorando e gritando, Elen. Olhou que horas eram e foi se

preparar para sair.

Naquele mesmo momento, não tão longe dali, Jacob e Felipe faziam algo que acreditavam ter o poder de lhes prolongar a vida.

Antes de sair de casa, Willam ligou para a namorada. Tiveram uma longa conversa e ele pôde experimentar o conforto de senti-la tranquila em relação ao desentendimento que haviam tido aquela tarde.

- Amanhã, Marina, amanhã a gente sai para jantar fora, passear, ir ao cinema, o que você quiser – disse ele. Os dois se despediram e Willam colocou o fone de volta no gancho. Saiu do quarto e passou pelo pai que mais ouvia a TV do que via.

- Vou dar uma volta, pai, se o senhor quiser pode trancar as portas, estou levando as minhas chaves.

- Tudo bem, meu filho.

Willam saiu pela porta dos fundos, parou, olhou para trás, começou a caminhar novamente. Logo estava no meio do mato, imerso na escuridão e ouvindo o som dos insetos. Sabia para onde ia e o que ia fazer, só não tinha ideia do porque fazê-lo ou para quê. Topou num pedaço de madeira e parou.

- Droga!

Olhou instintivamente para os lados tentando se situar. Talvez estivesse indo na direção errada, direto para um buraco ou para um caminho onde encontraria uma cobra venenosa! Sim senhor, aquele era o lugar perfeito para encontrar um animal venenoso ou um buraco pronto a lhe quebrar a perna. Recomeçou a caminhada. Depois de algum tempo percebeu luzes de um poste à certa distancia. Calculou que indo naquela direção iria de encontro a velho da horta. Apressou os passos. Apesar do calor e das surpresas desagradáveis que podia encontrar ali, até que era divertido caminhar naquele mato, no escuro. Willam chegou a uma clareira e quando ia cruzá-la percebeu que algo ou alguém vinha em sua direção, do outro lado, no mato. Parou, voltou alguns passos e se agachou. O mato continuou sendo movido por mais alguns instantes como se estivesse sendo empurrado por algo que precisasse de muito espaço para passar. Uma pessoa? O raptor de Elen? Um animal? Um monstro? Subitamente, o que quer que estivesse ali, parou. Willam se encolheu e esperou pelo pior. Sentiu seu coração bater como um tambor de índio. Aquilo tinha parado somente para deixá-lo em suspense, nervoso. Esperou, um breve tempo, mas que lhe pareceu muito maior, tentou em vão ver o que estava à sua frente. Remexeu-se. Teria aquilo voltado, desistido de se expor à luz da lua ou o fizera porque percebera a presença de Willam? Que fazer? Resolveu ficar em pé, mas cuidadosamente. Observou o mato a frente por mais algum tempo, mas não viu nada. Andou um pouco, seu coração batendo acelerado, os pêlos de seu braço ficando de pé. Por que tinha que fazer aquilo? Que curiosidade mórbida e imbecil era aquela? Por que simplesmente não voltava para casa e pronto, deixava aquele negócio idiota com a polícia. Parou no meio da clareira e olhou para o ponto onde tinha visto o mato se mover. Não havia ninguém nem nada ali. Talvez tudo não passasse de obra do vento. Respirou fundo e continuou seu caminho.

Chegou finalmente à antiga horta. A porta da casa do carpinteiro estava entreaberta e suas luzes estavam acesas. Willam pensou em observar o movimento lá dentro, mas como fazê-lo sem ser visto? Andou vagorosamente até o ponto em que podia olhar pela porta e constatar se havia alguém ali que pudesse vê-lo. Ao menor sinal voltaria imediatamente e se embrenharia no mato. Willam olhou para dentro da residência, mas não viu ninguém. Ouvia os sons característicos de um trabalho realizado com

madeira. O velho devia estar em plena atividade. Maluquice! O que viera fazer ali? O que esperava encontrar? Talvez aquela sandália que encontrara nem pertencera a Elen. Aqueles dois não deviam ser nada de raptos... Mas e se fossem?

- Que quer aqui, cara? – perguntou-lhe uma voz às suas costas. Willam virou-se tão subitamente quanto intenso fora o susto. Felipe olhava para ele. – Você é da policia? – perguntou hostil e foi se aproximando.

- Não...

- Então, o que quer aqui?

- Nada. Eu só vim para... – Felipe não lhe deu tempo para responder, segurou-o com as duas mãos um pouco abaixo da gola de sua camisa e fez menção de suspendê-lo.

- Tava procurando confusão, não é, meu chapa? Pois acabou de encontrar – disse. Willam ergueu as mãos mostrando as palmas procurando mostrar que não ia reagir.

- O que tá acontecendo aqui? – perguntou o velho surgindo da porta entreaberta.

- Comida, Jacob, comida e bebida – disse Felipe.

- Olha, rapaz, não sei o que está pensando, mas não vim aqui fazer nada demais, só queria mesmo era encomendar...

- Cala a boca! – gritou o rapaz e o empurrou. Willam caiu de costas e começou a sentir uma dor intensa na coluna.

- Argh, espera aí, rapaz – falou Willam ao ver o outro vir em sua direção. – Calma, o que é isso, não precisa disso... – falou e em seguida olhou para o velho com olhar suplicante. Felipe o levantou puxando pela camisa. Por alguns instantes, Willam pensou que Jacob fosse intervir.

- Veio aqui por causa da menina, não foi? – perguntou ele exibindo seus dentes amarelos e terrivelmente pontiagudos.

- Menina!? – perguntou Willam assustado, olhando para um e outro.

- Sim, a menina que foi raptada, não se faça de bobo – falou Jacob, seus dentes cada vez maiores e seus olhos vidrados.

- Não...

- Acha que nós a pegamos, não acha? – Felipe perguntou e quando o fez Willam pôde ver que seus dentes também haviam crescido. Podia estar delirando devido ao choque que sofrera com o susto ou os empurrões, mas era capaz de jurar que os dois tinham expressões distorcidas, inumanas.

Monstros? Vampiros?

- Vamos conversar com calma, pessoal, olha, eu...

- Quer saber? Quer saber a verdade? Nós pegamos aquela garota sim, a matamos, bebemos o sangue dela e a enterramos no mato. Satisfeito? Eu bem vi quando você achou a sandália dela... Está satisfeito agora? Pena que você não vai poder contar isso a ninguém – disse Felipe enquanto o sacudia. A visão de Willam turvou-se, por alguns instantes pensou que fosse perder a consciência e desmaiar.

Vampiros!

Monstros, criaturas iguais as dos filmes e dos livros...

Felipe o jogou no chão novamente. Willam sentiu suas costas doerem ainda mais. A dor, no entanto, fez com que seus sentidos ficassem mais aguçados. Quando Jacob o segurou pelo cabelo e pelo ombro tentando deixar seu pescoço a mostra, ele o atingiu com um soco na garganta. O velho caiu sentado, chiando com a súbita interrupção do fôlego, como se fosse estivesse com a traqueia obstruída.

- Desgraçado! – gritou Felipe e o chutou no rosto. Willam estirou-se inteiramente no chão após a pancada. Seu agressor foi em socorro do amigo.

- Maldito seja... Respira, Jacob, vamos respira... – O velho, com os olhos esbugalhados, o peito arfante, tentava se recompor. Willam se levantou e tratou de fugir dali.

- Merda! – falou Felipe e foi em seu encalço.

Não conseguiu ir muito longe por causa da dor nas costas e da tontura causada pelo chute que recebera no rosto. O outro o derrubou. Willam caiu de bruços, mas rapidamente se virou e mostrou ao adversário os dedos indicadores cruzados. Felipe gargalhou, balançou a cabeça e falou com gravidade:

- O que acha que sou, seu imbecil? Um personagem caricato desses filmes idiotas? Tem ideia do que somos, mas nada mais que isso. Vampiro, deve ser a palavra que está na sua cabeça, tudo bem, mas somos mais do que sugadores de sangue, somos os detentores de uma verdade, superiores a vocês, comida. – Aproximou-se dele. – Pena não termos tempo para que eu lhe explique tudo – falou e em seguida segurou a garganta de Willam. Este pegou suas mãos e fez força, tentando separá-las na tentativa de diminuir a pressão sobre sua traqueia. Jacob, afastado deles, dava sinais de que se recuperara.

- Jacob? Se sente melhor? Venha ver o bastardo morrer – chamou Felipe que estava considerando um espetáculo ver Willam sendo sufocado. Jacob veio até eles.

- Não solte, quero vê-lo morrer bem devagar, quero ver a morte em seu rosto se manifestar pouco a pouco – falou ele com a voz rouca. Felipe continuou se esforçando, seu rosto contorcido, numa expressão de ira, semelhante a um felino demonstrando toda sua ferocidade. Willam lutava como podia, tentava separar ao máximo as mãos sobre sua garganta, mas suas forças davam sinais de querer abandoná-lo. Sabia que se cedesse um pouco que fosse ia acabar sendo sufocado, assassinado por aquele monstro. Pensou no fim de tudo, em sua namorada, no pai, na falecida mãe, nos amigos e na vida maravilhosa que lutara tanto para conseguir. Sentiu-se fraco e logo aqueles dedos fizeram seu incomodo aumentar. Que idiotice morrer ali, vítima da própria curiosidade... Droga, não devia pensar nisso e sim.. num último golpe. Soltou o polegar do adversário – o que o deixou totalmente a mercê da mão esquerda do adversário – tateou o chão e pegou uma porção de areia... apenas um segundo para tentar essa manobra. Talvez esses vampiros tenham olhos sensíveis como todo mundo, pensou e arremessou tudo que pôde contra os olhos de Felipe.

- Ah! – ele gritou e recolheu as mãos em direção a vista num puro gesto brusco de defesa instintiva. – Desgraçado, filho da... – não pôde concluir. Willam já tinha ficado de pé e o acertado com a planta do pé, num golpe semelhante a um coice de mula. Jacob amparou o amigo e Willam saiu correndo mato a dentro. Ainda ouviu um dos monstros dizer que o conhecia, que iria em seu encalço.

Logo estava imerso na escuridão, cambaleante, sentindo seu rosto, costas e pés doerem terrivelmente. Esbarrou em arbustos, troncos e pedras até conseguir chegar em casa. O tempo todo uma sensação horrível de estar sendo perseguido.

Olhou-se no espelho do banheiro. Sua face direita estava vermelha e inchada, provavelmente estaria roxa no outro dia com todo mundo perguntando o que fora aquilo. Afagou as costas. Faltara pouco para que lhe quebrassem a espinha, pensou. Na sua garganta, sinais da longa luta travada. Os pés doloridos por causa dos tropeções. Extenuado, totalmente desgrenhado, uma sombra do homem que costumava ser. Tirou as roupas sujas de terra e empapadas de suor. Se recuperaria daquilo, ah, sim. E iria fazer alguma coisa contra aqueles dois monstros! Vampiros, malditos vampiros, que mundo era esse que existiam realmente criaturas como aquelas! Tomou banho e começou a se sentir melhor, principalmente com o plano que tencionava executar no dia seguinte.

Quando acordou na manhã seguinte, a primeira coisa que veio a sua mente foi a indagação: onde estaria a velha arma do pai? Levantou-se consciente da noite péssima e agitada que tivera e foi em busca de seu objetivo.

Ao chegar a cozinha, seu pai lhe perguntou a que horas tinha chegado.



- Dez, dez e meia, não lembro, estava sem relógio – falou Willam fitando a mesa e se perguntando se seu pai podia perceber o hematoma em seu rosto.

- Dez e meia? Eu fui me deitar nesse horário e nem percebi você. Também com esses olhos, meu Deus! – lamentou Seu Joaquim enquanto cortava pão. Willam, discretamente, afagou o velho revólver no bolso da bermuda e sentou-se.

- Só vou querer um pouco de café – falou. Fazia força para tentar esconder a ansiedade que sentia.

Willam só foi se sentir melhor quando pôs os pés na clareira onde encontrara Jacob a primeira vez. Daquele ponto em diante seguiu com a arma do pai não mão. Não seria surpreendido por um daqueles monstros de mãos vazias. Fazia tempo que não praticava tiro, como costumava fazer com um primo, tempos atrás, mas ainda podia acertar numa lata de ervilha a uma distância razoável. Se bem que não tencionava matar ninguém – exceto se fosse obrigado a isso, claro - nem mesmo aquelas criaturas, que estava ainda curioso para saber o que eram de fato, se vampiros realmente. Tencionava forçá-los a dizer onde haviam enterrado o corpo da garotinha, rendê-los – pois estava óbvio que independente do que fossem podiam ser feridos – e chamar a polícia.

Atravessou a clareira, chegou ao lugar onde percebera uma movimentação na noite anterior e parou surpreso ao olhar para o chão. No espaço de um metro, a indicação de que a terra fora revolvida recentemente. Uma cova rasa? Não podia ser outra coisa. Willam se abaixou, colocou a arma no chão e enfiou o dedo indicador no local. Realmente a terra estava frouxa, nem seria necessário uma pá para descobrir se havia um corpo ali. Começou a cavar, com as mãos, como um cão a procura de ossos. Intensificou a ação e logo percebeu o mau cheiro brotar da terra. Não demorou para que em seguida seus dedos se deparassem com algo flácido e pegajoso. Passou a cavar com mais rapidez ainda, como se sua vida dependesse disso, então deparou-se com um rosto de traços delicados, triste, infinitamente infeliz, deformado pela decomposição... Elen! Estava chorando quando ouviu alguém gritar com ele.

- Pode parar aí, garotão!

Olhou e viu três homens surgindo do mato. Um deles estava de arma em punho, os outros trataram de lhe imitar o gesto, mas só o primeiro a apontou para Willam.

- Pegamos você na hora, hein?! – falou o do meio, a arma erguida.

- Puta merda! O corpo da menina! – disse o outro aproximando-se de Willam. – Também tem um revólver aqui – informou e pegou a arma.

- Está acontecendo um equívoco aqui, eu não... – foi dizendo Willam, a voz chorosa, mal contendo os soluços.

- É claro que vamos querer ouvir a sua história, mas na delegacia, você está preso. Mãos pra cima – ordenou o terceiro.

- Vocês vão ter... que me ouvir agora... ou não, ou não vão poder prender os verdadeiros... os verdadeiros responsáveis por isso! – desabafou Willam não contendo o choro. Os policiais olharam uns para os outros e, talvez pela boa aparência do suspeito e seu estado de choque, deixaram que ele contasse sua história. Willam lhes falou sobre tudo, exceto que os assassinos da garota eram prováveis vampiros.

Somente após a chegada de peritos e agentes do instituto de medicina legal, foi que os policiais foram com Willam à casa de Jacob e Felipe. Lá não havia mais ninguém. Os principais objetos tinham sido levados, só restavam pedaços de madeira.

- Parece que as coisas estão complicadas pra você, rapaz – disse o policial e tratou de algemar Willam.

Ao se acalmar, Willam ficou conversando com os policiais sobre sua inocência a caminho da delegacia. Lá manteve-se mais calmo e até telefonou para casa, contou toda história para o pai e soube por ele que Marina havia desaparecido. A família dela estava preocupada... Então, Willam começou a achar que sua vida tinha se tornado um pesadelo, um horrível pesadelo.

## SAPIRANGA

*“That is not dead wich can eternal lie  
Yet with strange aeons  
Even death may die.”  
H. P. Lovecraft*

Foi um dia diferente para aquele pacato bairro acostumado ao silêncio e a escuridão. Carros de polícia, peritos do instituto de medicina legal, repórteres e uma imensa multidão quebraram a rotina daquele lugar pouco movimentado. Próximo à área de preservação ambiental da Sapiranga, numa das muitas ruas não pavimentadas do bairro, foi encontrado o corpo de uma senhora com horríveis mutilações. Numa imensa confusão de curiosos e pessoas da imprensa, os policiais tiveram dificuldade em preservar o local próximo ao corpo – que se estendia num raio de seis metros, já que sangue e pedaços dos membros podiam ser encontrados no limite desse espaço e poderiam fornecer pistas preciosas. Logo a areia próxima ao corpo estava marcada pelas mais diversas pegadas e alguns mais distraídos chegaram a levar um pouco de sangue da pobre mulher nas solas de seus sapatos.

- Vamos dar um pouco mais de espaço aí, gente – pedia um dos policiais impaciente. Peritos tomavam notas preliminares, mas mesmo o mais experiente deles não conseguia imaginar o que ou que tipo de pessoa usando que arma fizera aquilo. Outro policial surgiu de um corredor de curiosos e parou diante da monstruosa cena.

- Mas isso aqui só pode ter sido um acidente com uma carreta – falou ele.

- Também acreditaria nisso, se carretas pudessem transitar por aqui. Os ônibus que fazem uma linha que passa nessa rua por pouco não ficam atoladas nessa areia – informou o homem que há pouco pedia mais espaço.

- Nenhum tipo de automóvel faria isso com uma pessoa – interveio outro policial. Os demais o fitaram. Ele permaneceu imperturbável olhando para o corpo desfigurado e as marcas no chão. – Isso parece mais obra de alguma fera ou um maluco munido com uma arma cortante e contundente – continuou ele, os outros o observando com interesse. Calmamente ele se aproximou de um dos peritos que estava agachado com uma prancheta na mão. – Diga para os senhores se isto pode ter sido um atropelamento.

O perito pareceu pensar um pouco, depois falou:

- Não podemos precisar bem, pelo menos agora, o que vitimou essa senhora, mas podemos dizer o

que não foi. Nenhum carro, carreta, ônibus ou tanque de guerra faria isso com uma pessoa...

- Quer dizer que alguém fez isso e fez pior que uma automóvel? – perguntou o policial indignado que chegara há pouco.

- Nada disso – retomou o perito agora ficando de pé. – Quem ou o que fez isso não o fez pior que um carro, fez diferente... O que aconteceu aqui parece ter sido feito por horríveis instrumentos, manualmente e com a vítima devidamente detida, uma coisa para um Jack estripador não tão cuidadoso. Um automóvel, ou mesmo um tanque, a teria simplesmente achatado no chão ou jogado seu corpo longe. O último policial a falar balançou a cabeça e foi saindo.

- Temos um caso interessante aqui. Ou um maluco estripador ou um animal selvagem, escolha... – virou-se e olhou para a imensa vegetação ali próxima. O perito meneou com a cabeça e procurou pelo colega. Onde estava o Antunes? Precisava de um cigarro e não sabia onde o amigo se metera.

Quase não se falou em outra coisa naquele bairro durante alguns dias. A investigação da polícia continuou, mas sem maiores esclarecimentos. Algumas pessoas começaram a falar de monstros, vampiros, lobisomens e extraterrestres que vinha à Sapiranga e as mães passaram a colocar os filhos para dentro de casa mais cedo.

## UM DIA MAIS TARDE

Vicente só foi perceber a besteira que fizera depois de caminhar uns vinte passos. Graças àquela escuridão, a sua falta de conhecimento daquele bairro, que mais parecia uma cidadezinha do interior, e a sua embriaguez, desceu do ônibus três paradas antes da sua. Agora teria que caminhar um bocado para chegar em casa. Merda de lugar, pensava ele, nem sequer uma iluminação decente tinha ali naquele fim de mundo. Pelo menos uma coisa boa: aquela caminhada ia fazê-lo suar um pouco e lhe livrar dos efeitos do álcool. Sua mulher ia falar menos... Talvez não, estava chegando muito tarde e ainda que não tivesse bebido uma gota de cerveja, ela teria assunto para boa parte da noite e o dia seguinte todo se ele estivesse lá para ouvi-la. Como a mulheres podiam ser chatas não entendendo a necessidade que os homens têm de tomar umas cervejinhas com os amigos depois do estafante serviço. Outra mulher! Uma amante, era o que sua esposa ia especular. Saco! Decidiu que seria melhor andar mais rápido. Olhou para trás, não havia ninguém, por ali somente as imensas casas recentemente construídas e inúmeros terrenos baldios. Bairro novo, cheio de mansões, residências de novos ricos que ele tinha a impressão de estarem se escondendo. Se fosse um cara de posses jamais viria morar ali, mesmo que lhe fosse oferecida a maior daquelas casas. Dobrou à direita, ninguém na rua. Que horas seriam? Dez e meia, dez e quarenta? Olhou o relógio, com dificuldade pôde ver: Onze horas! Estava tarde, ele exagerara um pouco. Chegou a um trecho, sob árvores, imensas mangueiras onde a escuridão predominava. Andou mais rápido ainda, saiu da penumbra, olhou para trás, aquele era um lugar perfeito para um assaltante se esconder. Exagero seu, coisa de bêbado assustado, por ali não havia ladrões. Talvez a única coisa boa naquele lugar, o que provavelmente atraía tantos ricos. Um bairro onde predominava o mato, com pouca iluminação, lagoas, mosquitos, inserido numa metrópole claustrofóbica e violenta, mas tranquilo e seguro como uma cidadezinha. Vicente balançou a cabeça debochando de si mesmo e então ouviu um barulho que a princípio somente despertou curiosidade. No mato, à sua esquerda, alguma coisa se movimentava e fazia a vegetação a sua volta mover-se como numa onda. Parou e olhou com atenção. Talvez aquilo fosse um gambá, já tinha visto inúmeros por ali, as vezes eles saiam da reserva e entravam nas casas. Uma ideia não muito boa por parte deles, pois muitos acabavam virando exóticas refeições. O barulho no mato e a movimentação continuavam, agora, vindo em sua direção. Que diabos seria aquilo? Perturbou-se e voltou a andar. O que quer que estivesse ali o seguiu pela margem da rua, no mato, afastando a vegetação por onde passava. Uma onça? Mas nunca tinha ouvido falar que houvesse onças por ali... mas, droga! Só podia ser uma onça, pois aquela coisa começava a fazer um som esquisito, uma espécie de rosnado... Um *pit bull*! Merda! Algum idiota tinha deixado o monstrengo escapar e agora ele estava ali para atacar quem estivesse no caminho. Olhou de lado, a coisa ainda o seguia. Apressou os passos, aquele animal também. Vicente lembrou-se de ter lido numa revista sobre ataques de cães. O *pit bull*, se é que era realmente um, se destacava muito pela sua potente mordida. Já podia se ver com metade da face arrancada, todo enfaixado num leito de hospital. Olhou para o lado mais uma vez e viu que aquele bicho não podia ser um *pit bull*. Devia ser uma raça de cão inteiramente nova, pelo menos para ele. O animal era enorme, maior talvez que um fila, com uma arcada dentária desproporcional ao resto do corpo. Começou a correr, então o que quer que fosse aquilo, saiu do mato e foi em seu encalço. Nem sequer houve tempo para que Vicente lutasse pela dianteira. A explosão muscular da criatura lhe era imensamente superior e se os dois estivessem apostando uma corrida, cinco segundos seriam suficientes para que o animal obtivesse uma grande vantagem. Ele olhou para trás um segundo antes de ser alcançado e pensou na esposa, na preocupação que ela sentiria com sua demora. Caiu de bruços sob o peso da criatura e esta começou a lhe retalhar as costas com suas garras. Vicente gritou pedindo ajuda ao mesmo tempo em que tentava rastejar, fugir daquele fardo assassino. Em resposta a sua resistência, o monstrengo rosnou e mordeu sua nuca. Ele sentiu nitidamente sua pele ser arrancada. Gemeu contorcendo-se de dor e, de alguma forma,

conseguiu deslocar o corpo. O monstro suspendeu seus ataques e Vicente virou-se totalmente, ficando de barriga para cima. Não demorou para que as investidas se reiniciassem. Ele lutou bravamente por sua vida até seus dedos serem dilacerados pelos dentes afiados daquela infernal criatura. Gritou, gemeu, tentou ainda se defender com os cotovelos e antebraços, mas foi vencido. O sangue lhe lavando o peito e o rosto. O monstro rosnou mais uma vez e cravou os dentes em sua garganta. Vicente moveu-se subitamente como num espasmo, segurou o pescoço de seu oponente, a vida abandonando seu corpo como seu sangue, cada vez menos oxigênio em seu cérebro e em seguida a serenidade e inércia dos recentemente falecidos. Seus braços caíram suavemente. A criatura ergueu-o pela garganta e tratou de levá-lo para o mato. Demoraria muito até que os restos mortais do jovem fossem encontrados. Sob a luz da lua, a monstruosa criatura carregava sua presa, uma paródia grotesca de um gato conduzindo o rato morto para um local seguro onde pudesse devorá-lo.

FRANCIS.

08 de fevereiro. Primeira página

O sobrenatural existe?

Fantasmas do outro mundo, monstros, assombrações, essas coisas?

Tenho estudado com afinco o ocultismo e os mais variados fenômenos (*Poltergeist*, aparições, supostos sinais deixados por almas do outro mundo, etc.) há alguns anos. Confrontei inúmeras farsas por todo esse tempo, mas também com situações e casos extraordinários. Coisas e fatos que me levaram forçosamente a uma conclusão. Certamente existe algo mais além desse mundo material, algo imenso, uma existência tão distante e inacreditável quanto real. Um mundo de forças capazes de influenciar as vidas das pessoas – de forma destrutiva – sem que elas sequer tenham tempo de decidir se acreditam ou não no sobrenatural.

Decidi registrar um pouco dessas experiências de forma pessoal – este diário – pois embora eu tenha registros completos de meus estudos em cadernos, fitas e fotografias, movido por estranhas sensações que senti desde que vim morar nesse lugar, decidi tornar mais íntimo essas experiências. Estou morando num bairro de poucas casas, repleto de terrenos baldios e, pelo que estou constatando através de conversas com antigos moradores, cheio de acontecimentos estranhos.

Estranho...

Tão estranho quanto o relato de um homem de boa índole, avesso a histórias fantasiosas, que chegou mesmo a ficar perturbado com o que viu numa noite, no caminhão que dirigia. Seu Antônio viajava para determinada cidade, realizava seu ofício de caminhoneiro em meio a absoluta solidão da estrada quando um sujeito surgiu subitamente ao seu lado. Acomodou-se no banco do carona, vindo de lugar nenhum e ali permaneceu em silêncio distraído-se com a paisagem. Apesar do imenso susto, Seu Antônio não disse uma palavra. Concentrou-se em fazer uma oração e manter o caminhão na estrada numa luta terrível contra o medo e seus nervos. A aparição mostrou-se indiferente ao caminhoneiro. Limitou-se a perturbá-lo com sua presença fantasmagórica e a fazer gestos tranquilos como se fosse um simples passageiro. Seu Antônio foi bem sucedido na tentativa de manter o caminhão na estrada e, depois de algum tempo, a aparição misteriosa sumiu tão rápida quanto tinha surgido. O homem respirou aliviado, seguiu viagem. Trabalhou ainda seis meses como caminhoneiro, sempre temendo que a situação se repetisse, e nunca mais foi o mesmo. Envelheceu da noite para o dia e seus nervos ficaram em frangalhos. Acabou se aposentando precocemente. Vive com a mulher e um filho e conta a história com seriedade incrível para quem quiser ouvi-la.

Este lugar é certamente estranho, tanto quanto a história de Seu Antônio, e está cheio de pessoas dispostas a fazer os mais estranhos relatos. Através de Jerry, conheci algumas delas. São gente do povo,

humildes, jovens, velhos, aparentemente honestos e nada supersticiosos como Seu Antônio, simpáticos, e sérios em seus relatos. Estou me preparando para gravar suas histórias e depois transmiti-las para este caderno. Espero também ir a lugares onde os acontecimentos tiveram seus palcos, examinar tudo e extrair disso conclusões.

## UM CÃO BRAVO OU UM MONSTRO?

Dona Vilma argumentou e provavelmente argumentará até o fim de sua vida que foi vítima de um monstro e não de um simples cão de guarda naquela fatídica noite em que punha o lixo para fora. A pobre mulher sofreu ferimentos na perna e na mão esquerda, além de algumas leves escoriações quando caiu no chão. Segundo seus próprios relatos, ela ouviu rosnados de um animal pouco antes de sair pelas portas dos fundos com o lixo. Olhou pela parte de cima da porta, que estava aberta, mas não viu nada. Pensou se tratar de alguém com algum cachorro e voltou sua atenção para o que estava fazendo. Após ter ensacado o resto do lixo, saiu. Percebeu passos, certa movimentação sob as frondosas árvores de seu imenso terreno. Parou e tentou ver quem ou o que estava por ali. A escuridão não ajudava e houve silêncio novamente. Andou até as latas de lixo e no momento em que pôs um dos sacos no chão, viu uma fera emergir das sombras. Gritou e a criatura a atacou cravando os dentes em sua panturrilha. Sacudiu a perna, não obteve resultado, dirigiu a mão para a cabeça da criatura na esperança de encontrar uma orelha ou algo para puxar, o bicho, em resposta, soltou sua perna e mordeu sua mão. Ela gritou outra vez. Caiu no chão com a fera mordendo sua mão. Seu marido surgiu numa janela lateral e perguntou displicente o que estava acontecendo. Dona Vilma olhou para seu atacante e entrou em pânico ao acreditar que estava sendo vítima de uma criatura oriunda do inferno. Fazendo uso de sua crença, ela começou a clamar pelo sangue de Cristo. Seu marido já vinha em seu socorro, a fera acabou soltando-a e fugindo para as sombras. Foi erguida com a ajuda do marido e continuou, por um bom tempo ainda, expulsando com brados religiosos, o que acreditava ser um monstro infernal, um ser das trevas.

FRANCIS.

10 de fevereiro. Más recordações.

Talvez uma das coisas mais misteriosas que existe nesse bairro, além das inúmeras histórias que seus moradores contam, seja a existência de um verdadeiro ícone de espanto e especulações, uma espécie de monumento, de símbolo da presença do sobrenatural neste lugar. Uma mansão desocupada, a residência de um homem envolto em mistérios e escândalos. No momento, a mesma sofre a degradação do sol, da chuva e da absoluta falta de cuidado – há rumores que informam que seus atuais donos conhecem suas histórias e não se animam sequer em protegê-la da corrosão natural -, mas mantém-se imponente e responsável por uma áurea sombria que ajudam a promover a fama do bairro de mal-assombrado. Eu a vi a primeira vez quando vinha ver a casa onde estou morando. Jerry, o responsável pela indicação do lugar, me mostrou a mansão no caminho para cá.

- Dizem que é assombrada – falou ele e sorriu pra mim. Provavelmente pensava no meu interesse por essas coisas. Resolvi não desapontá-lo.

- Ótimo! Se vier mesmo morar por aqui, vamos explorá-la – falei.

Desde que me acomodei por aqui que sou constantemente assediado por Jerry. Ele me convida – tenho

certeza de que em tom de desafio – a ir visitar o lugar. É claro que aceitei seu convite, mas antes, resolvi saber tudo o que fosse possível sobre a residência e seu ilustre ex-morador. *Gerald Sanders* era um inglês radicado no Brasil já há alguns anos. Mandou construir a residência numa época em que este bairro era mais uma floresta de vegetação nativa que um bairro propriamente dito. *Gerald Sanders* era um industrial bem-sucedido no ramo de refinarias de óleo vegetal e resolveu vir morar aqui depois que casou com uma brasileira. Construiu uma residência imensa – com alguns aspectos do estilo vitoriano – e veio morar nela com sua quarta esposa. Tinha cinquenta anos na época, ela, apenas dezenove. Os dois tiveram quatro filhos, mas nenhum sobreviveu. O mais velho morreu com três anos em circunstâncias misteriosas. A versão definitiva do acontecido foi de que o garoto fora encontrado enforcado acidentalmente com um barbante que o mesmo usava em suas brincadeiras. *Sanders* morreu com pouco mais de oitenta anos e sua mulher – seriamente doente – se suicidou pouco tempo depois. Antes do suicídio, ela alegou que não suportaria viver sozinha naquela casa, somente cercada por criados e que a alma do marido lhe aparecera convidando-a a conhecer o “outro lado”. Nada mais compreensível, visto que a Sra. *Sanders* padecia de problemas mentais. Seguramente, os populares fizeram uso dessa história, assim como o comportamento estranho de *Gerald* seus filhos mortos e suas supostas aparições depois de falecido. Sobre a conduta de *Sanders* é correto afirmar que era um homem realmente estranho. Além do escandaloso processo que sofreu, alguns de seus ex-empregados afirmam que ele praticava rituais macabros e que cultuavam a memória de *Aleister Crowley*, o famoso ocultista inglês. Outros relatam simplesmente que seu patrão era um abobalhado, mal-humorado e que costumava se banhar inteiramente nu na piscina e gritar nas noites de tempestade. Há ainda uma série de informações acerca das visitas que o Sr. *Sanders* recebia. Pessoas sempre dispostas a se zangarem com o serviço dos criados e que ficavam com os anfitriões até tarde da noite participando de reuniões em que só havia conversações em inglês. Alguém informou que certa vez presenciou um fato inusitado numa dessas reuniões, por uma porta entreaberta. Segundo esse ex-mordomo, o Sr. e Sra. *Sanders* realizavam uma orgia com mais quatro casais e que havia algo de ritualístico naquilo. Todavia, há outras pessoas que trabalharam na residência e que afirmam categoricamente que tudo não passam de fantasias do povo e de ex-criados insatisfeitos com os antigos patrões. *Gerald Sanders* não passaria de um homem autoritário e insatisfeito, enquanto que sua esposa era uma infeliz, submissa e traumatizada com a morte dos filhos. *Sanders* morreu vítima de um ataque cardíaco e não envenenado como supunham alguns. *Maria Sanders* se matou num surto psicótico e, se viu o marido, deve ter sido em seus delírios. Com a morte do casal, teve fim uma união de trinta anos, uma união de trinta anos, um casamento duradouro, mas recheado de pequenos escândalos – os inúmeros casos de infidelidade de *Gerald*, o processo que sofreu, acusado de ter abusado de algumas garotas menores de idade – e as imensas tristezas em meio a toda opulência de uma grande fortuna.

Jerry e eu chegamos à mansão de *Sanders* entre uma e meia da tarde. Eu havia insistido um bocado, mas ele não se dispunha de maneira alguma a explorá-la à noite.

- Não vamos ver nada, a casa não possui luz elétrica – argumentou.

Encontramos o rapaz encarregado de vigiar a casa, de guardá-la dos vândalos e inúmeros curiosos que, não raro, a invadiam em busca de *souvenirs*. Jerry lhe entregou alguns trocados e ele sorriu satisfeito enquanto se dirigia para o portão empunhando um molho de chaves. Peguei minha câmera e me apressei em fotografar a fachada da casa. Coisa fantástica! Uma construção nitidamente europeia, plantada ali, sob um céu azul cerúleo, sem nuvens, com cores suaves, mas realçadas pela luz do sol dos trópicos. Suas janelas quase em forma de ogivas, no meio de suas imitações de torres, e todo o seu conjunto arrojado, davam a impressão de uma casa cinematográfica, irreal, algo proveniente de um sonho, apesar de sua degradação. Não se podia censurar aquelas pessoas por acreditarem que o lugar era mal-assombrado, tudo ali, aguçava a imaginação.

Após abrir alguns cadeados e desenrolar a comprida e grossa corrente, o rapaz nos convidou a entrar. Jerry e eu cruzamos o portão terrivelmente enferrujado e laboriosamente decorado, semelhante a caules



de uma planta trepadeira, muito parecido com arabescos. Parei e observei, em busca de um novo ângulo para fotografar. Do lado direito seguia-se o caminho para a garagem; do outro, o que provavelmente fora um belo jardim. Andei um pouco mais, me agachei e fotografei a fachada fazendo pleno uso de minhas experiências como fotógrafo amador. Jerry e o jovem me esperavam no jardim. Fui até eles.

- Olha que beleza – indicou Jerry. Olhei para uma pequena fonte de mármore um tanto desgastada. No seu centro, um cupido sujo – que certamente um dia fora alvíssimo - equilibrando-se na ponta do pé, prestes a desferir uma de suas flechas. Levei a câmera ao rosto e procurei fotografar a fonte juntamente com a vegetação que crescia ali, esta, obviamente ocupando o lugar que um dia pertencera exclusivamente a flores e uma bela grama. Olhei em volta, agora só havia capim espesso e ervas daninhas. Antigos bancos de pedra, encardidos, tristes monumentos de uma época de beleza e prosperidade.

Seguimos pela lateral da casa, fotografei janelas e procurei imaginar aquela paisagem em todo o seu esplendor de antigamente. Chegamos ao imenso quintal. A piscina estava cheia, mas sua água era tão verde escura quanto a vegetação ali. Parei.

- Ontem mesmo tive que expulsar alguns moleques que vieram nadar aqui – falou o rapaz. Procurei o que fotografar. Além da piscina, havia mesas e bancos de pedra, uma churrasqueira parcialmente destruída, alguns chuveiros ao ar livre, um banheiro masculino e outro que devia ser o feminino apesar de ter perdido sua plaquinha identificadora há tempos.

- Eles não aprendem. Já disse para não vir mais aqui, que qualquer dia mando chumbo neles, mas não adianta. Continuam a pular o muro lateral e a vir ter um dia de piscina nessa água imunda.

- Moleques! – falou Jerry olhando para a água sorrindo. – Isso não passa de lama!

- Fazer o quê, né... – concluiu o vigia da mansão.

Tirei algumas fotografias da antiga área de lazer do *Sr. Sanders* e me voltei para a porta dos fundos.

- Você tem as chaves...

- Claro – respondeu nosso guia antes mesmo que eu pudesse concluir a pergunta. Sacou de seu bolso o molho de chaves e se dirigiu à porta. – Fiquem atentos, a casa está cheia de armadilhas – avisou.

- Armadilhas!? Que tipo de armadilhas? – quis saber Jerry.

- Me refiro ao piso, pregos enferrujados, essas coisas – esclareceu o rapaz. Meu amigo provavelmente imaginava mecanismos engenhosos com o objetivo de cortar cabeças, alçapões, coisas somente vistas em filmes do Indiana Jones.

Entramos e primeiro esperamos que os nossos olhos se acostumassem a escuridão. Acionei o flash da minha câmera e procurei ficar atento. Pretendia tirar fotografias interessantes tanto quanto não ser vítima de nenhuma das armadilhas, como bem classificara nosso guia. Nós nos situávamos numa área de serviço. Por ali havia uma pia, um tanque, prateleiras, e o que provavelmente fora o lugar de um motor para puxar água de poços artesianos. Andamos mais um pouco e chegamos a cozinha. Havia um imenso balcão de pedra em “L”, outras prateleiras, o espaço reservado para o fogão, uma imensa pia e um grande amontoado de madeira, pedaços de móveis, uma confusão de pernas de cadeiras, compensados, dispostos num canto, indicando uma breve arrumação.

- A casa parece ainda maior por dentro que por fora – falou Jerry tomando nossa frente. Tratei de alcançá-lo e cheguei a sala de jantar. Uma imensa mesa de madeira escura, coberta de poeira era o único móvel que permanecia de pé por ali. Outros móveis, sobretudo cadeiras, jaziam no chão, bastante danificados. Olhei e vi uma velha moldura, no seu centro, a pintura de um retrato. Inúmeros buracos me impediram de identificar quem tinha sido retratado. Aproximei minha câmera do rosto e fotografei. Olhei em volta, nítidos sinais de uma decadência acentuada, voltei minha atenção para o teto, e concluí que este era provavelmente a maior de todas as armadilhas. Não me surpreenderia saber depois que o andar de cima tinha desabado.

Seguimos por um corredor, Jerry sempre à frente. Fotografei velhos quadros, molduras – imaginando

se tinham algum valor - e o interior de quartos que se dispunham sem portas. Ao chegar à sala, parei e tirei, o que considereei depois, as melhores fotografias. Jerry pôs o pé no primeiro degrau da escada, o examinou e em seguida voltou-se para mim.

- Acho que não devemos ir lá em cima – disse.

- E por que não? Tem medo de fantasma? – indaguei.

- Não, mas tenho medo dessa escada – informou Jerry e movimentou o pé. A madeira do degrau fez um barulho estranho. Fui até ele. O rapaz, vigia da casa, nos olhou como se fôssemos dois turistas abobalhados, surpresos com alguma trivialidade comum para ele.

- Um de nós pode afundar e ficar preso nesse troço – considerou Jerry com gravidade.

- Bem, é um risco que a gente vai ter que correr – falei e comecei a subir. O rapaz veio depois de mim. Jerry nos seguiu depois de hesitar por algum tempo. Talvez fosse mais desagradável ficar ali em baixo sozinho. Por um caminho à esquerda, tomamos um novo corredor. Quartos se dispunham um ao lado do outro. Todos tinham suas portas fechadas. O vigia, como que adivinhando meus pensamentos, tomou a frente e, após breve consulta no seu molho de chaves, abriu uma daquelas portas. Um terrível cheiro de mofo pairava no ar. Olhei para o interior do quarto, um velho e amarelado papel de parede decorava o cubículo. Uma cama sem colchão e um pequeno criado mudo cobertos de pó se dispunham fora de seus lugares. Fomos para o próximo quarto, mesmas características a única diferença era um pequeno quadro de paisagem na parede.

- Todos quartos de hóspedes – informou nosso guia.

- Hum hum – concordei após fotografar a pequena pintura. – E o quarto do Sr. e da Sra. *Sanders*? – perguntei depois.

- Por aqui – falou o rapaz e saiu. Eu e Jerry o seguimos. Caminhei devagar admirando o teto, um forro de gesso repleto de decorações em relevo, sujo e esburacado em alguns pontos, mas ainda muito bonito.

- Olha bem onde pisa – falou Jerry. Olhei e o vi juntamente com o guia à alguns passos de mim. Entre eles e eu um pequeno abismo: um buraco de uns oitenta a noventa centímetros, uma perfeita armadilha.

- É só um pequeno salto – informou Jerry. Sorri com ironia e em seguida saltei a abertura. Quando meus pés bateram no chão senti-o estremecer. Por um instante pensei que o piso fosse se rachar sob meu peso.

- Acho que o salto merece um nove, o que você acha? – falou Jerry se voltando para o rapaz ao seu lado.

- Muito engraçado – falei. – Por pouco o chão não se abriu.

- Era dessas armadilhas que eu estava falando – informou o guia.

- Tudo bem – disse e passei pelos dois. Fui parar diante de uma porta, onde supunha ser o quarto dos antigos proprietários. Senti minha curiosidade se aguçar. – Tem as chaves dessa porta, não tem? – indaguei para o jovem. Jerry o olhou esperando por sua resposta.

- Não, essas eu não tenho – falou e veio ao meu encontro. – Mas não é preciso – disse e pôs a mão na maçaneta.

- Está aberta? – quis saber aflito.

- Muito – falou o rapaz e afastou a porta. A mesma tinha suas dobradiças quebradas, só se mantinha no lugar graças a lingueta da fechadura que permanecia acionada. Juntos retiramos a porta e a colocamos apoiada na parede. Segurei mais firmemente minha câmera e senti a expectativa crescer enquanto adentrava ao quarto. Olhei e vi os pedaços de uma imensa cama de casal coberta de pó, um guarda roupas com as portas escancaradas, alguns móveis menores e a suntuosidade vencida pouco a pouco pela ação devastadora do tempo. Tirei fotos, o filme acabou, substituí-o e me voltei para os quadros nas paredes. Com certeza o Sr. *Sanders* gostava muito de paisagens e ali estavam mais pinturas de campos, florestas, praias e casarios. Continuei examinando as paredes e vi sobre a cama do casal, um retângulo claro no sujo papel de parede.

- Imagino que ali havia um quadro maior que todos – falei para o rapaz.

- Ah, sim, o retrato do velho Gerald e sua mulher pintados por um... um cara famoso...

- E onde foi parar essa pintura? – perguntei.

- Os familiares levaram, disseram que era muito valioso – esclareceu o vigia.

- Francis, vem ver que interessante – clamou Jerry de onde estava. Fui até o banheiro. Meu amigo estava lá, maravilhado com antigos objetos do lugar. Uma pia, uma privada e azulejos que um dia deviam ter sido brancos, se dispunham.

- Olha só esse troço – indicou Jerry o vaso. – Só tinha visto um parecido na fazenda do meu avô.

Sorri e levei novamente a câmera ao rosto. Jerry percebeu e começou a rir também. Fotografei então, a suíte do homem que tinha se tornado lenda. Saí do banheiro e vi nosso guia de pé diante da janela. Aproximei-me dele e também passei a contemplar a paisagem: o que restava do jardim lá em baixo, o portão da mansão, a rua, os telhados das casas e, ao longe, num verde sem fim, a reserva em todo seu esplendor. Então imaginei, ou pelo menos tentei imaginar aquela cena no tempo em que *Gerald Sanders* vivia ali. Certamente o jardim de sua imponente residência era belo, não havia tantas casas ao redor e a reserva, com anos a menos de agressões, devia ser muito maior. Um tempo em que aquela casa era repleta de empregados, o filho do casal podia muito bem estar vivo, ou filhos; *Maria Sanders* tinha esperança e havia rotina naquele lugar. Coisas estranhas? Rituais? Acredito que não. Mas más recordações, tristezas, creio que sim. Em tudo – embora sejam impressões minhas – experimentei uma certa melancolia. A infelicidade me pareceu ter ido de encontro a toda opulência daquele lugar. O dinheiro quando muito só pode trazer mais dinheiro, não pôde impedir que as desgraças se multiplicassem, que os escândalos viessem, as tristezas e a má fama. Vidas amarguradas, filhos mortos, noites insones, beleza, riqueza e decadência, o que pude sentir naquele dia na mansão dos *Sanders*. O sobrenatural não tinha lugar ali, apenas a loucura, os pensamentos chorosos, a certeza de que nem mesmo o luxo e a fortuna podiam resistir ao tempo, nada mais que más recordações...

## DOIS MENOS UM

Tinham resolvido ir comprar mais cerveja para a festinha. Efetuado as compras, voltavam sem pressa, caminhando um ao lado do outro comentando a beleza das meninas que tinham vindo prestigiar a pequena reunião.

- Cara, cê reparou naquela morena? Demais, rapaz, demais! – falou Edson com bastante com bastante empolgação.

- Eu fiquei de olhou foi na Lurdinha. Quer saber? Acho que ela tá me dando mole – disse seu amigo um tanto contido. Estava claro como o efeito do álcool se apresentava de maneira diferente nos dois adolescentes. Edson, que geralmente agia com timidez, dava ares de grande conquistador, desinibido e falador. Neto, como era mais conhecido o outro rapaz, mostrava-se metódico no seu estado normal e ainda mais calculista quando levemente embriagado.

- Cara, vou ter que criar coragem pra falar com aquela morena, ah, se vou. Tomo mais uns goles e chamo ela pra dar um passeio.

- Vou fazer o mesmo quando chegar, só não vou beber tanto antes – disse Neto tentando parecer superior ao amigo.

- Pra você é mais fácil, já conhece a Lurdinha. Agora pra mim o negócio é mais complicado. Nunca via aquela gata, não sei nem se tem namorado – argumentou Edson.

- Deixa de ser molenga, cara – aconselhou o outro.

- Não sou mole não. Vou é botar pra quebrar com meu papo, cê vai ver – garantiu o rapaz.

Iam chegando a mais uma esquina, deviam seguir direto.

- Aí, cara, vamo dobrar aqui e cortar caminho por dentro do mato – convidou Edson.

- Não, cara, sem essa de andar no mato.

- Mas é um atalho, a gente vai chegar logo.

- Não é uma boa idéia – opinou Neto com seriedade.

- Que é? Tá com medo? – desafiou Edson agora assumindo ares de superioridade.

- Não.

- Então *vamo* – falou o outro e seguiu pelo caminho que indicava. Seu amigo hesitou um pouco antes de segui-lo. Logo os dois estavam novamente caminhando lado a lado no mato.

- A gente pode topa com uma cobra no meio desse matagal – informou Neto olhando em volta.

- Deixa de ser medroso, rapaz – falou Edson e em seguida pegou uma lata de cerveja da sacola que trazia. Abriu-a e começou a bebe-la.

- Não é questão de medo, cara, acontece que esse mato é foda!

- Besteira!

Neto balançou a cabeça, inútil discutir com seu amigo, tornou a olhar em volta. Os grilos cricrilavam e os sons característicos do mato à noite se manifestavam como se objetivassem deixar o jovem ainda mais incomodado. Olhou para o céu, a lua e as estrelas eram belas e tornavam-se ainda mais encantadoras quando admiradas estando-se um pouco embriagado, pensou. Pensaria muito mais se um movimento repentino não houvesse chamado sua atenção e feito com que olhasse para trás.

- Que diabo é isso?

Não houve resposta, apenas o salto de uma imensa criatura sobre seu companheiro. Um cão enorme? Outro bicho? Um monstro? O que quer que fosse atacou Edson com bastante fúria.

- Edson! Meu Deus! – gritou desesperado, olhando em volta, procurando uma pedra, um pedaço de madeira para poder usar como arma. Nada, não havia nada, concluiu enquanto seu amigo gritava pavorosamente. Neto então pegou as cervejas que trazia e as arremessou uma a uma na criatura. Errou. O nervosismo fez com hesitasse, Deus, o que fazer? Pediria ajuda, era isso, a única coisa que podia fazer.

Saiu correndo dali gritando, pedindo ajuda, se ferindo na vegetação. Atravessou todo o mato, chegou a uma rua, tentou chamar a atenção dos moradores das casas, não teve êxito, continuou correndo, olhou para trás e quase caiu. O cachorro teria matado seu amigo? Diminuiu a velocidade, devia voltar? Não! Devia mesmo era pedir ajuda. Correu ainda mais.

Chegou ao lugar onde seus amigos o estavam esperando. Havia somente duas garotas.

- Pra onde foi todo mundo? – perguntou subitamente. Em resposta as duas riram. Neto olhou para o próprio peito: sua camisa estava encharcada de suor, de todo seu corpo brotava suor e seu coração ainda batia acelerado, devia estar um tanto desganhado. Tomou fôlego.

- Pra onde foi o resto do pessoal, gente? O Edson foi atacado por um cachorro enorme, *precisamo...*

As garotas tornaram a rir. Uma delas ficou de pé, colocou o copo de bebida sobre a mesa e se aproximou dele.

- Calma. Você parece que vai ter um ataque, deixa o Edson pra lá, senta um pouquinho... – O hálito dela recendendo a cerveja.

Neto a interrompeu afastando calmamente as mãos dela.

- Eu quero é saber do pessoal, o Edson pode tá morto numa hora dessas...

Novas gargalhadas. Inútil continuar aquela conversa com aquelas duas, a embriaguez certamente arrebatara o juízo delas para um lugar longe dali. Neto deu meia volta e saiu dali ouvindo os apelos das duas meninas para que voltasse. Parou na rua, olhou para os lados, nenhum sinal dos amigos. Deus! Edson certamente estava morto. Covardia sua fugir e deixar o outro nas garras de um cão raivoso. Pedir ajuda? Desculpa sua, não passava de um medroso. Agora o amigo jazia esfaqueado no meio do mato por causa dele. Sentiu a fraqueza dominá-lo, sentou-se no meio fio e começou a chorar como uma criança.

Somente após três dias o corpo do adolescente foi encontrado. Estava totalmente desfigurado, nitidamente sofrido o ataque de uma fera com caninos enormes.

FRANCIS

11 de fevereiro. VERDADES.

Foi o grande pintor Goya quem disse que o sono da razão produzia monstros. Sendo assim, poder-se-ia dizer que a maioria das pessoas que aqui vivem são loucas? Loucas, absolutamente paranoicas ou... pavorosamente honestas e verdadeiras. Não é possível que tudo que se afirma nesse lugar tenha de fato acontecido, mas pode tudo ser somente invenção e histórias fantasiosas? Nem todo homem é honesto e verdadeiro, assim como não é possível que toda discricção sobrenatural seja sempre bobagem. Por que há nesse lugar tantas histórias, tantos acontecimentos estranhos? As pessoas teriam realmente razões para descrever essas situações inusitadas ou seria este o bairro onde mais nascem loucos no mundo? Também não há como ser este o lugar onde mais surgem roteiristas de filmes de terror do planeta. Seguindo estas linhas de pensamento sou obrigado a concluir que existe de fato algo neste estranho bairro. Em um de seus romances de grande sucesso, *Stephen King* apresenta um personagem que especula sobre a possibilidade de viver numa cidade mal-assombrada. Recordando este pequeno devaneio de ficção, me pergunto: este bairro é assombrado? Vivem estas pessoas uma outra realidade? Podem elas falar de fantasmas e outros acontecimentos tão naturalmente quanto se comenta o tempo e o preço dos cereais? Acredito na frase de Goya, mas não creio que tenha sido a loucura que criou os monstros deste lugar.

Outra coisa que tem me chamado a atenção são os relatos de violência que costumam ocorrer dentro de circunstâncias bem peculiares. Definitivamente este bairro não figura como um dos mais perigosos da cidade. Não há assaltos, roubos, sequestros ou gangues – verdadeiras pragas em localidades não tão longe de nós – mas existem registros de crimes pavorosos. Assassinatos que parecem enredo de filmes “B”. Coisas que ninguém daria crédito se não visse e lesse os recortes de jornais guardados pelos vizinhos numa mórbida reverência ao fato. Crimes como o de um homem que matou toda a família – a esposa, dois filhos e sua própria mãe – e os enterrou no quintal após tê-los retalhado. Ou o de um conhecido mendigo, que não se sabe como, arranjou uma arma, entrou num bar e atirou em duas pessoas e depois, antes de atirar em si mesmo, disse que um espírito o tinha mandado fazer aquilo. Há também relatos que contam a história de um homem da vizinhança que pôs fogo ao próprio corpo e saiu correndo na rua até as chamas apagarem numa noite particularmente quente. Existem outros acontecimentos, histórias violentas, comprovadas ou não, coisas que tenho tomado nota e procurado investigar. Atualmente me preparo para uma pequena entrevista ao homem que mora ao lado da casa onde o pai de família matou, retalhou e enterrou os seus no quintal. Pretendo levar meu gravador de bolso e colher essa e outras histórias, assim como as peculiares conclusões que essas pessoas sempre apresentam ao fim de cada relato.

Não deveria encerrar esta página sem mencionar as últimas especulações deste lugar. Acreditam que agora há um lobisomem à solta na Sapiranga. Este suposto monstro seria o responsável pela morte de uma mulher, encontrada numa manhã no meio da rua com o corpo terrivelmente mutilado, pelo desaparecimento de um homem que depois de alguns dias foi encontrado morto dentro do mato em avançado estado de decomposição, e ainda como sendo o responsável por atacar dois adolescentes e dar sumiço a um deles segundo o sobrevivente do ataque.

FRANCIS.

12 de fevereiro. MAIS UM PARA O LOBISOMEM.

O jovem desaparecido foi encontrado morto. No seu corpo havia realmente sinais de que fora vítima de um animal, um cão, um felino enorme, um urso, ou um maníaco que gosta de retalhar... Um lobisomem? Sobrenatural demais até para mim!

## VISÕES

“Foi o tal do lobisomem”, diria um dos amigos de Téo no outro dia e em tom de brincadeira após ele relatar a visão. O rapaz era muito interessado em astronomia e todas as noites fazia uso de seu telescópio. Da janela do seu quarto apontava seu instrumento para o céu e, quando o mesmo não estava encoberto, ele vislumbrava uma pequena parte do universo. Naquela noite havia muitas nuvens sobre a Sapiranga e o rapaz tratou de se ocupar de seu segundo passatempo favorito: observar detalhes da vizinhança. Deu uma geral, uma vista rápida na rua ao lado, depois procurou se concentrar nos quintais vizinhos. Já havia visto quase tudo por ali, desde gente tomando banho ao ar livre nas noites de muito calor, até pessoas cuidando de pequenas hortas ou enterrando animais mortos. Téo as vezes via coisas estranhas, como vultos e pessoas que sumiam diante de seu telescópio, luzes estranhas no céu, mas isso não lhe chamava a atenção. Ele gostava mesmo era de ser um espião da intimidade alheia. Muitos tinham sido os casais vítimas de sua curiosidade. Quando a noite era clara e de céu estrelado, o espaço era sua TV, quando não, o desejo de explorar a privacidade dos outros tornava-se seu entretenimento. E foi assim que o rapaz, regulando com habilidade as lentes de seu telescópio, viu um estranho cão surgir do mato. Téo decidiu acompanhá-lo para tentar identificar sua raça. O animal começou a movimentar-se e logo sumiu na penumbra, sob uma frondosa mangueira. Téo movimentou o instrumento e diminuiu sua capacidade de aproximação para poder ter uma visão mais aberta da área e assim não perder de vista o cão. Funcionou. Logo animal surgiu novamente e Téo apontou sua objetiva para ele. Quando ia fechar o foco em cima dele o mesmo desapareceu atrás de um arbusto. Novamente teve que aumentar seu campo de visão para não o perder. Procurou-o então em vão, esperou, o cachorro teria ido embora por um lugar que ele não podia ver ou estava parado atrás do mato? Observou ao redor com cuidado para não perder o último ponto em que tinha sido visto. Voltou a esperar. Impaciente, fechou todo o foco em cima do arbusto. Apesar das poucas falhas na densa vegetação, conseguia ver o animal parado, como se estivesse esperando algo. Subitamente voltou a se movimentar. Téo rapidamente buscou ampliar um pouco sua área de visão para antecipar o movimento do cão. Com sucesso Téo o acompanhou até um ponto onde havia luz. Nesse momento, para puro entretenimento, satisfação e êxito do rapaz, a criatura parou. Téo fechou totalmente o foco sobre seu objeto de curiosidade. Foi nesse momento que o observador, com espanto e surpresa, percebeu que não podia identificar qual a raça daquele cão, se é que era realmente um cão. Diante dos olhos do rapaz, através de um maravilhoso e eficiente instrumento óptico, fruto do acúmulo do conhecimento de muitos homens de ciência, comprado num shopping no cartão de crédito de sua mãe para ser pago em oito vezes sem juros, surgiu uma horripilante e disforme criatura que certamente não tinha classificação nem na família *canidae* nem na zoologia... Téo simplesmente continuou observando a criatura por suas lentes enquanto um pensamento lhe veio à cabeça: Aquela criatura tinham alguma relação com as mortes que tinham acontecido recentemente? Cogitou. Certamente sim. Diante disso, o rapaz sentiu um pouco de medo e a certeza de que o perigo estava às portas. O monstro se movimentou, ficou num ângulo ainda mais favorável. Então Téo pôde ver mais detalhes de sua anatomia assombrosa, sobretudo seus compridos e afiados dentes. Subitamente começou a correr e logo sumiu no mato. O rapaz movimentou o telescópio, procurou, tentou antecipar um ponto em que a criatura pudesse surgir novamente, mas não houve êxito. Teo afastou o rosto do instrumento e recordou dos boatos sobre

lobisomens que corriam à noite a Sapiroanga. Então aquilo não era bobagem.

FRANCIS.

14 de fevereiro. CAVANDO O PASSADO E ESPERANDO PELO PIOR.

Em seu livro *“He came to set the captives free”*, Rebecca Brown, uma médica, membro de certa igreja protestante americana, afirma existirem vampiros e lobisomens. Fala também de certas seitas satânicas que proliferam nos EUA e explica que tais monstros seriam provenientes das mesmas. Rebecca vai mais a fundo sobre os lobisomens e informa que suas transformações são resultados de estranhos e indescritíveis rituais, e que este processo, ao contrário dos filmes e livros, é totalmente irreversível. Os homens que se submetem a tais rituais tornam-se bestas indefinidamente. Passariam então a viver como cães selvagens, vagando por lugares desertos e tendo uma fome insaciável por sangue humano. Verdade? Quem o pode dizer? Acho esse livro bastante fantasioso, exagerado, muito próximo de um roteiro de cinema. Mas, que dizer dos relatos sobre lobisomens que viraram a “coqueluche” desse lugar? Nada. Simplesmente nada até que se ache uma explicação plausível para os assassinatos que ocorreram por aqui nos últimos dias. Se isto não for esclarecido, então podemos começar a pensar em bestas sobre-humanas oriundas de terrores populares ou seitas satânicas americanas.

Cheguei à casa do homem que morava vizinho ao lugar da chacina e logo recebi ordens para que entrasse. Era um lar bem arrumado, apesar de bastante humilde.

- O senhor é repórter? – um senhor me perguntou logo após ter surgido amparado por um garoto.

- Senhor José? – indaguei pouco à vontade.

- Não, sou o pai dele – respondeu o homem ao mesmo tempo em que se acomodava no sofá com a ajuda do rapaz. – José teve que ir resolver umas coisas, mas me disse que eu o atendesse. Não que eu saiba melhor as coisas, nem que elas tenham acontecido há muito tempo e que só eu lembre... Não quer sentar? Junior, traga uma cadeira para o moço, o senhor é repórter?

Por um instante me senti incomodado, um intruso, cada vez mais interessado naquela história, mas profundamente inconveniente.

- Não, senhor, não sou repórter, apesar de ser formado em jornalismo e ter trabalhado em uma revista certo tempo.

- Ah, sei...

O garoto me entregou a cadeira. Sentei, tirei meu gravador do bolso e em voltei para o homem.

- Como o senhor se chama? – perguntei.

- Joaquim Silveira de Brito – respondeu o homem e passou a afagar o pé direito. Ali estava a causa do seu locomover precário: um pé e um tornozelo extremamente inchados.

- Coisas da idade avançada – disse ao perceber meus olhares.

- Entendo – disse e voltei a olhar para o meu pequeno gravador. Estava começando a me sentir pouco à vontade de novo.

- Quer beber alguma coisa?

- Não, obrigado.

- Fique à vontade – disse provavelmente percebendo meus gestos. – Junior, pode vir se sentar conosco. O senhor não se incomoda com a presença do garoto?

- O senhor é quem sabe, ele conhece a história?

- Conhece. Não há quem não saiba desse caso por aqui.

- Então vamos lá – eu disse e o homem se pôs a falar:



- A pior coisa que lembro foi ter acordado no meio da noite e ouvido os gritos. Com certeza era naquela hora que o Carlos doido estava matando a família. Talvez se eu tivesse intervindo, teria salvo alguém. Acontece que eu pensei que fosse só mais uma discussão, uma briga como qualquer outra que costumavam ter. As vezes fico pensando no que teria acontecido se eu tivesse ido lá. Sabe como é, quando o negócio era feio e tinha quebradeira, eu ia até lá e conseguia acalmar o Carlos... – Seu Joaquim fez uma pausa, respirou fundo e lamentou com um aceno de cabeça antes de continuar. – O Carlos, moço, me respeitava como a um pai, ele teria me ouvido, como ouviu muitas vezes, desistindo de bater na mulher por causa dos meus conselhos...

- Então eles brigavam muito e ele já tinha espancando a esposa? – perguntei e a seguir posicionei melhor meu gravador afim de captar melhor a conversa.

- Sim. Já tinha batido na mulher e nos filhos, sua vida familiar era uma bagunça. Muito diferente das relações que ele tinha com os vizinhos e com os amigos do trabalho. Ele trabalhava numa oficina mecânica aqui perto. Muitas vezes, ele e os colegas vinham beber no bar da esquina. Quem visse nessas horas teria ele como o sujeito mais legal do mundo. Ria, contava piadas, fazia graça. Foi numa dessas ocasiões que começaram a chamar ele de Carlos doido, aí o apelido pegou.

- Então, fora de casa, ele era um cara calmo e divertido?

O homem coçou a barba que começava a crescer embaixo do queixo e pareceu meditar.

- Em casa ele também tinha bons momentos. Não foram poucas as vezes que o vi sair com a mulher e os dois filhos numa alegria imensa.

- Agora, Seu Joaquim, voltando àquela noite, o que o senhor fez depois de ouvir os gritos, o que acha que aconteceu? O que mais ouviu? – perguntei lembrando bem o que havia me dito um repórter amigo meu em certa ocasião: “Tem que ir fundo e botar o dedo na ferida nessas horas”.

- Depois que ouvi aqueles gritos, que achei bem esquisitos, fiquei tentando dormir, afinal a confusão cessou e pensei que estava tudo bem. O interessante é que demorei a pegar no sono e quando finalmente consegui, passei a noite tendo sonhos horríveis. Pela manhã, ao despertar, a primeira coisa que me veio à cabeça foram os gritos da noite passada. Tinham sido curtos, mas muito estranhos. Lembro bem que me perguntei se as coisas estavam bem na casa de Carlos. Depois de um tempo cheguei a esquecer o assunto. Coloquei a velha cadeira com água para ferver e sai para comprar pão. Então foi aí que encontrei o velho Carlos sentado no batente da porta de sua casa. Deus! Não foi uma coisa que ele teve tempo de contar, nem tentar esconder. Ele estava lá, sentado, encolhido como um carneiro ferido, com as mãos e os braços sujos de sangue e terra. Lembrei dos gritos. “Que diabo foi isso, Carlos?”, perguntei esperando o pior. “Ah, Seu Joaquim, fui obrigado a matar aquela cadela”, ele disse e começou a chorar. “Pela amor de Deus, Carlos, o que fez? Será que não dá tempo salvar?”, ainda perguntei. Então ele me falou que tinha matado os meninos também. Preferia que eles morressem do que continuassem a viver sem a mãe e traumatizados com o assassinato dela pelo próprio pai. “Cadê eles, Carlos?”, gritei e ele me disse que tinha enterrado todos no quintal. Na época eu conseguia andar muito bem, então corri casa a dentro direto para o quintal. Lá vi uma imensa área de terra recentemente revolvida. Voltei. Carlos estava no mesmo lugar, chorando como uma criança. Disse a ele que lamentava muito, mas que não poderia esconder aquilo, que seria obrigado a chamar a polícia. Para meu espanto ele concordou, disse que não pretendia fugir, nem esconder aquilo, havia enterrado todos no quintal sem nem saber pra quê. Alguns minutos depois a rua estava cheia de curiosos. Eu, meu filho e minha nora tivemos que defender Carlos, impedir que fosse linchado. Depois veio a polícia, na verdade vários carros. Carlos foi levado num deles e a multidão se multiplicou. Fui pra casa, meu filho ficou lá, ajudou os peritos e viu os corpos sendo retirados, ele me disse que Carlos havia retalhado todos minuciosamente, com certeza tinha passado a noite fazendo aquilo.

O breve silêncio que se fez depois que Seu Joaquim parou de falar logo se tornou incômodo.

- Na sua opinião, Seu Joaquim, por que ele fez aquilo? – indaguei e em seguida olhei para os rolos de

fita do gravador para me certificar de que podia pegar aquilo.

- Loucura – respondeu o homem com simplicidade.

- Somente isso?

- Que eu acho. Tem gente que conta que Carlos fez isso por causa de uma amante.

- Uma amante... Interessante...

Era a primeira vez que ouvia uma história tenebrosa naquele lugar sem que fosse mencionado o sobrenatural.

- Uma amante, que disseram alguns, tinha a fama de feiticeira, vidente. Tinha até um terreiro onde fazia seus rituais... Falaram que ela fez uma mandinga para o Carlos matar a família. Dizem que na cadeia ele falou inúmeras vezes nessa feiticeira colocando a culpa nela. Mas quem é que daria crédito a ele? O homem estava maluquinho – informou Seu Joaquim com seriedade e como que adivinhando meus pensamentos.

Sim aquela era outra história que tinha uma conclusão ou explicação fora do comum.

## OVELHAS

Todos ouviram o rugido da criatura ao mesmo tempo e se dispersaram logo em seguida. Alguns gritaram, outros se limitaram a se esconder atrás dos troncos de árvores. O certo é que todos saíram do caminho do monstrengo.

- Cadê ele? – alguém perguntou desesperado.

- Estava atrás da gente, eu vi...

- Calem a boca! – ordenou um outro mais exaltado.

- Era um cachorro, não era? – perguntou em voz baixa o rapaz que estava escondido atrás de uns arbustos para o outro encostado a um tronco de mangueira.

- Não sei, acho que sim...

- Shhhhhhhhh – fez o jovem mais exaltado. Neste momento o lobisomem mostrou-se. Sob a luz da lua, no meio da clareira e entre quatro rapazes e duas moças, ele parou. O grupo contaria depois que tiveram uma nítida impressão de que a criatura estava fazendo pose para eles, que queria ser vista e conhecida. Apesar da pouca semelhança com um cão, todos se referiram a ele como o “cachorro monstro”.

- O que é isso? – perguntou uma das garotas para a amiga ao seu lado. As duas estavam agachadas atrás de alguns arbustos, menos protegidas que os demais e mais próximas ao monstro.

- Não faz barulho – sussurrou a outra.

O lobisomem olhou ao redor, sentou-se como o fazem os cães, fez alguns grunhidos, levantou-se subitamente e correu em direção às moças. Passou a apenas um metro e meio delas e continuou indo em direção do mato fechado.

FRANCIS

1 de março. O TERROR REAL.

Decidi registrar um pouco das minhas experiências e sensações desde que vim morar neste bairro... e por quê? Porque suspeitava – e agora já não o faço mais – que esse lugar, cheio de tantas histórias, mistérios e um clima de terror reinante, fosse digno de investigações e teorias. Não, caro leitor, se algum dia este diário tiver algum, este lugar não me parece digno de investigações ou especulações, este bairro é comprovadamente mal-assombrado. Assombrado no mais restrito sentido da palavra. E mesmo, o que parecia ser mais absurdo, a história do lobisomem, é real. Pavorosamente real! Ele matou Jerry diante dos meus olhos, poderia ter me matado também, mas não o fez, e agora eu permaneço como testemunha do mais vivo horror.

Perdi meu amigo numa noite, em uma rua deserta não muito longe da minha casa, num momento de pura descontração, quando voltávamos de um *cooper* noturno. O monstro saiu do mato como se tivesse sido cuspidado do inferno, atacou Jerry o derrubando e logo tratando de morder sua garganta. O primeiro pensamento que me veio à cabeça foi que aquilo era real. Não estava diante de um cachorro enorme, um lobo ou uma aberração de laboratório, mas uma autêntica forma de vida sobrenatural, um lobisomem! Claro que me limitei a dizer para os policiais que meu amigo tinha sido vítima de um cão feroz e tive que agir de conformidade com isso. Pensariam que eu estaria ficando louco, se falasse a verdade. A verdade! A verdade é que o sobrenatural existe, ainda que oculto, mas existe tanto quanto os lobisomens. Após morder Jerry, arrastá-lo por alguns metros sob meus inúteis pedidos de socorro, o lobisomem o soltou e a seguir rosou para mim. Corri, mesmo consciente de que aquele monstro seria bem capaz de me alcançar. Depois de algumas ruas, me virei e constatei que não estava sendo perseguido. Fui em casa, chamei a polícia, peguei um velho revólver, me certifiquei que estava carregado e sai. No caminho pensei na bala de prata. Besteira! Acreditava que lobisomens existiam porque acabara de ver um, mas não admitiria que a diferença de metal pudesse causar alguma diferença. Se tais criaturas viviam de fato, deviam estar mais próximos da descrição de Rebecca Brown do que das lendas e dos roteiros de cinema. Cheguei ao lugar onde fora atacado. Não encontrei o corpo de meu amigo, apenas o rastro de sangue. Segui-o e não demorou para que encontrasse Jerry. Estava horrível, com profundos ferimentos na garganta, os olhos abertos, fixos, já totalmente sem vida. Olhei ao redor, desesperado, empunhando a arma, mas não vi sinal algum do lobisomem.

Agora estou à procura da besta. Todas as noites faço uma espécie de ronda por estas ruas escuras, esperando encontrar o lobisomem para acertarmos as contas.

Tenho certeza de que isso em breve vai acontecer.

“Um trecho de jornal”

... e agora são cinco o número de vítimas de um provável maníaco que está agindo nas redondezas do bairro Sapiranga. O corpo do jornalista e editor Francis Donelli foi encontrado num matagal próximo à casa onde estava morando há pouco tempo. Nele havia as mesmas dilacerações constatadas nas outras vítimas, o que leva a polícia a crer que se trata de ações de um mesmo sujeito. É interessante saber que tais mortes também estavam sendo atribuídas a uma provável fera, um cão ou um animal selvagem oriundo da reserva florestal presente no bairro. Cabe informar também que Donelli, após ter perdido um amigo nas mesmas circunstâncias (A quarta vítima no caso) tenha afirmado para as autoridades, que seu amigo fora morto por um enorme cão. Alguns moradores do lugar são unânimes em afirmar que o

jornalista andava armado pelo bairro em busca do suposto animal. De fato, uma arma de calibre 38 foi encontrada junto ao corpo de Donelli...

## VAMPIROS II

*“O mundo é assim porque não somos o que deveríamos ser”.*

*Dante Alighieri*

André, Saulo e Pietro chegaram ao que restou da cabana e pararam diante dos corpos. Ao redor, muitas árvores e arbustos. Observaram com tranquilidade, afinal não era a primeira vez que se deparavam com um chacina e cadáveres carbonizados.

- Foi realmente a população que fez isso? – André perguntou para um dos policiais que já estava ali.

- Exato. Um caso típico de justiça feita com as próprias mãos.

Saulo tomou a frente do amigo e se aproximou ainda mais de um dos corpos. O mesmo aparentava ser um jovem. Estatura mediana, o único onde ainda podiam ser visto alguns traços peculiares.

- Será que morreram queimados mesmo? – perguntou.

- Isso somente será confirmado com uma autópsia – respondeu Pietro.

- E parece que a coisa vai demorar pra ser arranjada – disse André.

- Temos que saber se foram queimados vivos ou, assassinados, e depois jogados na cabana e assados junto com a mesma. – Empurrou um pedaço de carvão com a ponta do sapato. Por ali ainda havia um pouco de calor e fumaça, a seguir se aproximou de outro corpo. Quem o visse naquele momento, pensaria que ele se divertia com tudo aquilo. Os braços do cadáver formavam um ângulo de noventa graus, suas mãos se dispunham sobre o abdômen exibindo dedos flexionados como se fossem feitos de plástico, encolhidos pela ação do fogo. Toda sua pele estava escurecida e em alguns pontos apresentava uma textura semelhante a uma cobertura de bolo queimado. No seu rosto, fixa como se sua forma fosse aquela

desde sempre, uma careta de puro horror onde dentes cerrados, e terrivelmente brancos, se mostravam juntamente com duas órbitas vazias de onde fluía um líquido amarelado. Alguém diria que se tratava de um indivíduo vivo, consciente e experimentado a mais atroz das dores, baseando-se na expressão de seu rosto. Os outros corpos estavam na mesma situação, apenas um – o que aparentava ter sido de alguém mais jovem – tinha o rosto menos deformado pelo fogo. Os outros teriam entre quarenta e cinquenta anos. Por toda parte cinzas sobre um chão de terra batida e escura.

- Parece que o povo desse lugar tem o pavio curto – falou André depois de haver concluído que em seus dez anos de polícia nunca vira aquele tipo de coisa em cidadezinhas como aquela.

- Talvez tenham tido um bom motivo pra fazerem isso – disse Pietro.

- Vejo que vocês ignoram a razão pela qual a gente veio aqui – falou Saulo.

- Porque somos os melhores investigadores do estado – arriscou André.

Saulo o encarou com seriedade. Seu amigo sentiu a frieza daquele olhar, um olhar de comandante dirigido a comandado.

- Vamos dar mais espaço pra que os rapazes possam trabalhar melhor. Acho bom vocês me seguirem – disse.

Logo os três policiais estavam reunidos com um chefe local e mais alguns policiais, colegas seus, que tinham vindo auxiliar a polícia daquela cidade. Saulo, apesar de ser o segundo no comando, era o que mais falava. Todos então compartilharam das informações sobre aquele crime. Há alguns dias crianças estavam sumindo. Algumas delas foram encontradas mortas naquelas redondezas – um imenso matagal e grandes extensões de cerrado – e seus corpos estavam terrivelmente mutilados e com outro traço em comum: ausência total, ou quase total de sangue. O povo ficou tomado de pavor e revolta. Falou-se de assassinos em série, seitas satânicas e vampiros. Como continuaram a desaparecer crianças – e mesmo um velho que se embrenhara no mato à procura do neto – as pessoas, cada vez mais, passaram a pressionar a polícia. Um dia, um grupo comandado por um suposto líder comunitário, encontrou uma cabana com alguns indivíduos suspeitos. A coisa fedeu. Houve violência de ambas as partes. O grupo teve que fugir pois enfrentara um bando armado com foices e machados. Voltaram para suas casas e contaram para quem quisesse ouvir – e se juntar eles – que tinham descoberto os assassinos, que eles ainda tinham duas crianças presas, e que iam voltar lá para salvá-las e acertar as contas. À noite, uma turma muito mais numerosa, foi até à cabana. Só encontraram três homens e, depois de saberem que os outros tinham ido e levado os dois meninos, resolveram fazer uma fogueira. Estavam decididos a ir em busca dos outros quando alguém do grupo decidiu que já tinha visto violência demais e chamou a polícia. Os principais articuladores do negócio foram presos, interrogados, mas, segundo o próprio chefe de polícia local: “Não devem ficar atrás das grades muito tempo”. Como responsabilizar três sujeitos por um crime reconhecidamente praticado por um grupo numeroso?

Mas agora a coisa ia ser diferente. A polícia local estava ali e contava com a ajuda de colegas de outra cidade. Nada mais de justiça com as próprias mãos e nem crianças desaparecendo. Antes de anoitecer, aqueles homens seriam presos. Para isso era só se embrenhar no mato em busca deles.

Após alguns acertos, foi decidido que grupos de três e quatro policiais iam vasculhar toda área num raio de três quilômetros até o rio que circundava boa parte da cidade. Não seria uma tarefa fácil, visto que a coisa toda tinha que ser feita a pé.

Pietro e André reclamaram da operação enquanto Saulo procurou mostrar toda sua boa vontade.

- Vamos lá, rapazes – disse para os outros.

Os três se dirigiram para o mato andando sem muita pressa.

- E que caminho *vamo* tomar, Saulo? – perguntou André.

- Eis uma boa pergunta – falou ele olhando para os lados. Grupos de policiais começavam a tomar posições. Um jipe com um delegado, um investigador e três policiais militares parou.

- Atenção, gente – chamou o delegado. - , qualquer grupo que encontrar esses sujeitos ou outra coisa

importante, deve avisar atirando para o alto. Não queiram bancar os heróis, esses maus elementos que aí estão, são perigosos e possuem armas. Cuidado e boa sorte a todos – concluiu o homem, manobrou o automóvel e foi embora.

- Não seria bom que ele e aqueles outros palhaços no carro ficassem para ajudar – falou André os acompanhando com o olhar.

- Eles vão fazer uma ronda em volta do lugar pra garantir que ninguém escapou do cerco – informou Saulo.

- O bom mesmo é essa comunicação na base do tiro pro alto. Será que alguém aqui já ouviu falar em comunicadores, telefone celular? – indagou Pietro.

Saulo riu.

- Não tem comunicadores pra todo mundo e os celulares não pegam nesta área.

- Que tal procurar uma boa sombra no meio desse mato e descansar até que essa merda toda acabe – sugeriu André.

- Boa ideia – disse Pietro. – Que acha, Saulo?

- Acho bom a gente apressar o passo e tratar de ajudar a prender esses caras.

Os três policiais tinham acabado de entrar no mato e já se viam cercados por uma infinidade de árvores e arbustos, também começavam a experimentar calor. Seguiram em linha reta, olhando para os lados em silêncio. O terreno por ali era extremamente acidentado, apesar de ser um enorme trecho de floresta. Não havia sinais de presença humana: trilhas, restos de fogueiras, árvores cortadas. Tudo parecia intocado e era difícil acreditar que um dia alguém viera ali, ainda mais um grupo inteiro. Algum tempo depois, os homens chegaram a um trecho quase sem árvores. As poucas que haviam eram particularmente altas. Pássaros cantavam sobre suas folhagens exuberantes e o som do farfalhar delas era ruidoso.

- Aqui pelo menos não tem calor – informou Pietro parando e olhando ao redor.

- Que tal uma pausa, Saulo – disse André. O outro não olhou, nem respondeu. Parecia preocupado, perdido em pensamentos. Pietro se sentou numa raiz de uma daquelas árvores e encostou a cabeça em seu tronco, André fez o mesmo. Saulo deu-lhes as costas e ficou observando a paisagem a sua frente.

- Coisa mais esquisita – disse depois de algum tempo. Seus companheiros olharam para onde ele estava olhando, e viram algo que imediatamente julgaram estranho.

- Realmente – disse André.

- Por que será que só aconteceu isso com ela? – perguntou Pietro.

A frente deles, cerca de doze ou quinze metros de distância, havia uma imensa árvore desfolhada e seca em meio a tantas outras frondosas e verdejantes.

Saulo foi até a árvore seguido dos outros.

- Ela está definitivamente morta – falou André olhando-a de alto a baixo.

- Mas por quê? – Pietro perguntou. – Tudo o mais aqui é tão verde.

Saulo deu a volta em redor da árvore.

- E que diabos vem a ser isso aqui? – indagou com espanto. Os outros foram até onde estava. Havia manchas escuras e vermelhas no outro lado do tronco.

- Sangue!?

- Realmente parece sangue. – André estava abaixado para ver aquilo mais de perto.

- Temos que trazer os peritos aqui – disse Saulo.

- Acha que pode ser sangue de gente, das crianças, Saulo? – quis saber Pietro.

O homem não respondeu, deu alguns passos, depois se voltou para os colegas.

- Não sei quanto a vocês, mas eu não tô gostando nada desse troço.

- Puxa, Saulo, você parecia tão empolgado quando chegamos à cabana – supôs André com firme intenção de parecer irônico.



- Besteira, rapaz. Eu só queria resolver logo esse negócio.

André achou fraco tal argumento, para ele, seu chefe não passava de um puxa-saco do delegado, um sujeito sempre disposto a agradar os maiores. Mas era melhor esquecer aquilo, não convinha mais falar.

- Vocês não acham que é melhor a gente dar o sinal? – falou Pietro.

- Que sinal?

- O tiro pro alto.

- Ah, já nem lembrava disso – confessou André. – Saulo, o que... – Não concluiu por ver seu amigo se distanciando deles. Trataram de alcançá-lo.

- Pra onde vai, Saulo? – quis saber André.

- O descanso acabou, vamos continuar – falou o comandante novamente assumindo seus ares de chefe supremo. André tencionava questioná-lo, mas acabou não o fazendo porque os três, ao mesmo tempo, viram alguém que vinha na direção deles.

- Pode parar onde está – ordenou Saulo. O sujeito parou, olhou assustado para os policiais e em seguida deu meia volta e correu. Os três saíram em sua perseguição, desviando dos troncos e saltando sobre os obstáculos, pareciam ter praticado aquele tipo de corrida muitas vezes. Saulo e André iam à frente revezando-se na dianteira enquanto Pietro vinha logo atrás já com sua pistola na mão. Por pouco tempo viram o sujeito. Ele logo desaparecera no meio do mato, e os homens não tiveram outra alternativa a não ser parar e tentar ver para onde se dirigira.

- Pra que... lado ele foi? – perguntou Pietro aos demais, ofegante.

- Não sei... você tem ideia, André? – disse Saulo.

- Não. Também perdi.

- Acho melhor dar o sinal – disse Pietro e em seguida apontou sua arma para o alto e disparou.

- Vamos confirmar e torcer para que esse tiro chame a atenção de alguém – falou Saulo e seguiu na frente. Os outros trataram de segui-lo.

Caminharam durante vinte minutos. Até mesmo Saulo, que geralmente pensava mais no trabalho do que em si, sentia vontade de reclamar daquilo. Os outros, apenas andavam conscientes de que não adiantava ir de encontro às ordens do chefe ou questioná-lo.

- Não sei o que vocês vão achar do que eu vou dizer, mas não tô tendo um bom pressentimento quanto a tudo isso – informou Pietro interrompendo o silêncio.

- É como eu já disse, também não tô gostando nada disso – falou Saulo.

- Não sei onde vocês querem chegar, ou o que estão pensando. Mas eu tô o tempo todo me perguntando o que diabos estamos fazendo aqui. Quero dizer, quem estamos perseguindo? Uns sujeitos que raptaram duas crianças? E se esses caras nem existirem? Já participei de muitas operações contra traficantes, sequestradores... o diabo, mas sempre seguindo uma linha concreta, algo para investigar de fato, alguém pra prender. Agora isso aqui é muito sem sentido – disse André com certa impaciência.

- Mas nós estamos perseguindo um grupo de sequestradores. Talvez até tenhamos visto um deles – esclareceu Saulo.

- E quem é que garante que existem sequestradores de verdade? E se aqueles sujeitos mortos lá na cabana são os únicos culpados, os assassinos das crianças, e essa história de grupo escondido no meio do mato não passar de uma invenção daquele pessoal?

- E quanto a esse cara que a gente perseguiu agora há pouco? – indagou Pietro demonstrando interesse na teoria do amigo.

- Qualquer pessoa que estivesse no meio do mato e se deparasse com três sujeitos mal-encarados, levaria um susto e trataria de dar no pé – justificou o outro.

- Façamos o seguinte: andamos mais um pouco, investigamos e se não encontrarmos nada, desistimos e a gente volta, não fala que vimos um sujeito correndo no meio do mato, mostra o caminho da árvore ensanguentada e pronto, fim de papo – sentenciou Saulo.

Todos concordaram em silêncio e trataram de continuar andando. André pensou que até mesmo um sujeito como Saulo sabia quando estava numa missão idiota.

Então os três policiais, sem que tivessem plena consciência disso, se viram envolvidos por uma aura de mistério e agouro. Primeiro eles experimentaram uma sensação semelhante a impaciência, um simples incomodo por estar num lugar em que não se deseja estar, depois tudo foi se transformando num pânico crescente. Havia também o calor e as peculiares privações do campo, e tudo foi piorando quando eles começaram a perceber que podiam estar perdidos. A luz começou a diminuir com o final de tarde, mas os policiais fizeram uso dela até o último instante e por isso encontraram o corpo de um dos meninos...

- Deus do céu, Pietro, nem mais um passo ou você vai pisar nele! – falou subitamente André. Saulo fez um movimento assustado e Pietro parou como se estivesse sido informado sobre uma serpente venenosa aos seus pés.

Eles se posicionaram em volta do corpo. O garoto, de aproximadamente seis ou sete anos, jazia de barriga para cima, afundado no mato. Seu rosto, de um branco quase diáfano, parecia esculpido em cera; suas mãos, com as palmas opostas, próximas uma da outra mostravam ao mesmo tempo os profundos ferimentos nos seus pulsos. Um legista experiente não precisaria de um exame mais detalhado para afirmar que a causa mortis ali tinha sido uma grave hemorragia.

- Certamente é um dos moleques.

- Cristo! Cortaram os pulsos dele tão fundo que quase lhe arrancaram as mãos – falou Pietro.

- Ninguém lhe ensinou que não se deve falar o nome de Deus em vão? – indagou André de uma maneira estranha, sem tirar os olhos do cadáver.

- Foi você quem falou em Deus agora há pouco – se defendeu o outro.

- Esqueçam a teologia – ordenou Saulo sem tirar os olhos do garoto morto. – Vamos decidir o que fazer.

- Que tal dar o sinal de novo e tratar de ir embora – opinou Pietro um tanto incomodado com aquilo tudo.

- Talvez você não tenha percebido, Pietro, mas a gente tá um bocado perdido – falou André.

- Merda!

- Calma, pessoal, *vamo* dar esse sinal e procurar o caminho de volta, tudo na calma – falou Saulo provavelmente tentando manter sua postura de comandante. Ia pegar sua arma quando dois disparos seguidos o assustaram. Olhou e viu seu companheiro apontando a pistola para o ar.

- Chega! – gritou. Pietro o olhou com indisfarçável irritação. – É o suficiente – disse num tom mais calmo.

- É pra garantir que aquele palhaços vão ouvir – se justificou o policial enquanto devolvia a arma à sua cintura.

- Pra que lado ir, André?

O homem olhou em volta e se sentiu desanimado ao ver que a escuridão se fazia presente.

- Qualquer um, a coisa tá parecendo feia mesmo – disse.

- E o moleque? A gente...

- Que quer que faça? Que o levemos conosco? – perguntou Saulo.

- Não era isso que eu queria dizer...

- *Vamo* andando, cara – chamou André tomando a frente.

Caminharam poucos minutos, mas o suficiente para confirmar que estavam perdidos.

- Vamos continuar em linha reta, em algum lugar a gente tem que chegar – falou André para que seus amigos não desanimassem.

Os policiais ouviam os sons característicos do mato à noite e caminhavam com cuidado. Não comentaram, mas todos experimentavam a sensação de que algo de ruim estava para acontecer. Pietro sacou novamente a arma decidido a procurar o caminho preparado para alguma eventualidade.

Uma hora se passou sem que eles percebessem. O que surgiu diante deles foi simplesmente uma cabana.

- Vamos pedir ajuda – falou Pietro. – Quem sabe alguém aí sabe o caminho de volta pra cidade.

- E se os sujeitos estiverem aí – supôs André.

- Vamos cercar esse troço e ver qual é – falou Saulo tomando a frente e sacando a arma. Ainda havia alguém no comando ali e eles ainda eram policiais. – Vou dar a volta por trás, Pietro você fica na lateral, André, bata na porta da frente.

Os homens se posicionaram munidos de suas armas. André respirou fundo, fazia isso toda vez que queria encontrar calma. Bateu na porta preparado para ouvir alguma resposta... Não ouviu nada. Repetiu a operação, dessa vez com mais força e em resposta a porta se abriu lentamente. Lá dentro, uma tênue luz de vela ou lamparina iluminava o ambiente.

- Atenção, aqui é a polícia, se houver alguém aí, saia agora ou nós vamos entrar – falou André não muito certo se devia dizer isso.

O policial fez uma pausa, ficou mesmo imóvel esperando uma resposta. Ouvia somente o som do vento e o farfalhar das imensas árvores ali próximas.

- Nada? – perguntou Pietro próximo ao amigo. André chegou a se assustar com a súbita presença do amigo.

- Você não devia ficar na lateral?

- Não havia nada lá – informou tomando a frente.

- Saulo – chamou André. O outro logo surgiu pela lateral.

- Alguém? – perguntou ofegante.

- Não.

- Nem tanto assim – falou Pietro de dentro da casa. Seus amigos foram até ele. Num canto, iluminado cerimoniosamente por quatro velas, estava o corpo do outro garoto que fora raptado. Tinha os mesmos sinais que o outro encontrado na floresta, pulsos cortados, sangue drenado.

- Deve ser a casa dos maníacos – falou Saulo olhando em volta.

- Mas não há ninguém..

- Que vamos fazer? – quis saber Pietro, havia aflição no tom de sua voz.

- Examinar o local, esperar o dia... – Saulo foi interrompido por um estranho barulho. Por um instante pareceu a todos que o som do vento tinha aumentado e se disposto a arrancar as árvores do chão. Em seguida o barulho diminuiu, aumentou, fez breves variações e tornou-se semelhante a um bando de aves voando desordenadamente e chocando-se contra algo. Os policiais, visivelmente assustados, olharam em volta tentando descobrir a fonte daquela perturbação que vinha em ondas.

- Que diabos é isso?!

- Parecem pássaros...

Um vento frio invadiu o recinto e a porta dos fundos se abriu subitamente produzindo um estrondo ao chocar-se contra a parede. Dois segundos depois, um rugido, como que vindo das profundezas da terra, foi ouvido. Os homens em pânico, ergueram suas armas e deram as costas uns para os outros numa atitude de defesa, algo semelhante a samurais preparando-se para a batalha. Um sujeito enorme, absolutamente assustador entrou pela porta dos fundos grunhido e com os braços erguidos em atitude ofensiva.

- Ei!!!!!!

Disparos foram efetuados e o gigante caiu aos pés de Pietro.

- Que diabos vem a ser isso? – gritou bastante confuso, apesar de ter agido com rapidez e frieza.

- Vamo sair daqui – gritou Saulo. Os três homens se dirigiam para a porta dos fundos quando foram interceptados por dois sujeitos. Saulo que estava à frente, tentou levantar sua arma, mas foi impedido. Acabou tendo que se atracar com um dos indivíduos. Houve uma grande confusão e os dois homens caíram no chão lutando pela posse da arma. André tentou argumentar, dar ordens aos dois desconhecidos,

convencê-los a parar em nome da lei, ou outro clichê que impusesse respeito, mas teve mesmo foi que lutar contra o outro. O sujeito tentou segurar seu pulso, mas não foi bastante rápido.

- Pára, ou eu atiro – disse André após recuar dois passos. Pelo canto do olho via Saulo tentando se livrar do sujeito com a ajuda de Pietro que gritava nervosamente.

- Você vai morrer! – disse o homem à frente de André e o atacou com a boca aberta. Antes de disparar, o policial viu caninos enormes. O projétil abriu caminho na testa do sujeito, este cambaleou e caiu em seguida. André pretendia ir em socorro dos companheiros, mas foi surpreendido por um novo ataque. Dessa vez, dois homens se lançaram sobre ele. Um deles conseguiu segurar o pulso do policial, o outro tratou de morder seu ombro. Saulo, com a ajuda de Pietro, pôde perceber claramente quando dentes inumanos penetravam sua pele. Naquele momento ele teve a certeza que estava diante de vampiros, não vampiros de cinema que podiam se tornar animais, imortais ou sedutores, mas criaturas com um único objetivo: beber sangue, sim sangue, de homens ou crianças. Tentou se mover, se livrar, mas não houve como opor resistência aquelas mãos que mais pareciam feitas de pedra. As dores se multiplicaram e ele gritou, certamente iria morrer ali. Seus amigos não estavam tendo melhor sorte, agora os vampiros atavam as mãos de Saulo.

Eles iriam ser mortos e aqueles demônios beberiam o sangue deles.

Decepção, André imaginara para si apenas duas possibilidades de morrer: doente, já velho em sua cama ou, na pior das hipóteses, numa troca de tiro com algum marginal. O sangue que perdia pareceu-lhe trazer calma, uma repentina resignação diante do fim. Suas forças o abandonavam juntamente com a dor. Tranquilidade diante de uma morte tão brutal quanto incomum.

Fim...

Não!

Vocês lá fora interrompiam seus pensamentos e o traziam de volta ao mundo de sensações dolorosas.

- Aqui, a gente tá aqui, esses filhos da puta amarraram a gente – alguém gritou para as vozes lá fora, provavelmente Saulo.

Houve ordens dirigidas aos que estavam dentro da cabana. Gritos, ameaças...

André sentiu a pressão sobre ele ser suprimida. Pôde olhar em volta. Os vampiros saíram todos de uma vez, três deles usando as armas, os outros com facas e as próprias presas. Uma tempestade de disparos de armas de fogo foi o que se seguiu. Mais gritos, ordens, silêncio... depois novos disparos que davam a entender a qualquer policial com o mínimo de experiência que execuções estavam acontecendo, silêncio novamente, comentários, passos apressados. Policiais entraram na cabana e trataram de livrar seus companheiros.

- Olha o que eles fizeram com o André – disse Pietro.

O outro abriu os olhos, movimentou-se, sentiu dores nos ombros e braços, sangrava muito.

- Ajuda a pegar ele.

Num instante, André viu-se de pé amparado por dois colegas experimentando dores mais intensas.

- Vamo lá, vamo lá...

- Por que vocês demoraram tanto? – Saulo perguntou ao mesmo tempo em que afagava o braço.

- A gente se perdeu.

- Não ouviram os disparos? – indagou Pietro.

- Não, mas encontramos o corpo do outro moleque – informou o policial.

Saulo e Pietro se olharam por um instante, depois trataram de deixar a cabana.

Lá fora não houve como não ficar impressionado com a cena: inúmeros corpos com ferimentos à bala se dispunham numa enorme confusão. André, amparado pelos amigos e outros colegas, não pôde deixar de reparar naquele massacre e se sentir ainda pior. Olhou para os ferimentos nos seus braços e pensou na séria possibilidade de se tornar um vampiro. Por mais absurdo que fosse, decidiu fazer um teste. Fixou os olhos como pôde no sangue que escorria do amontoado de corpos. Não, nada disso, não sentia atração

alguma, o sangue só lhe causava mais repulsa. Foi colocado sentado, junto ao tronco de uma árvore, perto dele, Saulo e Pietro conversando amenidades, além de outro policial ferido à bala, ao redor, grande número de homens tomando as providências devidas para resguardar o local.

- Este troço vai repercutir na imprensa por muito tempo, uma merda! – falou um delegado ali próximo.
- E certamente ainda vai aparecer quem diga que a gente agiu de maneira truculenta – respondeu outro.
- E os rapazes feridos? Como é que a gente vai fazer? – perguntou Saulo.

Um inspetor de polícia se aproximou, parecia muito excitado.

- Vamos organizar um grupo pra ir na frente e levar esses – disse. – São quatro, os feridos – contabilizou e olhou em volta procurando voluntários.

Vinte minutos depois, André, Saulo, Pietro e os outros feridos tomavam o caminho de volta, o dia amanhecia e todo o terror da noite parecia longe.

- Não acreditava em vampiros, Saulo – falou André. O outro o olhou com espanto. – Mas depois de hoje, não duvido de mais nada.

- Do que é que você tá falando, cara? – indagou Saulo com incredulidade. Pietro também ouvia atentamente. – Não vi vampiro, lobisomem, coisa alguma. – Sorriu.

- Vamos apertar o passo, ele tá delirando – cochichou Pietro com seriedade.

## FILOSOFIA DO MAL

*“Grande é o espírito do homem e mesquinhos os seus atos”*  
Goethe

Na cidade de Paraíso Alto não havia um serviço de traumatologia propriamente dito. Os casos graves de acidente eram simplesmente encaminhados para a cidade vizinha. O que se dispunha ali era apenas um posto preparado para prestar os primeiros socorros e enviar as vítimas com o mínimo de atendimento traumatológico possível. Foi lá, fazendo uma espécie de plantão – tinham passado a usar esse nome porque acreditavam que a cidade estava crescendo muito -, que Stan e um enfermeiro que o auxiliava, atenderam um homem com cortes nos pulsos. A noite estava tranquila e parecia que ia continuar assim até que duas pessoas trouxeram o sujeito maltrapilho e exaltado.

- Stan! – chamou o enfermeiro. O outro colocou a xícara de café sobre a mesa e tratou de se apressar.

O médico se deparou com as três pessoas tentando segurar um sujeito que se debatia e falava sem para. Aproximou-se.

- Que temos aqui? – perguntou, mas não precisou ouvir resposta alguma. O homem que estava a sua frente se esvaia em sangue ao mesmo tempo em que dava brados e ordens a personagens que não estavam ali. Certamente se tratava de um louco ou bêbado.

- Por aqui – indicou Stan. Os outros arrastaram o homem, que afinal não impunha tanta resistência. Colocaram-no sentado num banco de cimento.

- Calma, senhor, deixe-me ajudá-lo - falou o médico dando início ao seu trabalho. Voltou-se para o enfermeiro: - Vá pegar a maleta azul, Moreira. – O outro tratou de atender as ordens do médico.

- Filhos da puta do inferno, eles querem meu sangue...

- Trate de se acalmar, senhor – pediu Stan pacientemente, voltou-se para o homem e a mulher que auxiliavam. – Foi vocês que o encontraram?

Os dois se entreolharam por um instante.

- Fui eu quem o encontrou, Doutor – falou a mulher. – Estava no meio da rua sangrando e gritando sem parar.

- E eu só ajudei a trazer ele aqui – esclareceu o homem.

Enquanto falavam, Stan constatou que havia cortes nos pulsos do homem. Nesse intervalo, o enfermeiro chegou com uma maleta de plástico.

- ... desgraçados do inferno, podem adorar o demônio...

- O negócio não foi tão profundo – falou o médico, voltou-se para seu auxiliar. – Você pode dar um jeito.

- ... não tenho medo, não tenho medo, malditos!

- Ele vai ficar bom, não vai, doutor? – perguntou a mulher.

- Vai sim. Agora eu preciso...

- Tenho que ir, doutor – disse a mulher em tom de desculpa. O homem também se posicionou para tomar o caminho de volta.

- Espera aí, gente, preciso fazer umas perguntas – falou o médico.

- ... malditos, endiabrados, não tenho medo...

- Eu já disse que encontrei ele na rua – defendeu-se a mulher. O enfermeiro levantou os olhos de onde estava. Aquela senhora certamente temia alguma coisa.

- Mas...

Ela se aproximou do médico, chegou a olhar para os lados, depois falou:

- Quem fez isso com ele é gente muito perigosa e eu não gostaria de me meter, entende, doutor? – disse e foi saindo. O homem ainda permanecia ali, o olhando com seriedade.

- ... vou voltar lá, não tenho medo, eles podem estar com o diabo...

- O quê...

- Pode vir aqui, doutor?

Stan foi até ele, mas não sem antes dar uma olhada no trabalho de seu auxiliar.

- Se o senhor tiver que preencher algum relatório, coloque nele que isto foi um acidente...

- Acidente!?

- Ou algo que o valha. Quem fez isso com esse homem não é de brincadeira. Não vale a pena ir atrás disso não – informou, olhou para o médico com gravidade, fez um aceno de cabeça e tratou de ir embora.

Stan balançou a cabeça. O que quer que fosse aquilo era melhor deixar pra lá, pelo menos no momento. Foi até o seu auxiliar, o enfermeiro realizara um bom trabalho, finalizava a última sutura.

- Como é que tá? – perguntou.

- Tudo bem – respondeu o enfermeiro e a seguir olhou para o homem. Ele agora estava mais calmo, estranhamente mais calmo. Balançava a cabeça como se estivesse em transe e de quando em quando balbuciava alguma imprecação.

- ... desgraçados...

- Quem fez isso com você, amigo? – falou o médico dirigindo-se ao homem.

- De noite, a coisa acontece de noite – respondeu e depois passou a soprar como uma criança que tentasse apagar um vela de bolo de aniversário.

- Ele deve tá sob o efeito de alguma droga – propôs o enfermeiro.

- Hum hum, daquelas que vende engarrafada.

- Como?

- Isso é a velha e boa cachaça, não sentiu o bafo? – disse Stan e foi se afastando. Moreira, que até então estava agachado, se levantou. O homem agora cochilava com a boca aberta, a cabeça caída para trás.

- Argh! – fez o enfermeiro depois que sentiu o hálito dele.

O Dr. Stan riu de onde estava.

- Chame alguém e providencie um lugar pra ele – falou.

- Certo.

- Ah, mais uma coisinha...

- O quê?

- Na próxima emergência, mesmo na hora de grande agitação, me chame Dr. Stan, não apenas Stan – falou e sorriu.

O enfermeiro ficou observando o médico até ele entrar na sua sala, voltou-se para o homem de pulsos cortados.

Quando o Dr. Stan percebeu que o paciente estava de olhos abertos, se aproximou.

- Como se sente?

Ele pareceu pensar.

- Bem... eu acho – considerou depois de algum tempo. O enfermeiro Moreira também estava ali, e se aproximou.

- Sabe o que aconteceu? Como veio parar aqui e tudo?

- Ah – gemeu o homem e ergueu os punhos, neles havia dois enormes curativos em forma de pulseiras.

– Sim... Recordou tudo.

- Estava um tanto embriagado e com os pulsos cortados – falou Stan com gravidade.

- Isso mesmo...

- Não quer nos contar nada? – perguntou o médico após dar uma rápida olhada em seu auxiliar.

- Uma gente muito perversa fez isso comigo – disse o homem com indisfarçável pavor no olhar. –

Uma... um pessoal que pratica uma estranha religião.

- Gente religiosa fez isso com você? Puxa, eu estava pensando numa briga de bar ou coisa parecida.

- Gente religiosa sim, mas que pratica um culto demoníaco.

Stan olhou para o enfermeiro exibindo uma expressão de descrédito absoluto.

- Satanistas em Paraíso Alto – supôs Stan.

- O senhor está considerando tudo isso conversa de bêbado?

- Vai me desculpar mas...

- Realmente bebi muito ontem, e teria bebido mais se não tivesse sido arrastado e preparado para ser sacrificado à Lúcifer. Por sorte consegui fugir.

- Deve ser uma história incrível – falou o médico com desdém.

- E é verdade, eu juro. Estão praticando uma estranha religião aqui em Paraíso Alto.

- Ah, meu Deus – exclamou Stan se afastando. Não acreditava em nada daquilo, não podia acreditar, bobagem! Tudo conversa de doido, de bêbado...

- E onde exatamente aconteceu isso? – perguntou Moreira e tanto o homem dos pulsos cortados quanto Stan o olharam com espanto.

- Pros lados da antiga fazenda Freitas, perto onde eu moro, num lugar escondido no meio do mato. Todos sabem que isso ocorre lá, mas têm medo e procuram nem falar do assunto.

- Então você vai chamar a polícia? – perguntou Stan.

- Não.

- E por que não? – indagou o enfermeiro surpreso.

- É muito perigoso.

O médico voltou-se para seu auxiliar e sorriu como se acabasse de confirmar suas suspeitas.

- O senhor teme que eles façam o quê? - quis saber Moreira.

- Que me matem. Eles são muitos...

- Mas a polícia...

- Você não entende, eles são poderosos, estão na polícia, ocupam cargos importantes. Se eu disser alguma coisa, se isso for à toa, não viverei nem mais um dia.

- Aquelas pessoas que lhe trouxeram ontem, sabem disso?

- Não lembro de quem me trouxe.

- Agora pouco, você me disse que recordava de tudo – informou o médico.

- Só não lembro quem me trouxe até aqui. Sei que foram duas...

- Não quer nos contar a verdadeira história?

- Mas isso é a verdade, eu juro... Tenho como provar...

- Esqueça, rapaz, isso aqui é um posto médico, não uma delegacia.

- Stan, você não recorda daquele homem e daquela mulher falando sobre gente perigosa? Eles o trouxeram, estavam com medo, talvez possam confirmar a coisa toda – argumentou o enfermeiro. O médico o olhou com seriedade, ele parecia fascinado com aquilo tudo.

- Quem sabe?

- E se isso for verdade, temos o dever de...

- Moreira, somos profissionais de saúde, não da polícia.



- Mas, Stan...

- Esqueça, garoto. O doutor prefere me tachar como um bêbado louco. Não se preocupe, vou deixar a cidade logo que puder. – O homem procurou uma posição mais cômoda na cama. – Vamos fazer de conta que eu não disse nada – falou.

- Stan saiu. Aquela fantástica história pouco o interessava. Chegava a duvidar da sanidade daquele homem e, ainda que houvesse de fato algum crédito naquilo tudo, o que isso lhe acrescentaria?

Voltou ao seu pequeno consultório, puxou uma cadeira e se sentou. Logo poderia ir pra casa e dormir um pouco. Até que tivera uma noite movimentada, para uma cidade pequena, claro. Nada podia se comparar à loucura dos plantões dos centros de traumatologia de Fortaleza. Estava ali exatamente para viver tranquilamente e era isso que estava fazendo. Pôs as mãos atrás da nuca e procurou relaxar.

Antes de ir para casa, Stan encontrou o enfermeiro. Ele parecia muito excitado com a conversa que tivera com o homem dos pulsos cortados.

- Incrível, Stan, incrível o que aquele homem me contou.

- Acredita realmente no que ele diz?

- Sim – respondeu o enfermeiro. – Sóbrio, ele não é nada confuso e só fala coisas com nexos.

O médico encarou o outro com desconfiança.

- Não me olhe assim, cara, não sou idiota pra sair acreditando em tudo que me dizem.

Stan sorriu.

- Certo, certo. Depois você me conta os detalhes da coisa toda.

- Você vai ver que a coisa é séria, faz todo o sentido do mundo.

- Tudo bem – falou o médico e voltou sua atenção para o que estava fazendo. – Do jeito que as coisas estão, não se pode mesmo duvidar de tudo – disse enquanto organizava sua escrivaninha.

- E um mundo doido como esse, coisas desse tipo acontecem toda hora!

Stan sorriu imaginando a possibilidade de existir uma seita satânica, ou que quer que fosse, naquele fim de mundo.

- Amanhã conversamos – disse, pegou as chaves do carro e saiu.

- Stan – chamou o outro.

- Sim.

- O homem já pode ter alta?

- Acho que sim... Provavelmente – falou o médico e seguiu seu caminho.

Quando o Dr. Stan chegou em casa, a primeira coisa que fez foi ligar seu aparelho de som. Selecionou o CD de música clássica. Logo o ambiente se encheu de melodia. Ao som de “Jesus, a alegria dos homens”, o médico se deitou no sofá e começou a descansar. Depois de cinco minutos, estava cochilando. Despertou subitamente. Agora se podia ouvir “Ária da corda sol”, composição de Bach. Sentou-se no estofado. Tinha que acabar com aquela mania de se deitar ali, isto estava acabando com suas costas. Pegou o controle do som e o desligou. Foi até o banheiro se despindo. Embaixo do chuveiro, mais uma vez, ficou pensando no paraíso que era ser solteiro e morar sozinho. Apesar de tudo, ganhava razoavelmente naquele posto, pousava de cidadão importante naquela cidadezinha e vivia bem. Jovem, médico respeitado, sofisticado, fazia sucesso entre as filhas dos ricos fazendeiros do lugar. Sua última namorada havia lhe garantido uma bela chácara se casassem. Nada disso, não trocava sua liberdade por nenhum pedaço de terra, por melhor que este fosse. E pensar que torcera o nariz quando fora para aquele lugar. Chegara a imaginar o desespero tomando conta dele em apenas um mês, seguido de uma vontade louca de voltar pra cidade grande.

Foi nesse clima de extrema satisfação com sua vida que o Dr. Stan passou o dia. Almoçou diante da TV e a noite, em vez de jantar em casa, comeu numa das lanchonetes que se dispunham ao redor da praça.

Sorriu para algumas moças e depois foi para casa dirigindo com extremo prazer. Dormiu consciente de que seu dia de folga estava chegando ao fim e teria que estar no posto às seis da manhã do dia seguinte. Teria também que dar plantões nas próximas noites, mas tudo bem.

Acordou e imediatamente constatou que estava atrasado. Em meio a pressa lhe veio à mente o sonho que tivera naquela noite: estava em Fortaleza, trabalhando numa daquelas emergências caóticas.

- Deus me livre – disse e saiu de casa.

Ao chegar no trabalho, Stan se deparou com pessoas exibindo expressões tristes, pareciam estar esperando por ele. Más notícias, não podia ser outra coisa.

- Dr. Stan, algo horrível aconteceu – informou uma das atendentes do lugar.

- O quê?

- O Moreira... – a mulher teve um acesso de choro.

- Querem parar com o suspense! – pediu o médico com impaciência. Agora algo lhe dizia que o dia não seria dos melhores.

- O Moreira foi assassinado – disse o vigia do posto médico.

- Que história...

- Ele foi encontrado com a garganta cortada dentro do carro dele – continuou o homem com frieza. – Já o levaram para o IML, o sepultamento vai ser provavelmente daqui há dois dias.

O médico respirou fundo, depois soltou o ar subitamente. Não acredito, foi o que pensou em dizer, mas logo se convenceu de que aquilo era ridículo, algo que só uma pessoa displicente diria. Era óbvio que ninguém ali brincaria com um negócio daqueles.

- Ah, meu Deus... – respirou fundo. – E como foi isso? Alguma briga, discussão?

- Nada, ele só foi encontrado no carro dele assim pela manhã, por uns garotos.

- Morto dentro do próprio carro? Nada mais? Ninguém ouviu, soube de nada?

O vigia deu de ombros.

- E a polícia? Sabe de alguma coisa? Tem alguma ideia?

- Nada – disse o homem e se voltou para as mulheres que estavam ali. Algumas delas choravam.

- Deus do céu! – lamentou Stan colocando a mão na testa.

- É um mundo louco! – falou o vigia e saiu.

O médico ergueu os olhos para o teto. Embora soubesse que era ridículo dizer que não acreditava naquilo, era a única coisa que se passava na sua mente.

- Estarei na minha sala – avisou o médico e saiu.

Stan quando era jovem acreditava, como a maioria das pessoas, que os médicos em geral não têm problema em enfrentar a morte. Certamente o jovem médico aprendera a lidar com este fato tão comum e corriqueiro nos serviços de traumatologia de uma cidade grande, mas daí a enfrentar a morte de um amigo em circunstâncias tão devastadora, assassinado numa cidade que devia ser tranquila. Impensável! O Moreira morto! Não era das pessoas mais emotivas do mundo, mas sentia mesmo vontade de chorar.

Nos dois dias seguintes, Stan e os outros funcionários do posto, trabalharam em meio a um clima carregado, um nítido pesar pairava sobre todos, o luto pela perda do colega se manifestava em tudo.

Após o enterro, que fora bastante concorrido, o médico ouviu do chefe de polícia local, solenes promessas sobre a elucidação daquele crime brutal. Stan foi para casa e teve desconfortáveis pesadelos à noite.

- Oi, doutor, posso entrar? – perguntou o guarda do posto médico. Estava parado sob a soleira da

porta da sala do Doutor Stan.

- Claro, Silas.

O homem se aproximou com certa cerimônia.

- Soube da última, doutor?

- Não – respondeu o outro sem tirar os olhos dos papéis sobre sua mesa.

- É claro que o senhor não tinha como saber, aliás eu sou um dos poucos que sabe disso – ponderou o homem. Stan o olhou e achou aquilo tudo esquisito.

- Que foi que houve, Silas? Não tô entendendo nada.

- É simples, Dr. Stan, nunca vão encontrar os assassinos do Moreira.

- Por que diz isso?

- A polícia parou de investigar.

- Mas como... Como sabe disso?

- Estava acompanhando as investigações de longe e descobri que tudo foi suspenso, não há qualquer interesse em esclarecer o negócio.

- Mas por que isso? – tornou a perguntar Stan, havia indignação na sua voz.

- Isso ainda não sei, mas uma coisa descobri...

- Quê?

- O homem que vocês atenderam, certa noite, o que estava com os pulsos cortados, muito embriagado, está envolvido.

- Como?

- O Moreira saiu com ele quando recebeu alta. Foram investigar uma tal religião que, segundo aquele maluco, corta os pulsos das pessoas...

- Sei, sei. Agora me lembro. – Ficou de pé. – Ele falou sobre uma espécie de culto, o Moreira ficou muito interessado na história.

- Deve ter ido tentar ver a coisa de perto – falou o guarda.

- E não viu coisa alguma além da morte – disse Stan indignado.

- Certamente.

- Com que hipótese trabalha a polícia, você saberia dizer?

- Latrocínio, uma discussão banal...

- Não mencionaram o sujeito dos pulsos cortados?

- Que eu saiba, não?

- Vou falar com o Delegado – disse o médico dando a nítida impressão de que estava falando comigo mesmo.

- Só lhe peço uma coisa, Dr. Stan...

- O quê?

- Não fale que eu lhe disse estas coisas. Eu poderia me prejudicar, prejudicar um primo meu que é escrivão de polícia, o que me informou sobre tudo.

- Pode deixar, sei que temos um interesse em comum.

- Claro.

- Vou encontrar o delegado como um sujeito interessado em esclarecer sobre a morte de um amigo.

- Tudo bem. Depois conversamos.

- Obrigado, Silas – agradeceu Stan no mesmo instante em que estendia a mão para o outro.

Depois que o vigia saiu, Stan começou a fazer planos para a visita que ia fazer ao Delegado. Teria que ser num momento em que os dois dispusessem de tempo. Faria umas boas perguntas ao homem, mas tinha de fazê-lo com jeito... Besteira, não estava num filme *Noir*. Só queria informações sobre as investigações acerca do assassinato de um amigo, o Delegado não o prenderia ou a tacharia de louco por causa disso.

Moreira estava morto, que situação e que falta lhe fazia o amigo.

Visitaria o Delegado e descobriria que história era aquela de suspender as investigações. Tinha que fazer aquilo pelo Moreira.

Numa bela manhã de sol, um carro novo parou em frente a pequena delegacia de polícia da cidade de Paraíso Alto. Um jovem vestido de branco saiu dele e o rapaz que tomava conta dos automóveis por ali correu em sua direção para perguntar-lhe se desejava ter o carro lavado. O Dr. Stan tirou os óculos escuros, olhou para o automóvel e para o rapaz. Teve vontade de dizer que não era necessário, mas acabou cedendo aos apelos do rapaz que, obviamente, ansiava por uma boa gorjeta.

- Vá lá, faça um bom trabalho! – disse e se afastou.

Na portaria havia um homem lendo uma revista. Este ergueu o olhar quando o médico se aproximou.

- Pois não.

- Bom dia. Eu gostaria de falar com o Delegado Carlos – falou Stan.

- O senhor marcou com ele ou...

- Marquei com ele sim, somos amigos e...

- Primeira porta à direita – informou o homem. Stan agradeceu e tomo o caminho indicado.

Não havia como se confundir, logo estava ao lado de uma sala com uma porta na qual estava escrito: “Gabinete do delegado, favor bater e esperar”. À sua frente havia um largo corredor, acima do final deste estava pintado na parede: “Xadrezes”. Antes que pudesse bater na porta do gabinete, a mesma se abriu. Um homem exibindo um austero bigode segurava a maçaneta.

- Ah, doutor, esperava pelo senhor. Estava pensando que não vinha. Entre e sente. Vou aqui e já volto.

- Acordei tarde, por isso me atrasei, ontem foi um dia duro no trabalho.

- Tudo bem, não demoro... Fique à vontade.

Se sentindo um pouco incomodado, Stan fez o que o delegado lhe ordenou.

- Vou fechar esta porta só porque não gosto de ver ela escancarada – disse o homem e sumiu.

Stan se acomodou da melhor maneira que pôde numa cadeira de frende à escrivaninha do Delegado. Devia ser essa a mesma sensação que seus pacientes experimentavam ao entrarem em seu consultório. Deu uma olhada ao redor: móveis antigos, dignos de uma sala de um delegado daquela cidade, coisas simples, apesar do homem ser um importante chefe local. Um armário de metal, uma enorme e antiga máquina de escrever, um velho computador e uma impressora, três cadeiras, uma escrivaninha com um telefone e incontáveis papéis, um ventilador no chão e uma espécie de divã que devia servir para o descanso do delegado nas noites de plantão pouco movimentados. Nada mais. Paredes limpas, sem um único calendário. Simplicidade. Estava na sala de uma autoridade, mas uma autoridade de uma pequena cidade onde a força da economia ainda se concentrava na agricultura. Simples! E ele estava ali simplesmente porque seu colega fora assassinado... Não! Isso não era simples. Talvez estivesse fazendo a maior loucura vindo até ali. O que ia dizer, qual o motivo daquela visita? Saber sobre as investigações a cerca do assassinato do Moreira, nada mais! Maluquice a sua! Ia era se prejudicar. Não, não era para tanto, pois... Um barulho na porta chamou sua atenção. Virou-se. O Delegado acabava de entrar.

- Desculpe a demora, doutor, sabe como é...

- Eu é que tenho que pedir desculpas por vir tomar o seu tempo, Delegado.

- Ora, que é isso? Nós, policiais temos o dever de atender nossos cidadãos – disse o homem dando a volta na escrivaninha e indo sentar na sua cadeira.

Stan sorriu agradecido.

- Mas deixando de lado todos esses detalhes, no que posso ser útil ao senhor?

O médico intensificou ainda mais o seu sorriso:

- Gostaria de saber como andam as investigações sobre o assassinato do enfermeiro.

- Ah, sim – disse o Delegado e se inclinou para a frente. Olhou para os papéis sobre a escrivadinha e pareceu pensar. – As investigações vão bem, estamos seguindo algumas pistas... Não posso entrar em detalhes, mas... posso lhe garantir que a coisa vai chegar a algum lugar.

Stan encarou o ouro e procurou falar com toda simpatia possível:

- Que bom. Confesso ao senhor que temia que o caso estivesse complicado, sem muita direção... Sei lá...

- Pois é, mas estamos indo bem, se é o que quer saber. Talvez descubramos alguma coisa logo.

- Fico feliz em saber disso e... aliviado...

- Não se preocupe, seu amigo não será esquecido – garantiu o Delegado e procurou apoiar melhor as costas na cadeira.

- O senhor poderia me dizer em que hipótese trabalha a polícia?

- Lamento, doutor, mas se assim proceder, estarei quebrando as regras de investigação.

- Entendo, entendo – concordou o médico tendo certeza de que o Delegado estava explicitando sua má vontade. – O senhor poderia ao menos me dizer se estão sabendo quem foi a última pessoa que viu o Moreira com vida?

O Delegado pareceu pensar.

- Tudo bem – disse, meteu a mão sob uma pilha de papéis, pegou um deles e voltou-se para o outro: - Fernando Alves Oliveira, mais conhecido como Fera... O homem ferido nos pulsos que o senhor atendeu no hospital juntamente com a vítima.

- Isso, as pessoas onde trabalho me disseram que o Moreira saiu com ele, foi o último a ser visto com o Moreira antes de sua morte.

- Viu como estamos trabalhando.

- E esse Fernando não é suspeito?

- Definitivamente não. Já ficou provado que ele apenas pegou uma carona com o Moreira, já nem está mais na cidade.

- Mas como deixaram ele ir...

- Não é suspeito de nada, já averiguamos – informou o Delegado com certa impaciência.

- Olha, Delegado, não quero pôr em dúvida sua maneira de trabalhar, mas o senhor está realmente a par do que aquele homem disse?

- O que ele disse?

- Falou que quem tinha cortado os pulsos dele tinha sido uma seita satânica. Meu enfermeiro ficou muito interessado na história, tanto que resolveu averiguar a coisa.

- Seita satânica?

- Ou algo assim. Segundo aquele homem, ele ia ser sacrificado.

- Não se preocupe, doutor, nada disso é verdade. Aquele sujeito é conhecido como um bêbado paranoico, tudo o que diz só existe na cabeça dele.

- Mas não é a história dele que me preocupa, e sim sua maluquice – confessou Stan esperando contar com a compreensão do Delegado.

- Sei, sei, mas pode ficar despreocupado. Ele é conhecido por todos como um sujeito cheio de histórias fantasiosas, mas absolutamente inofensivo.

Stan ficou se perguntando como o Delegado podia saber tantos detalhes de um sujeitinho que considerava sem importância.

- Se o senhor diz...

- Claro, claro. Já descartamos algumas possibilidades, o Fera está incluído numa delas. Acredite, se aquele homem tivesse a menor possibilidade de matar seu amigo, no mínimo estaria preso por medida de segurança, mas é como eu disse, não passa de um pobre coitado.

Depois que o Delegado falou, Stan começou a se sentir ainda mais desconfortável naquela sala.

- Acho que já tomei demasiadamente o seu tempo – disse e ficou de pé. – Obrigado pelas informações, vou indo. – O doutor estendeu a mão. Os homens trocaram um vigoroso cumprimento.

- Disponha – falou o Delegado Carlos também se levantando. – Eu o acompanho.

Os dois saíram da sala. O Delegado garantiu mais uma vez que o caso seria esclarecido. O Dr. Stan agradeceu novamente e foi saindo.

Foi nesse momento que algo aconteceu. Algo que mudou a maneira como Stan via aquilo tudo. Sem isso, provavelmente o médico teria seguido seu caminho resignado com o que chefe de polícia tinha contado e propenso a considerar o guarda do posto de saúde onde trabalhava, um homem exagerado.

Na rua Stan, pôs os óculos escuros, pegou a chave do carro, olhou em volta. Nada do moleque que lavava e olhava os carros. Pensou em ir embora, mas logo desistiu da ideia. O rapaz tinha feito um ótimo serviço no seu automóvel, não seria justo ir embora sem pagar. Voltou para a Delegacia. Pretendia obter informações sobre o rapaz, se necessário entregaria o dinheiro ao homem da recepção, só não queria sair dali em deixar a gratificação do jovem flanelinha. Aproximou-se. Ouviu a voz do Delegado, aproveitaria para agradecer mais uma vez.

- ... que esse doutor metido vier aqui, diga que não estou. Mesmo que ele alegue que marcou comigo...

- Ele tá sabendo de alguma coisa?

Stan parou. Era óbvio que estavam falando dele. Por que aquilo? O Delegado certamente tinha algo a esconder.

- Não sei dizer, mas fez perguntas a respeito do Fera.

- Que merda!

- Mas talvez não seja para tanto, ele me parece não acreditar nas coisas. Está preocupado somente com a morte do enfermeiro.

- Acontece que...

Stan recuou. Voltou cuidadosamente até o automóvel. Algo estava errado, havia alguma coisa estranha acontecendo. Pegou as chaves do carro, abriu-o, sentou-se no banco do motorista, alguém vinha correndo em sua direção.

- Tudo bem, senhor?

- Ah, sim, sim – concordou o médico, pegou alguns trocados no bolso. Graças à Deus era só o flanelinha.

Deu a partida no carro e sentiu-se melhor ao se afastar dali. “Ele tá sabendo de alguma coisa?” O sujeito da recepção tinha perguntado ao Delegado. Que isso queria dizer? A que estava se referindo? A interrupção das investigações, como bem apontara o amigo de Silas? Ou será que a pergunta se referia a alguma pista que só a polícia devia saber? “Doutor metido!” Sua visita tinha incomodado. Na certa porque o Delegado era um homem muito discreto e não gostava de ninguém metendo o nariz no que fazia... Não, isso não. Havia era algo de podre naquilo tudo! Tudo bem, mas o que seria? Simples: o tal do Fera tinha matado o Moreira, o homem é parente ou amigo do Delegado e ele está tentando protegê-lo. Razoável! Então que tal o seguinte: o Moreira e o Fera mexeram com alguma coisa grande e os dois foram mortos, o Moreira foi encontrado porque tem amigos e certa importância – não seria bom que ficassem procurando por ele – o outro, levava sumiço mesmo, era um beerrão sem valor algum.. “Ora, pare com isso, Stan! Tá ficando louco, cara?!”, disse para si mesmo no momento em que estacionava o carro em frente à sua casa. Desceu do automóvel, destrancou os portões, olhou para trás, talvez devesse colocar o carro na garagem. Não. Logo ia sair novamente. Um minuto depois estava deitado no sofá, observando o teto, sem dar qualquer atenção à música que enchia o ambiente. Pensava no amigo, no seu assassinato e no Delegado. Ocorreu-lhe que talvez tivesse culpa. Se tivesse acompanhado o Moreira naquele dia, levado a sério, não a conversa daquele maluco, mas o interesse do amigo naquela história, talvez aquilo não teria acontecido. Talvez, talvez, palavrinha irritante...

Sentou-se impaciente.

Algo de estranho...

Levantou-se decidido. Alguém tinha matado seu amigo, a polícia estava com histórias esquisitas. Ele tinha o dever de descobrir a verdade.

Já dirigindo o seu carro, Stan voltou a fazer suposições. Alguém tinha matado o Moreira e o tal do Fera, por quê? Eles deviam ter mexido com alguém. Quem? Um poderoso fazendeiro! Mas o que um enfermeiro pacato e um sujeito meio maluco podiam fazer para desagradar um poderoso fazendeiro? Provavelmente nada. E o culto satânico? Deviam (os participantes do culto) ter capturado o Fera para continuar o sacrifício interrompido e eliminado o Moreira como queima de arquivo. Possível, mas delirante. E se o Fera estava metido numa confusão – o que explicaria os ferimentos – levou o Moreira como uma espécie de guarda-costas, se deu mal e arrastou consigo o outro que estava ali somente por curiosidade? Faz sentido. Isso! Se dependesse de sua inteligência, ia desvendar tudo.

Parou num cruzamento e olhou para os lados. Tinha atravessado toda a cidade e ainda não tinha encontrado o caminho que conduzia à fazenda Freitas. Conhecia-o, pessoalmente estivera na famosa propriedade, mas não lembrava a direção.

- Oi, amigo, poderia me indicar o caminho da fazenda Freitas? – perguntou a um transeunte.

- O senhor dobra aqui, segue, toma a segunda rua à esquerda e vai direto, não tem como errar.

- Obrigado – disse o médico e se apressou em seguir o caminho indicado. O homem tinha razão, pouco tempo depois estava diante da antiga fazenda Freitas, propriedade que outrora se destacava como produtora de leite e queijo.

Stan estacionou o carro, saiu, olhou para os lados e foi em direção a um bar.

Os homens que estavam jogando sinuca, pararam ao ver o médico. No mesmo instante Stan se sentiu fulminado por olhares hostis. Impressão sua? Podia ser que não. Sentou-se num dos bancos de frente ao balcão. Olhou para uma espécie de cardápio fixado na parede. Havia os preços de caldos, tira-gostos e bebidas. Certamente não era prudente comer nada num lugar que exalava um cheiro permanente de carne defumada e com um balcão tão enebado. Um senhor de bigode se aproximou dele, não tinha uma expressão muito receptiva.

- Um refrigerante, por favor – pediu o médico antes que o homem falasse.

- Qual? – perguntou o outro com ares de pouca paciência.

- Coca-Cola.

- Não tem.

- Qualquer um de laranja.

- Qualquer um mesmo? – perguntou o dono do estabelecimento começando a esfregar o balcão com uma flanela encardida. Stan o olhou e viu manchas de gordura no avental sobre sua barriga protuberante.

- Sim – disse Stan. Enquanto o homem se afastou, ele olhou para os lados. Num canto havia uma mesa cheia de garrafas de cerveja e rodeada de homens que não tiravam os olhos dele. “Que lugar é esse?”, se perguntou o médico ao mesmo tempo em que considerava aquilo semelhante a um filme que tinha visto.

O refrigerante foi posto à sua frente e aberto.

- Obrigado – disse Stan, tomou um gole e voltou a olhar para o dono do bar. Certamente era a primeira vez que ele ouvia um agradecimento na vida. Tomou outro gole e certificou-se de que os sujeitos no canto ainda o observavam. Olhou para o outro lado, alguns homens discutiam sobre o jogo de sinuca. Balançou a cabeça negativamente e tomou outro gole de refrigerante. Não havia com quem puxar conversa, exceto o gordo de bigodes vistosos dono do bar, mas ele parecia muito mal-humorado. Esvaziou a garrafa de uma vez. Alguém sentou ao seu lado.

- O senhor é médico, não?

Stan olhou para o sujeito magro e malvestido com ares de bêbado que acabara de se acomodar num dos bancos do balcão. Este sorria parecendo se divertir com a pergunta que fizera.

- Sou – respondeu Stan e olhou para seus trajes. Mesmo estando de folga, vestia-se como médico.

- Onde o senhor trabalha, doutor? – tornou a perguntar o sujeito sem parar de sorrir.

- Num posto não muito longe daqui – respondeu o médico com alguma simpatia. Não seria nada prudente enxotar o bêbado no meio daqueles homens hostis.

- Que está fazendo por aqui, algum serviço extra? – perguntou e depois sorriu

- Deixa de incomodar o homem, Martins – ordenou o dono do bar.

- Tudo bem – disse Stan. – Me traga uma cerveja *long neck*, por favor – disse e voltou a atenção para o bêbado. – Não, não, só parei pra tomar uma bebida e pedir informações.

- O que o senhor quer saber? Conheço tudo por aqui – se dispôs o outro.

O dono do bar trouxe a cerveja.

- Soube de um crime por estas bandas?

Nesse momento o sujeito desfez o sorriso. Alguém se sentou atrás de Stan.

- Crime, doutor? Tá falando do quê?

- Um enfermeiro...

- O enfermeiro assassinado – falou o dono do estabelecimento.

- Isso – concordou o médico se voltando para ele.

- Morreu nessa rua, mataram ele dentro do carro, tarde da noite, coisa assim.. Vai querer sopa? – falou o dono do bar e se afastou ao perceber o aceno de cabeça do cliente.

O sujeito bêbado voltou a sorrir. O dono do bar se aproximou com uma travessa com sopa e pão

- Coisa horrível, doutor, ninguém sabe quem foi, maldade pura, o senhor conhecia ele?

- Trabalhava comigo.

- Um fato lamentável – falou o recém chegado sem tirar os olhos da sopa que lhe era servida.

- Realmente – concordou Stan. – E eu gostaria muito de ver os culpados por isso pagarem – disse e tomou um longo gole de cerveja.

- Certamente – ponderou o homem e encarou o médico. – Não vai se importar, Martins? – dirigiu-se ao bêbado e pegou seu prato de sopa e pão.

- Claro que não, Seu Júlio – se dispôs o outro ficando de pé e lhe oferecendo o banco. O homem se acomodou.

- Seu João, uma dose aqui pro Martins – pediu. O bêbado recebeu a bebida e foi para o fundo do bar.

- Meu nome é Júlio – o homem se apresentou.

- Stan – disse o outro e estendeu a mão.

- O senhor é médico, não? – disse Júlio depois experimentou sua sopa.

- Sim..

- Era amigo do enfermeiro assassinado?

- Hum hum.

- Lamento pelo seu amigo. Aquilo foi horrível.

- Tem ideia de quem fez aquilo?

- Sim e não.

- Como assim?

Júlio encarou o médico. Havia um misto de simpatia e seriedade na expressão de seu rosto.

- Sei que não foi gente daqui. Todo mundo é pacífico por estas bandas, não há latrocínios, roubos, tráfico de drogas, essas coisas... Isso deve ter sido obra de algum maluco que anda vagando por estas serras.

- Compreendo – falou Stan e tomou um grande gole de cerveja.

- A polícia deve descobrir alguma coisa em breve – opinou Júlio voltando a se concentrar na sopa.

- Aí é que está. Fui à delegacia, lá só me deparei com má vontade.

- Entendo.

- Ainda tem uma coisa esquisita, algo que não sai da minha cabeça.



- Que seria? – perguntou o homem colocando de lado a colher e servindo-se de um guardanapo.

- Um sujeito, um tal de Fera que foi visto com meu amigo pouco antes dele ser assassinado.

- O Fera, conheço. Acha que ele matou seu amigo?

- A polícia diz que não, eu não sei – disse Stan, tomou mais um gole e afastou a garrafa. Fez sinal para o dono do estabelecimento.

- Pode concordar com a polícia, aquele beerrão é incapaz de ofender uma mosca.

Stan pareceu pensar. Ficou de pé após pagar o que devia.

- As coisas estão bem esquisitas, acho que quero ver tudo com meus próprios olhos – disse.

- Vai fazer o quê? – quis saber Júlio enquanto procurava cigarros no bolso. – Quero dizer, sair por aí perguntando quem matou seu amigo?

- Acho que não tem nada demais se eu tentar bancar o Sherlock – falou Stan e sorriu enquanto encarava o homem ao seu lado. Apesar do que esperava, este não sorriu de volta.

- Se fosse o senhor, deixava a polícia trabalhar e esperava para ver os resultados.

Era impressão sua ou aquele homem estava sendo hostil agora? Claro que devia estar!

- Obrigado pela atenção – falou o médico e saiu. O outro ficou observando-o e só tirou os olhos dele quando finalmente encontrou um cigarro no bolso. Estava amassado, mas servia.

Stan foi direto para o carro. Andava a passos largos e foi exatamente nesse momento que uma verdade estranho o alcançou. Não uma súbita conclusão ou uma ideia genial, mas um sujeito desganhado e com ares de embriaguez.

- Doutor, doutor... – chamou ele. Parou e olhou com insistência para o bar. Stan pensou no seu alcoolismo e lembrou do que dissera uma assistente social amiga sua: “Em Paraíso Alto, os homens bebem muito por dois motivos, o primeiro causado pelo desemprego e o segundo pela desculpa de ser aquele um lugar frio”. Sabia-se que o índice de desemprego havia caído, não estava fazendo tanto frio assim naquela época, então qual o motivo de haver tantos bebedores no bar em pleno dia... e quais eram as razões em particular daquele sujeito?

- Sei quem matou seu amigo...

Stan interrompeu suas cogitações e olhou com atenção para o bêbado.

- Aliás, todo mundo por aqui sabe...

- E quem foi? O Fera?

- Não, não. O Fera é vítima também, vítima do culto, os que dizem que são anjos e fazem missa para o diabo...

- E isso existe mesmo?

- O quê? O culto? O senhor já sabia?

- Tinha ouvido falar, mas pensei que...

- Tudo verdade. É horrível, eles matam até criancinhas – disse o homem e ele parecia nervoso, tanto que o médico começou a dar crédito àquela história.

Verdade? Ou outra invenção de bêbado?

Estavam realmente praticando algum tipo de culto naquela cidade?

Foi com esta indagação que o médico chegou em casa naquele dia, e foi com isto na cabeça que fez seus afazeres, dormiu, acordou e foi trabalhar no dia seguinte. Ao chegar no posto, teve conhecimento de um fato que lhe traria outras ideias: a transferência súbita e aparentemente sem explicação do guarda. Silas tinha sido deslocado para uma escola um tanto quanto distante dali. Algo estranho, pois o município costumava colocar seus trabalhadores para exercer suas funções o mais próximo possível de suas residências com o objetivo de economizar no transporte dos mesmos. Talvez houvesse um grupo de poderosos ligados ao tal culto e disposto a esconder as coisas, pensou Stan e logo tratou de tirar aquilo

da cabeça. Não saberia que novos fatos o levariam a pensar nisso novamente.

- Muito obrigado – disse o médico pouco antes da mulher sair de sua sala. Olhou para o pedaço de papel em suas mãos, nele havia escrito um número de telefone, o número da escola onde estava agora trabalhando Silas. Pretendia telefonar para o guarda, perguntar se havia alguma novidade, contar-lhe o que tinha descoberto. Depois do almoço, na hora em que poderia ter paz no telefone. Fechou os olhos, sentiu-se cansado, ainda tinha pacientes para ver.

Mãos a obra.

- Alô...

- Gostaria de falar com o Silas, por favor.

- Quem? – indagou a voz feminina.

- O Silas, ele é o novo guarda, vigia daí...

- Espera um instante – pediu a voz do outro lado da linha e começou a falar com alguém que provavelmente estava ao seu lado. Stan suspirou impaciente. Gente mais incompetente que não sabia dar um recado!

- Alô? – disse outra voz de mulher.

- Oi – respondeu o médico rispidamente.

- O senhor deseja falar com o novo guarda?

- Se for possível.

- Espere um minuto – disse a voz. Se esta pessoa soubesse o quanto já havia esperado, pensou Stan.

- Quem é? – disse uma voz masculina.

- Silas?

- Doutor Stan? É o senhor? – perguntou a voz com certa satisfação.

- Sou eu, Silas.

- Doutor Stan, que surpresa!

- Como é que estão as coisas?

- Mais ou menos, doutor.

- Tem ideia de como foi parar aí?

- Ah, doutor, a coisa complicou, o meu primo e eu fomos prejudicados. Ele teve sérios problemas.

- Silas, eu não disse nada – informou o médico olhando ao redor.

- Sei que não, doutor, meu primo é que foi surpreendido no telefone me contando algumas coisas.

- Quem surpreendeu ele?

- O Delegado.

- Meu Deus!

- Ficou uma fera, o senhor nem imagina.

- Silas, falei com o Delegado e ele desconversou, não quis dar detalhes da investigação. Descartou também qualquer participação do Fera...

- Fera? Que diabos é isso?

- Fera é o apelido daquele sujeito que saiu com o Moreira, o dos pulsos cortados.

- Que será que tá acontecendo, doutor?

- Ainda não tenho ideia, pelo menos uma clara, mas descobri coisas.

- Pode me dizer?

- Descobri – iniciou Stan olhando a sua volta – que existe mesmo um culto satânico nessa cidade. Isso fica lá para os lados da antiga fazenda Freitas, bem onde o Moreira foi morto, no lugar onde o Fera tinha levado ele. Talvez os dois tenham sido mortos por terem descoberto ou visto algo.

- Culto satânico? – disse o outro.

- Isso mesmo, que acha?

- Já tinha ouvido falar nisso, aquele maluco que foi visto com o Moreira falava num pessoal que cortava os pulsos...

- Isso!

- Mas esse negócio de culto diabólico não é novidade aqui nessa cidade. Desde que vim morar por aqui que ouço falar nisso, parece que a coisa já tem algum tempo.

- E por que você não me disse que a coisa era pra valer? Pensei o tempo todo que isso era conversa de doido, nem dei atenção quando o Moreira resolveu ir ver isso de perto.

- Mas não há nenhuma evidência de que isso seja pra valer. Quando ouvi falar que o Moreira tinha saído com aquele esquisitão, pensei que estava indo somente se informar sobre as lendas locais. Até o momento nem tinha ligado uma coisa com a outra.

- Sei. Agora você precisava ter visto a expressão que o sujeito que em contou isso tinha. Não dá pra ignorar o que ouvi...

- É complicado, doutor Stan. Acha possível que exista mesmo esse tipo de...

- Lembro que as pessoas que trouxeram o Fera naquele dia estavam com medo. Fui falar com elas e me disseram que não queriam dar detalhes do que aconteceu... Preferiram não se meter, argumentaram.

- Existe algo de podre, muito podre nisso tudo – falou o guarda.

- Pode ter certeza disso.

Quando o doutor Stan saiu do trabalho naquele dia, tomou um caminho inteiramente diferente. Ao invés de ir diretamente para casa, optou por ruas que o levaram ao lugar onde seu amigo tinha sido assassinado. Interessante dirigir à noite. Àquela hora a grande maioria das pessoas estava dormindo, coisa de cidade pequena e fria. As potentes luzes do automóvel substituíam muito bem as precárias lâmpadas dos postes e Stan podia vislumbrar um estranho mundo de sombras e névoa diáfana que tinha lugar somente naquele momento. Foi bem próximo à fazenda Freitas, no bar que havia estado a alguns dias que encontrou sinais de vida. Parou o carro e olhou para dentro do estabelecimento. Alguns homens rodeavam mesas cheias de garrafas e copos. Um deles olhou para fora, tentou identificar e por um breve momento tentou identificar quem estava no automóvel. Stan olhou para o outro lado e viu um estranho grupo: cinco ou sei homens vestidos de maneira esquisita caminhavam tranquilamente. Sem exceção, todos olhavam para Stan e seu carro. Pareciam não ter o costume de ver automóveis novos como aquele, foi essa a impressão que o médico teve. Achou melhor ligar o carro. Os homens continuaram a fitá-lo. “Os sujeitos do culto”, pensou ele e foi saindo devagar. Pelo retrovisor acompanhou os homens que dobraram numa esquina. Experimentou uma espécie de alívio, melhor ir para casa dormir, no outro dia seria seu plantão, tinha era que descansar.

Sentia-se relaxado, apenas experimentando o prazer de dirigir um excelente carro quando um estridente som de buzina o assustou. Olhou para o retrovisor, o brilho intenso de enormes faróis refletidos quase o cegaram. Alguém parecia pedir passagem, mas não havia sentido, estava numa velocidade razoável e a esquerda estava livre, a pessoa no automóvel atrás tivera intenção de assustá-lo. Quem diabos era? Melhor acelerar e se afastar daquele maluco. Seu carro respondeu a expectativa, mas o outro também aumentou a velocidade e continuou buzinando. Stan tomou o outro lado da rua. Se o sujeito fazia tanta questão, tudo bem, podia passar. Apesar disso o outro automóvel atrás não fez o que Stan esperava, continuou na traseira e buzinando sem parar. O médico então compreendeu que aquilo era algo pessoal. Quem quer que fosse estivesse na direção daquele veículo, tinha o firme propósito de assustá-lo. Stan empreendeu ainda mais velocidade e se afastou muito de seu perseguidor. Após consolidar a grande vantagem, Stan diminuiu a velocidade e dobrou uma rua. Dirigiu cerca de cem metros e chegou em casa. Estacionou, desligou o motor e as luzes do carro. Sentia apenas seu coração lhe pulsando nas têmporas e

os estalos do motor do automóvel que com ele pareciam agora serem um só.

Um impacto seguido de um vigoroso balanço fez com que Stan tremesse dos pés a cabeça e voltasse sua atenção para frente do seu carro. Seu perseguidor acabara de bater violentamente nele. Os faróis frontais dos dois automóveis estavam esmigalhados no chão. O outro deu uma marcha ré mostrando uma única lanterna acesa – o impacto fora mais acentuado no lado direito. Stan esperou uma nova investida, chegou mesmo a apertar os dentes e se segurar esperando o choque. Mas o misterioso motorista trocou de marcha, fez uma manobra desviando-se de Stan e seguiu seu caminho em grande velocidade.

O médico ficou ainda alguns segundos parado, acomodado no banco do motorista parecendo um cativo de forças invisíveis.

- Tudo bem aí?

Stan se livrou do cinto de segurança e saiu do carro. Um vizinho o olhava da janela com ar de preocupação.

- Que foi isso?

- Não faço ideia, só sei que ele veio pra cima de mim de propósito.

- Cada maluco! Nem deu pra ver a placar, deu?

- Não, não – respondeu Stan procurando se recompor.

- Talvez estivesse bêbado – supôs o homem.

Stan suspeitou que aquela conversa pudesse se estender indefinidamente. Ouviu outras portas e janelas sendo abertas. Logo toda a vizinhança estaria ali fora, apesar do frio, disposta a especular sobre o acontecido.

Foi somente na sua cama, após um rápido banho e a verificação da segurança da casa, que Stan foi experimentar um pouco de paz. O que acontecera certamente tinha tudo a ver com o fato dele estar tentando descobrir coisas sobre a morte de seu amigo. Ele só podia estar prestes a descobrir alguma coisa para receber uma investida daquelas. A tal seita satânica devia existir, tudo que aquele maluco dissera era verdade!

Levantou-se rapidamente e foi olhar pela janela. Abriu as venezianas. Dali podia ver a rua lateral. Escuridão, silêncio e o vento frio. E se alguém fosse mandado para matá-lo enquanto dormia. Por que não tinha arma? Deus do céu, devia ter uma arma em casa. Nunca pensara nisso, sempre fora um sujeito de paz. Olhou em volta depois saiu do quarto. Voltou com uma faca de cozinha, pôs sobre o criado-mudo, apagou a luz, deitou-se e tratou de dormir.

Uma noite difícil, diria ele para Silas no outro dia.

Pesadelos. Automóveis em alta velocidade...

Depois que falou com Silas ao telefone, Stan experimentou um pouco mais de tranquilidade. A sensação de ter ao seu lado um amigo corajoso lhe deu ânimo. Até então o médico se sentia uma pilha de nervos. Tinham-no exasperado com perguntas sobre o que acontecera com seu carro, além do quê, esperara que cada paciente que atendera naquela manhã fosse um assassino profissional com a missão de liquidá-lo.

Stan foi se refugiar no escritório. Era a pausa para o jantar. Não estava com fome, mas sentia a necessidade de descansar um pouco antes de enfrentar a longa noite. Enquanto relaxava, sentado bem à vontade na sua cadeira, Stan pensava no que ia fazer. Silas o aconselhava a não se intimidar, continuar com a investigação. “Investigação!?”, coisa ridícula! Ele não era nenhum detetive ou policial, ia era acabar morto. Tudo bem se fosse a mando de um fazendeiro reclamando lavar a honra da filha linda que ele se recusara a levar para o altar depois de desvirginá-la, mas por causa de um amigo metido que não hesitara em se meter com satanistas assassinos... Que besteira estava pensando, que desumano! O Moreira o apoiara tanto, fora seu amigo de verdade... Um amigo, coisa difícil de conseguir na vida... Que

desprezível ele era! Um jovem médico metido a conquistador que torcera o nariz quando viera para aquele lugar imaginando que ia encontrar um lugar atrasado e indigno para um sujeito sofisticado e promissor como ele, ou seja, um filhinho de papai com um diploma de médico. Ruim pensar assim, mas era verdade... Não passava de um metido a besta e covarde! Covarde? Sim, senhor! Covarde, covardão. Devia ter uma atitude nobre, ajudar as pessoas, ser um humanista e não viver pelos cantos contando dinheiro e colecionando casos amorosos bancando o Casanova. Ser um bem-feitor sim, interessado nos outros, não o que tinha sido até agora. Devia mudar, mudaria, não teria mais repulsa quando atendesse aqueles pacientes pobres e desdentados. Deixaria de preocupar com o carro importado que ainda não comprara, se casaria, seria um homem digno, não mais o moleque que sempre fora. A medicina era uma coisa nobre, um instrumento para os homens fazerem bom uso e ele a detinha, era excelente, bom no que fazia. Isso mesmo, bom! Um bom homem de agora em diante, preocupado em ajudar os outros, o seu próximo, em descobrir quem tinha matado o seu amigo. Mas, e se o matassem? Que era isso!? Dois minutos atrás pensara que valia a pena morrer por uma garota! Será que já estava se acovardando de novo? Não, não, nada disso. E não ia morrer, nem por investigar quem tinha matado o Moreira, nem por filha de fazendeiro algum.

Antes de anoitecer, Stan fez e refez novos projetos de vida. Teve momentos que achou loucura continuar insistindo naquela busca dos assassinos do amigo, mas por fim se convenceu de que não seria digno do Moreira se recuasse no momento em que se aproximara tanto de descobrir algo.

Foi pensando assim que uma semana depois Stan voltava ao lugar onde seu amigo fora encontrado morto. Ao seu lado, no seu automóvel devidamente consertado, Silas armado e extremamente disposto.

- Tem que dobrar aqui, não?
- Pode deixar que eu sei bem o caminho – falou o médico.
- Certo, certo – disse Silas e ficou olhando a paisagem. Anoitecia.
- Tive pensando numa coisa, Silas – iniciou Stan depois de um bom tempo de silêncio.
- O quê?
- O que vamos fazer se descobirmos de fato quem matou o Moreira?
- Como assim?
- Vamos descobrir um assassino, olhar para a cara dele e simplesmente dizer: “Foi você quem matou o Moreira. Certo? Obrigado, tchau”.
- Não pensei exatamente no que vamos fazer se descobirmos, mas uma coisa é certa, vamos poder pressionar o Delegado e desmascará-lo se estiver escondendo algo.
- Perfeito. E como faremos isso?
- Imagino que se chegarmos a alguma conclusão, teremos provas disso...
- Não sei não – ponderou Stan.
- Não se preocupe – tranquilizou o outro. – Também vamos ver se esse negócio de culto satânico é verdade mesmo e se tem algo a ver com a morte do Moreira.

Stan olhou para os lados quando saiu do carro. Tinha estacionado em frente ao bar onde havia tomado bebida e conversado com alguns homens. Não sabia por que, mas começava a ter receio dos frequentadores daquele lugar. Sujeitos absolutamente hostis nos gestos, olhares estranhos.

- Tudo bem, vamos dar uma volta – falou Silas enquanto arrumava o revólver na cintura pela milésima vez.

- Que caminho?
- Que tal o bar, doutor?

Antes que Stan pudesse concordar ou não, o outro já estava tomando a frente.

Entraram no estabelecimento e foram recebidos por olhares. Alguns homens chegaram a interromper o que estavam para observar os dois.

- Boa noite, pessoal.

Não houve resposta.

- Eu e meu amigo gostaríamos de umas informações – disse Silas. Um a um os homens no bar foram retornando ao que estavam. Apesar do mal-estar reinante, o guarda continuou: - Alguns de vocês podem dizer se existe realmente um lugar onde se pratica um estranho culto por aqui?

Novamente ninguém se manifestou, houve, no entanto, atitudes discretas, mas nitidamente hostis. Dois homens chegaram a levantar e sair. Stan balançou a cabeça desaprovando as ações do amigo.

- Perfeito, agora estamos parecendo dois malucos – cochichou.

- Será que aqui só tem gente surda? – desafiou Silas.

- Vamos embora – chamou Stan.

- Devo perguntar de novo? – falou o guarda em tom de ameaça.

- Vamos...

- Saia daqui pelo amor de Deus! – gritou o dono do estabelecimento. – Não sabemos de nada aqui.

- Como não...

O homem se aproximou o mais que pôde de Silas.

- Não entende, amigo? Não sabemos de nada, não vemos e nem ouvimos nada. – Ele olhou em volta, seus clientes exibiam expressões que se solidarizavam mutuamente. Certamente aqueles homens tinham ouvido histórias, sabiam coisas que preferiam não ter tido conhecimento. – Talvez você tenha maiores informações numa certa fazenda perto daqui, neste bar como todos ignorantes e gostamos de ser assim, entendeu, amigo?

Silas encarou o homem e fez um aceno de cabeça.

- Entendi... Amigo...

Voltou-se para Stan:

- Vamos.

Saíram deixando atrás deles um bando de homens silenciosos e incomodados por terem sido obrigados a lembrar de um assunto extremamente desagradável.

- Aquilo foi loucura – disse Stan.

- Ora, funcionou, não?

- Devíamos ter ido direto para a fazenda.

- Não sem antes ouvir a voz do povo, doutor.

- Uma coisa, Silas...

- O quê?

- Pare de me chamar de doutor.

Pararam diante do imenso portão aberto da fazenda. Por um breve momento ficaram olhando para a imponente propriedade sem dizer nada.

- É um belo lugar – falou Stan.

- Com certeza – disse o vigia, os olhos perdidos na imensidão da fazenda.

Uma caminhonete buzinou atrás deles.

- Desculpe.

Numa pequena manobra, Stan tirou seu carro do caminho e o outro automóvel passou. Na carroceria, três trabalhadores olharam para Stan e Silas com ar de desconfiança. “Sempre os mesmos olhares”, pensou Stan.

- Vamos – chamou Silas e foi andando. Talvez Stan tentasse impedi-lo ou questioná-lo sobre aquela atitude, mas o fato era que estava curioso demais para isso. Precisava ver o que havia naquela fazenda e sentiu-se de certa forma contente ao ver o amigo saltar do seu carro e entrar no lugar pela imensa porteira aberta. Tratou de acompanhá-lo.

Caminharam um bom trecho em silêncio, seguindo a direção da caminhonete. Ao se aproximarem de um imenso galpão, um dos trabalhadores parou para recepcioná-los.

- Que querem? – indagou de maus modos.

- Calma, rapaz, somos apenas visitas – informou Silas.

- Senhores – alguém chamou.

Stan olhou e viu o motorista da camionete que acabava de fechar a porta do veículo. Imediatamente teve a impressão de que já tinha visto aquele sujeito.

- Pois não – falou Silas.

- Senhores, não sabem que a invasão de propriedades é um crime extremamente grave por estas bandas? – falou o homem com certa simpatia enquanto se aproximava.

“De onde conheço este sujeito?”, perguntou Stan.

- Isto não se trata de uma invasão – argumentou Stan.

- Que é isso? – falou o homem mantendo um ar de divertimento. Os outros dois trabalhadores munidos de enxadas se aproximaram ameaçadores.

“Seria do posto de saúde?”

- O senhor nos confunde, estávamos apenas...

- Lamento, mas isso não pode ficar assim – informou o homem. Outros trabalhadores do lugar surgiram.

“Não, do posto não. Quem sabe daquelas redondezas... Do bar! Isso, do bar, tinha até conversado, falado sobre a morte do Moreira. Seu nome era... Júlio”, recordou.

- Que é isso? – perguntou Silas ao ver a atitude dos trabalhadores que faziam uma espécie de cerco. – Isso só pode ser brincadeira – falou com meio sorriso.

- Não gostamos de invasores por aqui – disse o homem.

- Por favor, nos desculpe, não tínhamos intenção – iniciou Stan – de invadir sua propriedade. Conheço o senhor e talvez o senhor lembre que...

- Você. Lembro sim. É o médico maluco que anda por estas bandas falando besteira. Não quero saber de nada, vocês se meteram numa coisa séria.

Stan ia tentar argumentar, mas se deteve ao se ver cercado por homens que empunhavam ferramentas. Silas pegou o revólver.

- Para trás, se não a coisa vai ficar séria!

- Atira! – ordenou o homem e logo em seguida fez sinal para que os empregados fechassem ainda mais o cerco. Havia inúmeros homens. Por um instante Stan e Silas não souberam dizer de onde tinham surgido.

- É melhor se afastarem – avisou Silas apontando a arma de um para outro.

- Atira!

- Vamos resolver isso com calma, gente – pedia o médico, seu nervosismo crescendo.

Silas atirou para cima e voltou a apontar o revólver. Não houve resultado.

- O próximo vai ser em você – disse para o sujeito que estava mais perto. Em resposta o homem o atacou. Silas teve que se esquivar e acabou recebendo um golpe de enxada, recuou e atirou atingindo um dos homens que caiu estendido no chão. Outros atacaram, ele se defendeu, mas logo foi desarmado por uma eficiente investida.

- Meu Deus! – gritou Stan e foi jogado ao chão por um atacante sorrateiro. Ao solo foi atingido mais duas vezes.

Stan abriu os olhos, fechou-os, tornou a abri-los. Olhou para o lado e viu Silas sentado numa cadeira de madeira, semelhante a sua, e com as mãos, como ele, amarrados para trás. Apesar do que certamente

seus algozes pensaram, ele estivera consciente todo o tempo. Percebera, ainda que de maneira não muito clara, quando ele e seu amigo foram arrastados até ali. – um longo trecho, escuro e tortuoso, podia recordar a despeito da dor de cabeça e confusão – como dois prisioneiros, algo muito próximo ao que era visto com frequência no cinema. À frente deles, alguns homens, Júlio, de pé, com ares de torturador chefe.

- Vocês não sabem com o que se meteram – disse.

- Filho da puta! – falou Silas ofegante. Stan tornou a olhar para ele. Certamente estava muito machucado.

- Meu Deus! Deixa a gente ir embora...

- Cale a boca – ordenou o homem. – Aqui não existe Deus. Fique calado. Você quis meter o nariz onde não devia, aguente as consequências dos seus atos agora.

- Só viemos aqui pedir algumas informações, queríamos descobrir alguma coisa sobre a morte do nosso amigo, só isso – se defendeu Stan.

- Não dê uma de inocente, seu médico de merda! Sabemos que além de buscar qualquer coisa sobre o assassinato daquele idiota, você buscava respostas sobre uma seita.

Stan balançou a cabeça.

- Tudo bem, mas não tínhamos...

- Fomos nós que matamos o idiota do amigo de vocês.

O médico empalideceu. Silas, pela primeira vez, levantou o olhar, sua expressão de dor tornou-se uma máscara de horror e descrédito.

- Foram vocês mesmos, então – disse ele.

- Exato. Mas não o fizemos num ritual para venerar o diabo, um sujeitinho sem importância como aquele de nada serve. Nós o eliminamos porque o encontramos aqui, fuçando, dando uma de espião e isso não toleramos.

- Por favor, deixe a gente ir, não acreditamos no que acabou de dizer, não vamos...

- Praticamos uma religião aqui sim – disse o sujeito sem dar atenção ao médico. Fez uma pausa como se fosse continuar um importante discurso: - A verdadeira e mais antiga religião da terra. O melhor caminho para o homem, a busca da verdadeira justiça, a crença dos espíritos superiores, o protesto dos anjos caídos, a manifestação dos companheiros do nosso Lúcifer, a suprema filosofia entregue a nós um ex sacerdote do Deus-ditador, escolhido para nos colocar, os homens que não aceitam qualquer argumento, acima de todos os outros e em resistência contra o Deus mentiroso e hipócrita – fez uma pausa, olhou de um para o outro. Afastou-se e logo regressou com uma arma, a que fora tomada de Silas. – É isto que estamos dispostos a defender, é no que acreditamos. E há muitos nessa cidade que compartilham conosco esta verdade, gente importante – fez nova pausa conferindo o número de balas no revólver. – Gente influente, gente influente – repetiu com um sorriso de louco e em seguida apontou a arma para o teto.

- Por que está no dizendo isso? – perguntou Stan com voz trêmula.

- Estou dizendo isso a você, só a você porque talvez saia dessa vivo – disse Júlio, apontou a arma para Silas e disparou duas vezes contra sua cabeça.

Com os ouvidos zunindo, Stan gritou, mas antes que pudesse finalizar seu brado, uma pancada forte na sua nuca, desferida com o revólver, o fez perder os sentidos.

Somente os amigos de Stan estranharam seu pedido de demissão. A secretária de saúde do município o dispensou com um lamento. O médico se afastou de todos e se preparou para deixar a cidade alegando não estar mais gostando dali. Acabou-o fazendo numa tranquila manhã, dirigindo seu carro ao som de concerto para violino de Beethoven. Como tinha escapado da maior situação de perigo de sua vida,



daquela seita que ele agora sabia era formada por sujeitos influentes, “donos” de Paraíso Alto, permanecia sendo uma questão interessante. Certamente o tinham deixado ir por causa da certeza de sua incapacidade de fazer algo, mas apenas por isso? E Moreira? E Silas? Por que não tinham sido poupados? Talvez nunca soubesse, apesar de estar pensando nisso desde o momento em que acordara confuso e com frio no meio do mato. Livre, pensara, ainda que experimentando grande pavor até o momento que encontrou seu carro.

Antes de chegar ao seu destino, porém, Stan encontraria uma pequena Bíblia no porta luvas do carro. Pensou em Deus, na existência do diabo e lembrou do convite que tinha encontrado no bolso de sua calça depois de ter escapado dos malucos... Um convite para fazer parte da filosofia do mal...

Parado no acostamento da estrada, Stan olhou em volta e pensou nos amigos mortos. Deus sabia que não podia fazer nada.

## MALIINKOV

*“A única coisa do qual poderiam ter me acusado era a de manter um cemitério sem licença.”*

*John Wayne Gacy o palhaço assassino.*

O lugar não é tão ruim assim. Eu acho. É óbvio que possui todas as privações típicas das prisões russas, mas se não o fosse, que satisfação teria a nossa sociedade? Bestas enfurecidas, devidamente encarceradas para o contentamento geral. Cães raivosos seriam melhores tratados que nós. Mas merecemos sim, e não posso culpar ninguém. Eu, e mesmo alguns aqui, seríamos capazes de fazer bem pior. Não viemos pra cá por causa das nossas boas ações. A maioria dos sujeitos desse lugar não gosta da própria mãe. O tratamento a mim dispensado é bem mais brando do que o que eu faria com estes supostos guardiões da sociedade, por isso não me queixo. Sofro, mas gosto do sofrimento. E é com uma satisfação imensa que minha alma indômita se enche ao me deparar todos os dias com a degradação cada dia maior. Gosto de ver os meus semelhantes pagando cem vezes mais por seus crimes e não tomo partido deles, de ninguém, eu só amo a dor. Não importa quem empunha o flagelo ou quem é vítima, a violência e a bestialidade é que são necessários. Vivi minha vida de acordo com meus preceitos e isso se resume no que acabo de definir como indispensável.

Serei condenado a morte. Muito provavelmente encontrarão uma maneira de convencer o estado de que não tenho nenhum problema psicológico que me impeça de compreender a natureza dos meus atos. Para mim tudo bem. Não acredito que meu cérebro, e o que se passa nele, sejam comuns aos seres considerados normais, mas tenho plena consciência do que fiz. O mal, creio nisso, posso até ser louco (Afiml quem mais pode considerar isso num ser humano deve ser ele mesmo), mas sou inteiramente responsável e cômscio de tudo o que pratiquei.

Se mereço morrer? Claro! Todos nós o merecemos. Passei a vida inteira tomando sob meu julgo a existência de criaturas indefesas e não poderia censurar quem quer que seja capaz de matar. Além de tudo, desejo mesmo morrer, abandonar este corpo, deparar-me com a aniquilação absoluta. Faço questão de encontrar o destino final, experimentar o que proporcionei a muitos. Trarei certo contentamento a sociedade e aos familiares das minhas vítimas. Cada um tem a porção de saciedade que o destino próprio oferece.

Apesar do que possa parecer, não estou só. Além dos sujeitos com os quais mantenho animados diálogos, percebo uma presença, uma essência que se personifica nesse lugar, que paira no ar como uma inteligência e que me faz companhia na minha cela durante as longas horas de vigília noturna. Fora desse lugar, algum supersticioso definiria essa presença como sendo o diabo. Não fico à vontade em tentar definir essa minha sensação como sendo o diabo presente. Chego mesmo a duvidar que exista um diabo pessoal. Todavia se tivesse que manifestar alguma especulação sobre este fato, eu o imagino como um ser inescrutável que vem apenas se alimentar vibrações desse lugar.

Teria muito mais o que relatar sobre minhas impressões, minha vida e mais, todavia não disponho de tempo e nem de material no momento. Espero que alguém leia este pequeno relato, o relato de um homem

considerado monstro por ele mesmo e pela sociedade que o criou. Desejo também que o público tenha conhecimento do pouco material que escrevi quando estava em liberdade – que não seja confiscado para sempre pela polícia ou mesmo destruído.

*Alexander Malinkov*, 18 de abril de 1965

Carta encontrada na cela de *A. Malinkov* no manicômio judicial de *Ulishenkova*, Moscou Rússia... *Alexander Malinkov* assassinou pelo menos vinte e um pessoas... Ele escreveu um pequena biografia em mais de uma centena de cartas onde relata seus crimes. Tal documento se encontra até hoje em poder da policia russa.



Jorge Raskolnikov – Formado em Artes cênicas e licenciado em teatro pelo Instituto Federal do Ceará -

Escreve textos de teatro, ficção e roteiros.

*Surge et ressurge dum agni leones fiant*

